Machine Translated by Google



PREMIO EDEBÉ DE LITERATURA JUVENIL

PALABRAS ENVENENADAS

MAITE CARRANZA

edebé

Machine Translated by Google

Anotações

O que aconteceu com Bárbara Molina? Seu corpo nunca foi encontrado e nenhuma evidência foi encontrada para prender qualquer culpado. Uma ligação para um celular vira o destino de muita gente de cabeça para baixo: o de um policial prestes a se aposentar, o de uma mãe que perdeu a esperança de encontrar a filha desaparecida, o de uma garota que traiu sua melhor amiga.

Palavras Envenenadas é a crônica de um dia agitado, vivido contra o relógio e protagonizado por três pessoas próximas a Bárbara Molina, misteriosa e violentamente desaparecida quando tinha quinze anos. Um enigma que, após quatro anos sem ser desvendado, vai ser abalado por novas pistas. Às vezes a verdade permanece escondida no escuro e só é iluminada abrindo uma janela.

Uma história de mentiras, segredos, enganos e falsas aparências que acerta em cheio em mitos inquestionáveis. Uma história arrepiante que disseca a hipocrisia da sociedade espanhola moderna. Uma denúncia corajosa do abuso sexual infantil, suas consequências devastadoras e sua invisibilidade neste nosso mundo bem-pensante.

- PALAVRAS VENENOSAS
-
- PRIMEIRA PARTE A garota que viu amigos
  - 1. Salvador Lozano
  - 2. Nuria Solís
  - 3. Bárbara Molina
  - 4. Salvador Lozano
  - 5. Bárbara Molina
  - 6. Eva Carrasco
  - 7. Salvador Lozano
  - 8. Bárbara Molina 9.
  - Salvador Lozano 10.
  - Eva Carrasco

Machine Translated by Google

- PARTE DOIS no escuro
  - 11. Nuria Solís
  - 12. Bárbara Molina
  - 13. Salvador Lozano
  - 14. Eva Carrasco
  - 15. Bárbara Molina
  - 16. Salvador Lozano
  - 17. Nuria Solís
  - 18. Bárbara Molina
  - 19. Eva Carrasco
- TERCEIRA PARTE O MAL DE MOLIÈRE
  - 20. Nuria Solís
  - 21. Bárbara Molina
  - 22. Salvador Lozano
  - 23. Bárbara Molina
  - 24. Eva Carrasco
  - 25. Salvador Lozano
  - 26. Nuria Solís
  - 27. Bárbara Molina
  - 28. Salvador Lozano
  - AGRADECIMENTOS

Machine Translated by Google

PALAVRAS VENENOSAS

MAITÉ CARRANZA

PRÊMIO EDEBE DE LITERATURA JUVENIL

Autor: Carranza, Maite
©2011, Edebé
ISBN: 9788468303178

Gerado com: QualityEbook v0.35

Machine Translated by Google

Às mulheres que sofrem.

Machine Translated by Google

PRIMEIRA PARTE A garota que viu amigos

Machine Translated by Google

O dia do meu décimo nono aniversário foi como qualquer outro.

Eu sabia, claro que sabia, que era um ano mais velho, mas não me importava porque o saldo dos trezentos e sessenta e cinco dias que eu tinha para comemorar era exatamente igual aos trezentos e sessenta e cinco dias correspondentes ao ano anterior. Em outras palavras, dispensável. Apesar de tudo, tentei buscar o lado positivo e cheguei à conclusão de que valia a pena fazer aniversário porque, no mínimo, ganharia um presente. Dispensei, porém, as velas que carregam saudades, lembranças e o compromisso consigo mesmo de ser feliz.

estúpido. Não quis dar importância especial à data porque minha vida não era lançar foguetes. Refugiei-me na rotina habitual de levantar, fazer ginástica, tomar banho, tomar café da manhã, estudar, comer, assistir TV um pouco e esperar a visita surpresa com um sorriso. Não foi difícil para mim, estou satisfeito com muito pouco.

Uma semana antes ele havia me perguntado se eu tinha algum capricho, algum desejo especial. Eu sei que ele estava disposto a me comprar qualquer coisa estúpida, um vestido, alguns sapatos, um iPod. Mas eu não queria nada que pudesse ser pago com dinheiro e pedi a ele que me levasse à praia. Meu sonho era mergulhar no mar de uma rocha, mergulhar com os olhos bem abertos, rastejar até ficar sem fôlego e deitar flutuando nas cristas da espuma, embaladas pelas ondas. Eu queria me sentir leve, escapar como um peixe e me perder no horizonte até que meu corpo branco fosse apenas um ponto distante pontilhando a monotonia do azul.

Ele me disse isso talvez um dia, e me deu a nona temporada de *Friends.*

Confesso que fiquei emocionado.

Machine Translated by Google

1. Salvador Lozano

O subinspetor Lozano está na porta do apartamento dos Molinas, recuperando o fôlego. Vestiu o paletó cinza, aquele que vestiu pela primeira vez no casamento do filho há sete anos, e a gravata de seda com iridescências avermelhadas.
Ele se sente um pouco desconfortável e no último momento lhe ocorre que a gravata pode estar muito alta. Ele sempre sofre por causa do camarim. Levantando o braço para tocar a campainha, ele descobre que suas mãos estão suando. Ele não gosta de visitar ninguém de graça, mas deve. É uma visita de cortesia. Se não tivesse esse gesto, sempre se arrependeria de ter deixado aquela gaveta aberta e pagaria por isso com sua insônia. Ele enxuga as palmas das mãos com um lenço que encontra no bolso da calça, respirando pesadamente. Tem sido difícil para ele subir os três andares por causa dos quilos ou dos anos, ou seja, mas é um homem decidido e por mais embaraçoso que a situação lhe cause, tem que dar uma explicação ao casal Molina. Eles não podem descobrir pelos outros e o telefone, afinal, é um aparelho frio. Então, ele pigarreia como antes de um interrogatório e pressiona firmemente o botão da campainha. Ele se sente responsável por seu caso, diz a si mesmo enquanto espera que o abram, pelo pesadelo que traiçoeiramente os surpreendeu um dia e que vem roubando sua vontade de viver. Eles mal saíram. São doentes terminais que já não contam os dias. E mesmo assim, às vezes, ele percebe no fundo de seus olhos uma centelha de esperança pronta para acender com qualquer pista. Eles esperam um milagre, um corpo.

Ninguém abre, talvez eles não estejam lá. Tente novamente e, desta vez, deixe a campainha soar estridente por um longo tempo.

No entanto, ele falhou com eles, ele pensa enquanto apura o ouvido para qualquer ruído vindo do outro lado. Tudo está em silêncio. Não deveria haver ninguém. Sólo les puede dejar, y enumera mentalmente, un bolso abandonado, un caso archivado sin cuerpo, un número de expediente olvidado y la fotografía de una chica sonriente que amarillea dentro de una carpeta repleta de papeles inútiles, atiborrados de declaraciones inútiles, perdidos entre pistas inúteis. Sem qualquer indicação.

De repente, alguém abre a porta de forma suspeita, abrigado atrás de uma corrente de segurança. De dentro, da escuridão de um

Machine Translated by Google

salão inóspito, uma voz pergunta quem é. É a voz de Nuria Solís.

Os Molinas moram em um apartamento no Eixample de Barcelona decorado discretamente, sem ostentação ou dissonância, com cores claras e sobriedade oriental. Antes era confortável, mas aos poucos se tornou um espaço obsoleto. As paredes com tinta lascada, os móveis empoeirados, a persiana da sala de jantar quebrada há dois anos sem que ninguém a tivesse consertado ainda. A cozinha é fria, funcional, para ir puxando. Nunca cheira a refogado ou caldo. Às vezes, ocorre a ele que está visitando a casa de alguns mortos-vivos que morreram há quatro anos e que foram mantidos vivos artificialmente. Os meninos são mudos, discretos e esquivos. Impróprio para sua idade. As gêmeas, esguias e tímidas, completaram quinze anos, os mesmos anos que Bárbara desapareceu, mas é como se não existissem. Passam despercebidos, falam por gestos e desviam o olhar quando há visitas. Eles aprenderam a não impedir a dor de seus pais. Eles tiveram uma infância quebrada.

Nuria Solís recebe-o com a pergunta de sempre. Eles a encontraram?
Não há nada mais desanimador do que um não, mas não haverá mais perguntas. Eu vim para dizer adeus. Nuria Solís demora a reagir, como se não tivesse entendido. Ele também não o convida para entrar. Ela removeu a corrente, mas permaneceu paralisada na porta, como se tivesse recebido uma bofetada. Para dizer adeus?, ele repete incrédulo. Salvador Lozano fecha delicadamente a porta atrás de si e entra na sala sem ser convidado.
é seu marido?

Nuria Solís tem quarenta e três anos e é enfermeira. Quando ele a conheceu, ela tinha trinta e nove anos e era uma mulher bonita. Agora seu cabelo está prematuramente grisalho, ela se veste desalinhada e respira por dever. Não, ainda não chegou, está trabalhando, responde. É normal, diz Lozano para si mesmo, de manhã as pessoas estão acostumadas a trabalhar, como ele, que está cumprindo sua obrigação, embora no seu caso, infelizmente, possa ser pela última vez. Se estiver tudo bem com você, então eu vou explicar para você.
E ele se senta e oferece um assento para ela, como se estivesse em sua própria casa e não o contrário. Nuria Solís, obediente, senta-se e escuta, ou finge que escuta.
Por muito tempo ele só ouviu a resposta para uma única pergunta e, uma vez feita, desliga e deixa as palavras escaparem e se perderem. Amanhã farei sessenta e cinco anos, esperei até o último dia, mas me aposentam, ele solta sem funis. Quanto antes melhor, assim não há mal-entendidos, pensa. Ela olha para ele com os olhos arregalados e seu rosto

Machine Translated by Google

inescrutável, de modo que Lozano não pode deduzir se entendeu sua simples explicação. O subinspetor confirma que teria preferido falar com Pepe Molina. Quer dizer que não vão mais procurá-la?, pergunta Nuria devagar. Não, não, Lozano se apressou em retificar. Agora o caso passará para as mãos do meu substituto. Será ele quem se encarregará da investigação e quem manterá comunicação com você.

Nuria parece aliviada por um momento, mas imediatamente fica chateada. Quem é esse? O subinspetor Lozano tenta ser convincente, mas sua própria voz soa falsa. Ele é um jovem entusiasmado e muito bem preparado, o subinspetor Sureda. Tenho certeza que você terá mais sorte do que eu tive. Ele gostaria de dizer profissionalismo, mas não queria mentir. O futuro subinspetor Sureda, que acaba de completar trinta e um anos e tem um futuro brilhante, pode trazer entusiasmo, mas não profissionalismo.

Núria, estupefacta, cala-se. Talvez ele esteja meditando sobre aquelas dúvidas que não expôs. Ela é uma mulher assustada. Junto com o marido, ela nem se dá ao trabalho de falar mais, deixa que seja ele quem manda. Ele não se deixou chegar a esse ponto. O homem perdeu o ânimo dos primeiros meses, o da obsessão por encontrar Bárbara que o levava a interferir no trabalho policial, mas agora se acalmou e se resignou com a perda. Eles têm um humor muito diferente. Ele sofre com dignidade enquanto ela sofre com a falta de dignidade. Isso o lembra de uma garota molhada na chuva. Nuria Solís assente e abandona-se aos seus pensamentos. Longe, opaco, indiferente. Nada mais importa. Ele renunciou para agradar. Ele gostaria de conhecê-la antes que ela perdesse a filha e a vontade de viver. A incerteza sugou seus miolos.

Nuria Solís não diz nada e se mexe inquieta na cadeira. Claramente algo está faltando. Eu teria que falar com meu marido, ele desiste abruptamente. Ele tem a cabeça no lugar, ele admite. O subinspetor Lozano também pensa o mesmo, mas reconhece que é falta de educação da parte dele alterar o plano dela, já que ela é uma interlocutora tão válida quanto o marido. No entanto, Nuria já se levantou, pegou o celular da mesa e discou um número.

Pepe?, exclama, implorando. Sua expressão muda conforme ele o ouve. Não, com licença, sei que está trabalhando, mas o subinspetor Lozano chegou. Fica alguns segundos em silêncio, trêmula, e volta a falar com voz hesitante, com a mesma hesitação com que enfrenta o inconcebível vazio de uma ausência. Não, não há nada de novo sobre Barbara,

Machine Translated by Google

esclarece. Mas ele queria se despedir de você, ele se aposenta amanhã. Ok, ele conclui após uma longa explicação dele. Ela relaxou as facções porque provavelmente ele deu a ela uma solução para o problema que ela não conseguia resolver sozinha. E ela pendura com um brilho nos olhos, aliviada por ter conseguido se livrar de uma carga inesperada. Ele diz que vai parar para vê-lo pessoalmente.
O subinspetor Lozano sabe que o fará, que é um homem de iniciativa e de agenda organizada. Ele é um representante de joias. Ele sabe como tratar os clientes e organizar seu tempo. E apesar de viajar continuamente, consegue estar com a mulher e os filhos e zelar pela família. Ela até cuidou do cachorro que eles tiveram que tirar de casa porque os lembrava muito de Bárbara. É um homem enérgico, vital, que comandava as manifestações pela filha, sempre na primeira fila, bandeira na mão, incansável. Se levanta. Não há razão para prolongar a visita. Tudo já foi dito e, além disso, Nuria Solís esqueceu as regras elementares de cortesia e nem o convidou para um café. O tempo ruim acabou, ele diz para si mesmo relaxando. Eles caminham em silêncio até a porta e, de repente, antes de abri-la, ela para, vira-se para o policial e o abraça. O subinspetor Lozano não sabe como reagir e continua rígido, com os braços desajeitados.

Logo ele se deixa contagiar pela emoção e a envolve, protegendo-a com sua calorosa humanidade. Ela é frágil, como uma menina. Uma garota quebrada. Ficam assim, abraçados, unidos numa despedida estéril. Obrigada, murmura Nuria Solís. E ela se separa dele, deixando um calor em seu peito que dissolveu a acidez de seu fracasso. Ele simplesmente retribuiu os agradecimentos que os policiais nunca esperam, mas sempre desejam. Ele entendeu o esforço que teve que fazer para ir para casa se despedir. Ele sabe que também reluta em abandonar Bárbara, em passá-la a outros que acariciarão sua memória com entusiasmo, mas sem a menor delicadeza.

Com a porta entreaberta, ela sorri para ele em meio às lágrimas e por alguns momentos ele pode sentir que o sorriso dela antes era radiante e fresco como o da fotografia de Bárbara que ele olhou tantas vezes.

Machine Translated by Google

2. Núria Solis See More

Nuria vagueia pelo apartamento como uma alma perdida.

A visita do subinspetor a afligiu. Não, diz a si mesmo, não há necessidade de procurar desculpas. Ele viveu com a angústia por muito tempo, mas às vezes ela se torna tão dilacerante que ele a sente como uma faca rasgando sua pele. Como agora, quando ele a deixou sem fôlego e a empurrou para abrir a porta do quarto de Bárbara. Está intacto, exatamente como ele o deixou há quatro anos. É o único cômodo da casa que ele limpa regularmente, como um santuário. Tire o pó das prateleiras, varra o chão e limpe a mesa. Antes, ele se trancava dentro de casa para beber, sozinho. Ela, o frasco de Torres 10 e o cheiro do perfume de Bárbara. Cercada por suas fotos, seus livros, os brinquedos de quando era criança. Ela iria embora chateada e levaria semanas para ela se reerguer. Você não controla, Pepe disse a ele. E embora a princípio negasse, acabou admitindo. Ele estava se deixando entrar em uma espiral de autopiedade destrutiva. A análise precisa foi feita pelo psiquiatra. E ele receitou pílulas. Comprimidos para levantar, comprimidos para andar, comprimidos para dormir, comprimidos para viver. Ele suspeitou que havia comprimidos demais, que os comprimidos roubaram sua raiva e abafaram seu grito. Mas eles também apagaram a dor. Ela viveu tíbia, em banho-maria, mas quando os esqueceu de propósito, Pepe a repreendeu e a obrigou a levá-los. Você está doente, aceite isso.

Agora vive com os comprimidos, esqueceu-se das bebidas enganosas e agora ele não pensa em suicídio com tanta frequência.

Mas não é bom.

Nunca será.

Arraste a laje de suas obrigações. Depois de seis meses afastado, voltou ao trabalho. Ela é enfermeira e trabalha no turno da noite no Hospital das Clínicas. Não podes deixá-lo perder, aconselhou-o Pepe, está perto de casa, o trabalho vai distrair-te. Não importa, para que ele não sofra de insônia ou tenha que lidar com as horas escuras e intermináveis, ouvindo o tique-taque do despertador e o ronco de Pepe. Ele quase não dorme. Quando volta para casa, de manhã cedo, prepara o café da manhã para os gêmeos, levanta-os e se despede. Então ele vai para a cama e finge descansar, mas não consegue desligar. Ele balança a cabeça, fecha os olhos e os abre novamente imediatamente. Tem

Machine Translated by Google

palpitações e o coração, descontrolado, bate como quer. No hospital há pouco trabalho à noite. Eles a encaminharam para a enfermaria de ginecologia e os colegas solidários e compreensivos contam piadas, comemoram aniversários com doces e champanhe e a abraçam maternalmente para afastar a tristeza. Os abraços a confortam e às vezes, na companhia deles, ela se sente como antes, uma mulher forte, pragmática e decidida. Uma mulher que poderia ter ido longe se tivesse pacientemente desfiado a meada dos seus sonhos, puxando o fio da meada de ir viver para o campo, comprar uma carrinha para dar a volta ao mundo, ou terminar o curso de medicina que deixou pendente quando Bárbara nasceu . Porque Nuria cobiçava projetos ambiciosos que se desvaneceram com as maternidades e desapareceram por completo com o cataclismo do desaparecimento da filha. Antes, eu tinha responsabilidades, prestígio e muitos pontos para ser Chefe de Plantão de Enfermagem. A vontade que ela tinha quando jovem de escalar montanhas, escalar paredes e esquiar nas encostas dos Alpes e que a tornava uma menina espirituosa é agora uma memória difusa, aquela trazida por fotografias do passado que parecem pertencer a outra pessoa , para um sorridente e corajoso estudante de medicina, a garota por quem ele se apaixonou Pepe. Agora ele não tira mais fotos. Ele não quer ver a imagem da mulher que capta a lente. O trabalho é absorvente e às vezes até se esquece de Bárbara. Há momentos em que a pressa de salvar uma vida apaga momentaneamente sua própria agonia. Ele viu seios cortados, úteros removidos e trompas e ovários operados e também viu meninas morrerem. E nesses momentos precisos, ele sabe que existem condições como a sua, ou pelo menos iguais a ela. Mas não dura muito. Depois de se virar e voltar para casa, o chão afunda sob seus pés novamente. Não há nada pior do que viver na incerteza, lamenta. Os vivos enterram os mortos e os lamentam. Eles trazem flores para o nicho e os visitam para todos os santos.

Mas ela não sabe se Bárbara está viva ou morta. Ele não sabe se deve chorar por ela e entrar no transe do luto ou se deve manter acesa a chama da esperança. E essa dúvida, esse ir e vir constante, a está consumindo. No entanto, ela é orgulhosa e não suporta ter pena. Ele abomina a compaixão e por isso não pisa nas lojas. Ele só vai para casa do hospital. Ele não pôs os pés na escola dos gêmeos novamente, a mesma escola onde Bárbara estudou por doze anos. Não quer falar com ninguém e sobretudo não quer ver as mães acompanhadas das filhas. A única vez que foi fazer compras com Pepe, ela via mães e filhas por toda parte, obsessivamente. escolhendo alguns

Machine Translated by Google

sapatos, olhando brincos, experimentando uma camiseta, rindo na fila da carne. Foi como um soco no estômago. Não posso, não vou, nunca poderei! Bárbara não está aqui!, repetia no carro, abalada pelas lágrimas, vítima de uma crise histérica. Até que Pepe deu um tapa nela. Nunca mais voltarei, jurou a si mesmo.

Isso o salva. Pepe encarregou-se das compras semanais, de levar o cão a passear, e assumiu a logística. Nos primeiros dias, Nuria esbarrava constantemente no cachorro de Bárbara, farejando o apartamento de um lado para o outro e latindo de forma lamentável para o quarto vazio. Por favor, leve-o embora, ela implorou ao marido desesperadamente. E Pepe o colocou no carro e o deixou na casa dos Montseny. Ela é muito grata a ele porque ele não precisa pensar. Ele perdeu o hábito de pensar, decidir, escolher.
Ele faz o que lhe é dito e é isso. Ele não pode tomar decisões e ele aceita isso. Por outro lado, Elisabeth, sua irmã, ainda não entendeu. Você não percebe que não é assim?, ele dizia. Reaja, por favor, grite, bata na parede, faça alguma coisa.

Elisabeth é como uma menina, pensa muitas vezes Nuria Solís. Ele se apega às imagens da infância e reluta em aceitar mudanças. Tampouco aceitou seu casamento ou sua maternidade porque significavam renúncias, as renúncias da maturidade. Achei que seria sempre uma cabra maluca subindo a montanha sem desistir. Elisabeth sempre quis ter a mesma irmã mais velha que não tinha medo do escuro, cantava canções para ela e segurava sua mão à noite. Ele não se resigna à sua preguiça. Você deve ser autônomo, ele insistiu. Autônomo para quê?, ela se perguntou. Por que eu iria querer ser autônomo se não tenho desejo? As pessoas que estão vivas não podem conceber a renúncia de outras pessoas. Eles são um obstáculo. Iñaki, seu cunhado, convidou-a três verões seguidos para velejar com o veleiro. O mar te faria bem, a brisa e os banhos te reanimariam. É basca, vital, e não vive sem o mar. Mas é indiferente para ela, como tantas coisas.

Você precisa de férias, insiste Iñaki quando liga para ela. Férias para quê? Não vê que para ela não há diferença entre um dia e outro? Todo mundo é uma condenação, não importa onde aconteça. Ela está eternamente condenada a sofrer. Se eu pudesse saber se ela está viva ou morta, poderia desfazer o nó em seu peito que às vezes a sufoca. Onde está? Está? Não está? Como você deve se lembrar dela? Vivo ou morto?

Machine Translated by Google

Há dias em que o cadáver de Bárbara a visita como um pesadelo recorrente. Há dias em que ele sonha com ela rindo, o nariz lambuzado de chocolate e sorvete de baunilha. Mas outros dias, no máximo, ela intui seu sofrimento, sozinha, e então a impotência se apodera dela.

Bárbara, quando criança, era dele. Minha menina, sussurrou em seu ouvido enquanto ela dormia chupando o dedo. Eles iam a todos os lugares juntos. Eu tenho um chiclete de menta viciado, ela brincou com as amigas. Olhe para ele, o nome dele é Bárbara. Eu não sou um chiclete de menta, sou uma garota de morango, ela protestou ofendida. Animado, afiado, inteligente. Barbara cresceu com esses adjetivos. Ele começou a falar muito rápido e murmurou tudo com sua língua de trapos.
Às vezes, ele a envergonhava em elevadores ou em consultórios médicos. Olha, mãe, esta senhora é tingida. E... claro, eu também. Sim, mas ela está muito tingida e você pode ver suas raízes e não.

Anedotas a serem contadas no jantar, com risadas abafadas, que se multiplicavam com a chegada dos gêmeos. Bárbara tinha quatro anos quando eles nasceram e foi visitá-los na clínica. Ela os mostrou a ele, animada.
Olha que brinquedos fofos! Bárbara olhou-os com ar circunspecto, fez-lhes quatro doces promessas, abriu a porta do armário e disse muito séria: Agora podemos guardá-los, amanhã volto a brincar um pouco.

Ela gostaria de se apegar à infância de Bárbara, mas passou rápido demais e ela ficou de pés e mãos amarrados com os gêmeos, sempre vivendo no chão, com a cabeça baixa e os rins doendo.
Então, Bárbara aliou-se a Pepe. Ele fez cócegas nela, deu banho nela e a levou ao parque. Eles se entendiam tão bem que ele preferiu não interferir. Ao erguer a cabeça, Bárbara já parecia uma mulher e Pepe começava a sentir nojo de sua rebeldia incipiente. Aos doze anos, Bárbara era uma menina alta e atrevida que não tinha medo de ninguém nem de nada. Pepe não digeriu e ao invés disso ela se divertiu. Surgiram divergências sobre a educação das crianças. Pepe tentou reparar seu comportamento provocador, mas ela o encorajou. Eu não sabia como estabelecer limites. Ela não sabia como dizer não ou ficar seriamente brava porque acidentalmente a deixou rir debaixo do nariz e a aplaudiu por ter sido presa. Ele não sabia prever os perigos de sua eclosão. Aos doze anos, Bárbara comia o mundo e, embora já lhe parecesse bem, Pepe, mais clarividente, não concordava. Esta menina não irá a Bilbao no próximo verão, decidiu ela um ano estritamente quando Bárbara voltou do norte. Foi a luta mais ácida, a mais desagradável que tiveram antes de tudo começar. Bárbara passou

Machine Translated by Google

sempre o mês de julho com a irmã e o cunhado. Levaram-na para a praia, para velejar, mergulhar e surfar. Iñaki e Elisabeth, mais jovens e permissivos, deixavam-na dormir tarde, praticavam nudismo e faziam outras coisas que Pepe desaprovava e que ela, talvez mais tolerante, tentava amenizar. Eles discutiram e discutiram, mas Pepe era teimoso e Bárbara ficou sem férias no norte.

Ele pensou em mais de uma ocasião sobre aquele episódio sombrio e desagradável. Ela também queria esquecer o que Elisabeth uma vez lhe explicou, talvez não maliciosamente, mas que foi motivo de uma disputa entre as irmãs. Ela estava em uma briga por dois meses, recusando-se a falar com ela ou telefonar para ela. Ele nunca discutiu isso com ninguém. Doeu tanto que não teve forças para falar sobre isso com o subinspetor Lozano. Ele não queria que ela metesse o nariz em sua privacidade ou levasse a roupa suja para a rua. A roupa é lavada em casa, dizia a avó com sensatez. Ele deixou de lado o comentário insidioso de Elisabeth, talvez porque nunca acreditou ou porque a imagem de seu cunhado Iñaki, antes impecável, ficou levemente pontilhada e ele não conseguiu, por mais que tentasse, restaurar a aura de honestidade e integridade que ele sempre teve aos olhos.

Por que ele ficou em silêncio?

Por medo. Porque Pepe definitivamente teria cortado a família. Núria preferiu engolir o desgosto sozinha e olhar para o outro lado. E essa sempre foi sua armadilha. Para deter os golpes, fechou a boca e caiu na armadilha do sentimentalismo. Ele se acalmou ao ver as lágrimas de Bárbara caindo roliças e salgadas por suas faces, assustada com a rígida disciplina que seu pai tentava impor a ela. Não diga ao papai, por favor, por favor. Ele vai ficar com raiva. Cumplicidades enganosas que começaram com esconder notas dos professores, sair com amigos e roupas espalhafatosas. Coisas sem muita importância, a princípio, pequenas mentiras que foram crescendo com o passar dos anos. Como Bárbara.

Quando completou quinze anos, Bárbara levava uma vida dupla protegida por seus álibis. E então os segredos ficaram cada vez mais difíceis de manter. Como quando encontrou os anticoncepcionais em cima da cama, bagunçados para todo mundo ver, e conversou com Bárbara, de mulher para mulher, sobre sexo e doenças sexualmente transmissíveis, e a fez prometer tomar precauções mais seguras. . Bárbara a ouviu, mas ela deu desculpas para irem juntas ao ginecologista. Como outra mãe teria agido em tal situação?

Machine Translated by Google

eu estava perguntando. No caso dele, o pragmatismo prevaleceu em detrimento da ética. Talvez ele não tenha ética, às vezes pensa. Tenha cuidado, ele insistiu naquele dia. E não perguntou com quem, nem quando, nem como. Ele sabia que estava brincando com Martín Borrás, do Clube Excursionista. Eles se chamavam, se viam e às vezes ela os espionava pela janela quando ele a acompanhava na motocicleta. Ele parecia velho demais para Bárbara. Ele era loiro, escorregadio e carinha. Havia pouco mais que ele pudesse deduzir porque colocava a discrição em primeiro lugar. Ou medo. Bárbara se fechava se eu fizesse perguntas a ela. E era melhor Pepe não fazer comentários sobre esses assuntos, eles o enlouqueciam. Ela estava no meio de ambos e os temia. Sim. Ela teve medo e induziu o comportamento da filha escondendo coisas de Pepe. Pareciam naturais para ela, típicos de uma garota.

Talvez não uma garota de quinze anos, mas Barbara parecia muito mais velha, e os tempos haviam mudado. Não era preciso ser sovina, pensou Nuria, olhando a própria filha ao espelho. Não era necessário colocar números de arrasto na liberdade das meninas ou na idade das primeiras experiências sexuais. A puberdade chegara cedo. Os jornais, os médicos, os professores diziam isso, e ela não via mal em se apaixonar e viver novas experiências. Talvez ela tenha se deixado levar pela nostalgia ou pela estupidez, mas estava firmemente convencida de que a vida são dois dias e que Bárbara tinha o direito de vivê-la.

Ele confundiu desejo com educação. As crianças não são educadas em permissibilidade absoluta, o psiquiatra o repreendeu quando explicou sua culpa recorrente. Seu julgamento incompleto não é confiável. Os pais devem estabelecer os limites.

E ela não sabia como colocá-los.

Agora Nuria, quatro anos depois, culpa-se por ter jogado Bárbara nos braços de Martín, por ter mentido a Pepe nas noites em que lhe disse que Bárbara estudava em casa de uma amiga, por ter aceitado servir de disfarce para o seu namoro, as suas noitadas. Eu gostaria de voltar no tempo. Que tudo poderia ser como antes. Que antes?

Talvez quando Pepe e ela se amassem. Porque no começo eles realmente se amavam. Quando se conheceram, quando se casaram às pressas, quando Bárbara nasceu. Ela gostaria de voltar e ter uma segunda chance de educar Bárbara com mão firme, responsabilidade e determinação.

Mas é uma quimera.

Bárbara nunca mais voltará e nunca descobrirá as respostas para as razões de todas as suas perguntas.

Machine Translated by Google

3. Bárbara Molina See More

Eu tive um logo e escondi o celular. Tem sido instintivo. Vendo que havia esquecido em cima da cama, sentei-me, fingindo naturalidade, e continuei falando como se nada tivesse acontecido. Meu coração batia acelerado, era impossível não ouvir. Toc, toc, toc, parecia selvagem, prestes a sair da minha boca. Mas não me movi um centímetro.

Agora ele vai me perguntar onde está o meu celular, repetia para mim, e eu vou fingir que estou levantando para procurar, vou pegar e dizer: Vamos! Você deixou cair!

Não era necessário representar a comédia porque ele estava sobrecarregado e fugiu. Estou com pressa, ele me disse. E deve ser verdade porque ele não tem levado a roupa suja e o lixo como sempre faz.

Depois que ele fechou a porta, não biquei avidamente a comida, revirei suas roupas, li os títulos dos livros ou verifiquei se ele se lembrava da espuma de cabelo que eu havia pedido. Me joguei ansiosa no celular, incrédula, fiz um flan. E se ele voltar de repente? Ocorreu-me. E imediatamente o escondi debaixo da almofada com um gesto de medo, até que ouvi o motor do carro se afastar.

Então, respirei fundo, tirei a almofada e fiquei em transe contemplando-a, sem ousar tocá-la, com as mãos trêmulas, como quando eu tinha sete anos e os Reis me trouxeram a Barbie. Então, eu tomei com muito cuidado. É um modelo Nokia preto, com rádio, câmera e está ligado. Mas, mas... Levantei-me nervosamente apertando-o com as duas mãos e movendo-me de um lado para o outro, com o coração pesado, sem ousar respirar, esperando ver o fio do cabelo aparecer a qualquer momento. Agora, talvez aqui, intuí algumas vezes. Mas tem sido em vão. Não, não acredito! Nenhuma cobertura!

E de repente percebo que não poderei fazer nenhuma ligação.

Não pode ser, não pode ser, não pode ser!

Não sei se gritei ou pensei. Não importa porque ninguém pode me ouvir. Estou em um porão sem janelas de quinze metros quadrados, escavado na fundação de uma casa cercada por campos. Uma antiga adega com paredes de pedra, insonorizadas com cortiça, blindada e permanentemente a uma temperatura de quinze graus. pode ser ideal para

Machine Translated by Google

guardo vinhos, mas agora é meu túmulo. Não há vizinhos por perto. Desapareci sem testemunhas, sem pistas. A terra me engoliu e ninguém sabe que estou vivo.

Não tem sido fácil me resignar com a ideia de que fora deste buraco o mundo girou por quatro anos sem mim. No começo eu gritava até ficar rouco e quando minha garganta doía eu batia nas paredes com os punhos, um golpe e outro. Ele me machucaria até meus dedos sangrarem e minhas mãos ficarem inchadas, pretas, com crostas.
A dor era insuportável e eu estava chorando até secar. Mesmo assim, ninguém me tirava desse buraco e os dias caíam um após o outro como uma guilhotina que decepava minha esperança.

É muito difícil ter que aceitar que estou sozinha, mas sei que agora ninguém lembra meu nome. Bárbara? Bárbara o quê? O mundo, repugnantemente egoísta, não teve nenhuma consideração e me jogou na lata de lixo.

Talvez seja melhor assim, sem cobertura, eu me consolo. Afinal, eu não poderia ligar para ninguém. À família? Só de pensar nisso, minhas pernas tremem e minha visão fica turva. Eu não consigo engolir. Minha boca está seca e minha língua enorme e inchada atrapalha, grande demais para deixar o ar passar.

Não, não a família, digo a mim mesma. Mesmo se eu saísse daqui, não conseguiria olhar na cara deles. Eu seria incapaz de abraçá-los e beijá-los. Eu não teria coragem de dizer a eles que os amo. Ele me repetiu mil vezes que não me perdoariam, que me expulsariam, que se soubessem de tudo o que aconteceu prefeririam que eu tivesse morrido. Não tenho mais família e nunca terei. Se soubessem quem sou e o que fiz, teriam vergonha de mim e me dariam as costas.

Respiro pouco a pouco sentindo uma dor no peito. É um golpe certeiro entre as costelas, intermitente, furioso. Aconteceu comigo quando eu estava considerando as possibilidades de fugir. Foi na ocasião que eu estava cavando um túnel e um dia, ao ouvir seus passos, sem pensar coloquei uma almofada em cima para esconder o buraco. Ou quando calculei a distância que me separava do bolso de sua calça onde ele escondia as chaves e num descuido as tirei dele. Nas duas vezes, senti o mesmo aperto agonizante no peito. Eu era perceptível.
Ela estava pálida e abatida. Você não quer me foder? E eu fiquei ainda mais pálida e ele sabia que estava certo. Ele me olhava atentamente sem tirar os olhos de mim até que levantou a almofada ou me fez abrir as mãos com as mãos.

Machine Translated by Google

chaves dentro. Olha como você pode ser estúpido!, ele disse antes de me amarrar. Você estragou tudo de novo!

Por que peguei o maldito celular se não posso ligar? Eu sou um idiota, sim. Eu não posso esconder nada dele. Ele é infeliz, não sei como ele faz isso, mas ele sabe tudo, ele sente tudo, ele adivinha tudo. Faça um raio-X dos meus pensamentos. Quer saber o que aconteceria se a polícia o encontrasse?, disse-me ele um dia, quando eu estava pensando na maneira de escapar. Você não conhece a polícia. Eles não são como os da série. Eles são bastardos e iriam tratá-lo como um criminoso. Eles fariam você se despir para passar por uma revisão. Os médicos usam luvas e máscara e enfiam os dedos em cima de você com nojo, como se você tivesse AIDS. Eles não dizem, mas mostra. Eles tirariam seu sangue, fariam você fazer xixi em um copo, fotografariam você nu e pendurariam suas fotos na parede, para todo o mundo ver. Então eles iriam questioná-lo. Você se sentaria na frente de um inspetor de polícia barrigudo que o obrigaria a explicar, um por um, todos os detalhes sinistros de sua vida, desde o início, enquanto palitava os dentes com um palito. Eu gravava tudo, uma secretária anotava no computador e depois de algumas horas seu depoimento passava de mão em mão e os policiais da delegacia riam ao ler como você caga num balde. Em seguida, os tablóides colocariam sua foto na primeira página e um julgamento longo, tenso e pesado pela mídia o esperava. Você teria que testemunhar diante de um juiz que não acreditaria em você nem em uma palavra. Você espera que alguém acredite em uma prostituta como você? Eles perceberiam que você está tonto e o promotor gritaria aos céus contra suas mentiras.

Sei que ele queria me intimidar, mas também sei que ele estava parcialmente certo. A polícia e os juízes sempre me repeliram, são rígidos e insensíveis. Suspiro e tiro um peso de cima de mim. Melhorar. Talvez seja melhor que não haja cobertura e que você não possa fazer a ligação. Não quero ser notícia mórbida. Não quero sair daqui para todo mundo apontar para mim na rua porque minha foto saiu no jornal e me cumprimentar com uma gentileza hipócrita e começar a dar à luz minutos depois na fila do caixa do supermercado. Não quero suscitar compaixão nem riso, não quero estar na boca das pessoas, nos sonhos perversos dos jovens, no imaginário tortuoso dos velhos. Não quero viver permanentemente escondido dos *paparazzi* que são capazes de subir nos telhados, pendurar-se nas janelas e esgueirar-se como ratos nas casas de banho

Machine Translated by Google

para roubar uma foto. Por que eles não entraram aqui? Por que eles não tiveram coragem de ir até o inferno e me tirar desta prisão?

Não, digo a mim mesma, não estou pronta para sair. Diriam que a culpa é minha, que não sou mais menina, que não chupo o dedo. Ele merece, gritavam as mães. Ela mesma trouxe isso, ela é irresponsável, um perigo.
Não, não sou inocente. Eu nunca estive. Eu quis, encorajei, gostei. E agora não me controlo, perco a cabeça e a panela vai embora. O que eu faria com a minha liberdade? Bata em mim, como sempre. Tenho pavor do mundo lá fora. Aprendi a me camuflar na escuridão e não resisti à luz do sol. Além disso, fiz dezenove anos e ainda não consigo acreditar. Me perdi. Não sei mais como garotas de dezenove anos fazem isso. Não sei como falam, como cortam o cabelo, como dançam ou o que vestem.

Não não! Me enganei. Eu quero sair daqui! Eu quero ver o sol! Eu quero respirar!

Merda.

Eu caio no chão, como um fardo, com as mãos na cabeça e cerro os dentes com muita força.

Porque? Por que eu tive que pegar o celular e estragar tudo?
Num segundo de impulsividade apaguei três anos de resignação. Eu nunca teria imaginado que um segundo poderia mudar minha vida.
Sinto raiva novamente, ódio, desespero e tenho medo.

Não quero sofrer como antes. Como você faz para rebobinar?

Eu havia aprendido a sobreviver, a me conformar, a preservar a vida e a esquecer tudo o mais. Depois que terminei a resistência, tudo ficou mais fácil.
Veja, baby, como é fácil? Se você é bom, eu também sou. Então ele foi gentil. Ele me trouxe mais comida e ampliou o espaço para mim.

Ele construiu um banheiro, um chuveiro, comprou para mim um espelho, livros, um MP3 com música e alguns anos atrás me deu um DVD player e alguns filmes. Eu ouço U2, Coldplay e assisto *Friends.* Eles me fazem companhia e as horas passam mais rápido. Sei de cor os episódios das oito primeiras temporadas e estou louca para ver as próximas. Eles também estão trancados dentro de um prato, como eu.

Quando fiz o que ele me pediu, quando parei de esperar, ele está bem ligado. Eu te amo tanto, bebê. Eu não queria chegar até aqui, mas você me obrigou. É péssimo para nós dois. E se eu pedir alguma coisa, ele traz para mim.
Ele me deu um alisador de cabelo, creme depilatório e até polidor

Machine Translated by Google

vermelho para unhas Ele os corta para mim, como meu cabelo, sim. Ele não me deixa nenhuma panela afiada, ele me diz que não quer que eu me machuque, mas talvez tenha medo de que se eu descuidar possa machucá-lo. Apesar de tudo, às vezes recebi avisos. Agora eu estraguei tudo pegando o celular. Me arrependo. Como me arrependo! Eu não controlo. Por isso tirou o espelho de mim, para que eu não me cortasse com o vidro. Faz um ano que não sei que cara tenho. Intuí-o, apenas, pelo desenho do meu perfil no fundo de uma placa de plástico. Ele só me vê e diz que sou muito bonita, que minha tez é branca e limpa, que não vou envelhecer porque o sol e a poluição não danificam minha pele.

Eu cavo minhas unhas em minhas palmas e aperto e aperto e aperto até que as lágrimas venham aos meus olhos.

Quero envelhecer, quero suar, quero rir, quero conversar, quero morder, quero pegar punhados de areia, esfregar na pele, me jogar na água e sair cheio de sal, iodo, luz!

Agora que aprendi a me resignar, de repente cuspi a raiva que havia escondido. Como antes. Eu era o selvagem que batia, mordia, cuspia e chutava? Tem sido difícil para mim passar do zero e aprender a viver minuto a minuto imerso na mesma rotina exaustiva. Era confortável mergulhar em uma programação. Mais ou menos como se enrolar dentro da barriga da mamãe e me deixar balançar. Todos os dias eu entrava em uma bolha agradável onde nada acontecia e nada poderia perturbar minha paz. Eu levantava, fazia os exercícios de ginástica que ele me trazia, tomava banho, fazia café da manhã, leite e torrada com manteiga e geléia, ouvia música enquanto tomava café da manhã e depois pegava meus livros de estudo e começava minhas aulas. Esses anos ele me trazia livros recolhidos daqui e dali porque eu pedia. De Biologia, de História, de Língua, de Inglês. Agora eu poderia fazer o exame *First Certificate* sem problemas. No mês passado ele me trouxe um romance em inglês, *Coraline,* de Neil Gaiman, e me explicou que eles tinham feito uma animação muito boa e que quando saísse em DVD ele traria para mim. Matemática e física ele me explicou sem muito entusiasmo e eu resolvi os problemas. Estudar não é difícil para mim. Isso me poupa de pensar em outras coisas e me dá pequenas satisfações. Entender um problema, memorizar algumas datas ou ler um livro em inglês me faz sentir um pouco melhor do que ficar olhando para o teto por horas. Também não considerei por que queria continuar estudando. Se eu tivesse questionado tudo, teria enlouquecido. ao meio-dia eu

Machine Translated by Google

Ele esquentava a comida preparada que me trazia no micro-ondas. Ele não me deixava cozinhar, não confiava em mim, mas guardava as sobras na geladeira, só para garantir. Eu reservava um quarto da ração diária, colocava de volta na *tupperware* e escondia na geladeira. Sou magra, mas isso não me preocupa. Então eu sei que se ele não viesse eu sobreviveria alguns dias. Se demorar mais, prefiro não pensar nisso.

Depois do almoço assisti *Friends* e durante esse tempo me senti em casa dividindo o apartamento de Joey e Chandler, cuidando do pato e da galinha deles, sofrendo com a gravidez múltipla de Phoebe ou roendo minhas unhas toda vez que Ross e Rachel cortavam, que Joey perdia um emprego ou aquilo Monica queria ganhar uma aposta.

No meio da tarde, ele fez musculação por meia hora com dois pesos de dois quilos cada. Eu costumava praticar na frente do espelho, mas agora não tenho mais e isso me incomoda. E dançou. Eu dançava fechando os olhos e imaginando que estava na discoteca à noite, que estava tomando um gole de cerveja e aquilo me subia à cabeça, que minhas pernas formigavam e eu queria rir de qualquer bobagem. Ao cair da noite, ele leu. Eu li muito. Eu li tantos livros ao longo dos anos quanto provavelmente outras pessoas em suas vidas inteiras. Ele não gosta de romances, prefere ensaios, diz, e como eu os devorei tão rápido, ele os pegou emprestados de uma biblioteca sem nenhum critério. Um dia Dumas me trouxe, o outro Barbara Kingsolver e o próximo Orson Scott Card. Li romances românticos, romances históricos, romances de ficção científica, romances policiais e, no final, dominado pelo caos e encantado com as descobertas, encomendei-lhe títulos e autores. Mas ele cedeu com irritação, com relutância, porque estava perdendo muito tempo e disse que a bibliotecária o olhava mal. E então eu estraguei tudo por causa dos livros. Lembro-me perfeitamente daquele momento em que estraguei seis meses da minha vida. Um dia refleti sobre o fato de que os livros que lia passavam por outras mãos e tive a ideia de deixar uma mensagem lá dentro.

Claro! Foi muito simples. Era o único contato com o exterior. Escolhi um livro chamado *Ali e Nino,* de Kurban Said, um livro engraçado e trágico de amor e guerra que li três vezes sem respirar. Achei que a pessoa que pegasse aquele livro seria alguém especial e perceberia que minha mensagem era verdadeira. Escrevi quatro linhas, em qualquer página, explicando quem eu era e pedindo ajuda. No dia seguinte, ele abriu a porta furioso e jogou o livro na minha cabeça. Você acha que eu sou um idiota!, ele gritou, cego de raiva. Ele me bateu até cansar o braço e me deixou em paz.

Machine Translated by Google

escuro. Três dias sem comida, esmagados, feridos, sem luz, sem música, sem *Amigos.*
Esquecido em um buraco. Daquela vez pensei que ele me deixaria morrer.
Mas no quarto dia ele apareceu, sentou-se na cama e em voz baixa me confessou que lhe dava um mau pressentimento me ter trancado ali, sempre me vigiando, sempre cuidando para que eu não fizesse besteira com ele. Ele me disse que não era carcereiro e que estava cansado de me controlar. Que se eu colaborasse seria mais fácil.
Eu respondi que sim. Ele não tinha outra escolha e queria viver.

Apesar de minha boa disposição, ele me deixou sem livros por seis meses.
Foram os meses mais longos, os mais tristes. Aprendi minha lição e não tentei desobedecê-lo até hoje. Ansiava por sua visita e por suas sacolas de roupas e alimentos todos os dias. Tentei manter meu quarto limpo e tomei banho de manhã para não torcer o nariz de desgosto quando entrasse na prisão. Eu não queria causar pena ou dó. Seu sorriso me confortou, vendo-o, ouvindo-o e tocando-o. Não é tão difícil, querida. E talvez ele estivesse certo. Nada se compara à placidez de viver sem esperar nada do futuro, aproveitando os pequenos momentos, livre de estresse, obrigações, sonhos, desejos, culpas. Um fechamento eterno.

Tudo isso era minha vida até poucos minutos atrás e eu já tinha me acomodado. Mas de repente percebo que me enganei e que nada faz sentido.

Não consigo tirar os olhos da tela pequena. eu sei se eu apareci
um fio de cabelo tudo poderia ser diferente, mas não acontece.

Meu desejo tolamente me empurrou para o meu próprio fim.

Machine Translated by Google

4. Salvador Lozano See More

Salvador Lozano chega ao seu escritório com um gosto ruim na boca. A primeira coisa que faz é tirar a gravata, o paletó e arregaçar as mangas da camisa. Caixas cheias de papéis esperam por você na mesa. São tantos que ele tem pena de Toni Sureda. Retificar. Não, ele não tem pena dele, ele o inveja. Afinal, ele tem o que lhe faltou: tempo. Muito tempo, todo o tempo do mundo. Você terá tempo para dar e vender. Você poderá ler todos os documentos frente e verso, poderá resolver os casos deixados no meio do caminho e poderá quebrar seus chifres sem ter a espada de Dâmocles da aposentadoria em você. Toni Sureda não está ficando sem tempo. Você não viverá na angústia permanente da contagem regressiva.

A visita a dona Molina ratificou a certeza de que ele envelheceu. Depois de quase quarenta e cinco anos na profissão, ele está cansado e deve ceder seu cargo a um rapaz jovem, entusiasmado e informal. Ele sorri enquanto olha para o relógio. E tão casual. Ainda não chegou, embora tenham ficado no meio-dia. Talvez ele tenha saído tarde ontem à noite para comemorar sua promoção. Talvez ele bebesse e estivesse fazendo amor com sua esposa, uma jovem loira. É tingido? Agora não se sabe mais porque as fotos são enganosas e ele mostrou a ela às pressas. Ela é professora de matemática em uma escola secundária, disse ele com orgulho. Eles não são casados, mas moram juntos há dois anos em um apartamento de 35 metros quadrados que compraram no bairro do Raval. E imagina-os amontoados na cozinha, a preparar um macarrão, porque num espaço tão pequeno é impossível manter distância. Com certeza estão muito apaixonados, pendentes um do outro, ansiosos para viver o futuro que lhes abre as portas. entusiastas.

Parece que foi ontem que ele era como aquele menino. Ansiosa para resolver tudo, para devorar o mundo, para não parar diante de nenhum enigma. Sua história é como a de tantos outros. Um guarda civil de Cáceres que chegou a Barcelona no final dos anos sessenta, com uma mão à frente e outra atrás. Eu nem sabia que o catalão era falado na Catalunha. Ele não sabia nada de nada, nem precisava, achava que era capaz de aprender tudo. E ele fez. Ele se recompôs e se casou com uma catalã de Sabadell que trabalhava nos Correios e cozinhava escudella no Natal. Mas ele não estava satisfeito em ser um

Machine Translated by Google

agente de pé com salário de fome. Estudava à noite, levantava-se, aspirava a responsabilidades, ia para o corpo de Mossos d'Esquadra e concorria a sargento e subinspetor. Não lhe deram nada, diz de cabeça erguida. Seus filhos já são catalães. A menina tem um cabeleireiro que possui em Hospitalet e seu avô já o fez. A mais velha estudou direito e abriu um escritório de advocacia com alguns amigos no bairro de Les Corts. Ele tem suas fotos de família sobre a mesa e as exibe com orgulho. Ele sente uma fraqueza por Santiago, o mais velho, porque ele foi para a universidade e pode se passar por um menino do Ensanche ao longo da vida. Como os Molinas.

A porta se abre e seu substituto entra, vestido com uma camiseta escura, jeans e tênis de grife. Ele está usando óculos de sol embora. Talvez você tenha aprendido com a série de detetives e acredita-se que eles imprimam estilo. Ou talvez ele esteja tentando esconder o fato de que saiu na noite anterior. E aí?, ele pergunta cordialmente. O menino senta-se vagarosamente e boceja. Desculpa, pede desculpa, não tenho dormido muito, preciso de um café. Salvador Lozano se parabeniza. Ele estava certo, o menino não pregou o olho. Ele faz suposições sobre o comportamento humano há quarenta anos e isso se tornou uma deformação profissional.

Enquanto Sureda vai lentamente buscar dois cafés, ele olha de novo e de novo para a mala de Bárbara, aquela que mais lhe dói, aquela que ficou para o último dia. Às vezes, suas suposições o levam a pensar que a jovem jaz no fundo de um depósito de lixo ou a imaginar seu corpo boiando nos esgotos, ou despedaçado em malas abandonadas na praia.

O subinspetor Lozano observa o menino beber o café em pequenos goles e quando a língua arde, ainda macia, ele sopra e aperta os dentes como uma criança. Pela maneira como segura a caneta, ele acha que está sonhando com um cigarro, mas sabe como segurar. De repente, Toni Sureda aponta para a pasta. Bárbara Molina!, exclama ela. Achei que era um caso encerrado.

Salvador Lozano não responde imediatamente. Não vai fechar até encontrarmos a solução, e é uma droga, é uma merda tê-lo aberto e sem solução.
Você vai perceber que um caso não encerrado é uma ferida não cicatrizada, diz ele em tom professoral. Certifique-se de que cada frase seja um compêndio de sabedoria que não pode ser guardado em uma pasta e que se aprende na rua lidando com as pessoas, ouvindo seu sofrimento, acompanhando-as em sua dor, oferecendo condolências em funerais. O

Machine Translated by Google

você se lembra, certo? Uma jovem de apenas quinze anos desapareceu. Sureda faz um gesto afirmativo com a cabeça. Tenho mantido contato com os pais, principalmente com o pai, que é quem tem a cabeça no lugar dele. Foi um caso simples, a princípio. Uma menina de quinze anos que foge de casa deixa um bilhete explicando que vai para longe e para não ser procurada, e pega um cartão de crédito da mãe. Depois de dois dias ela está localizada em Bilbao, onde tem alguns tios. E, de fato, encontram-se testemunhas enquanto ele procurava os tios, que estavam de férias. Mas, surpreendentemente, tudo está invertido. Quando os membros da Ertzaintza e seu próprio pai a procuravam em Bilbao, Bárbara fez uma ligação desesperada para sua casa de uma cabine telefônica em Lérida, no meio da noite. Na cabana há sinais inconfundíveis de violência, o sangue da vítima e sua bolsa abandonada. Uma testemunha lembra de ter visto uma jovem arrastada por uma figura masculina, mas era de manhã cedo, nebuloso, e ele nunca foi capaz de apontar detalhes. Nessa altura o caso adquiriu dimensões trágicas com dois suspeitos consecutivos e muitas pistas. Trabalhamos duro, vasculhamos muitas áreas, vasculhamos campos abertos e aterros e controlamos toda a Catalunha. Gastamos muito tempo e esforço, mas não conseguimos encontrar nada consistente e definitivo. Até que os suspeitos deixaram de ser por falta de provas e o juiz arquivou as instruções. Nunca mais se ouviu falar de nada.

Toni Sureda estica os braços e mostra os músculos. Ele vai à academia diariamente, Lozano calcula com bom olho, umas duas horas no mínimo, e toma raios UVA. Ele também suspeita que depila o peito e as pernas. Essas coisas o surpreendem. Outro dia, tomando café no bar, ele explicou que antes de decidir ser policial, havia trabalhado como vendedor de bombinhas e como *preparador físico.* Lembro-me perfeitamente de Barbara, o menino é rápido em deixar claro. Lembro das fotos dela penduradas na rua, das grandes manifestações, das declarações do pai, das buscas desesperadas toda vez que alguém ligava e dava uma pista falsa. E acrescenta: Os envolvidos eram um universitário de boa família e um professor, né? De fato, Martín Borrás e Jesús López, responde Lozano. E o que foi feito?, pergunta inquisitivamente o novíssimo subinspetor. Por um lado, Lozano fica feliz que Sureda tenha acompanhado o caso de Bárbara com curiosidade, mas, por outro, isso o irrita. Não há nada pior do que uma opinião precor

Machine Translated by Google

A comunicação, com seu sensacionalismo, prejudicou muito o caso. Ele nunca parou de observar os suspeitos. Ele sempre acreditou que um dia ou outro eles iriam errar ou que sua própria trajetória de vida acabaria por denunciá-los. Quando estudava à noite, lia *Crime e Castigo* e sabe que essa ligação entre o crime e o desejo mórbido do assassino de se vangloriar de seu trabalho é um fio a ser puxado. Mas ou ele não foi habilidoso o suficiente ou os suspeitos foram mais espertos. Por outro lado, não há crime, não há corpo para falar ou explicar nada e nenhum lugar para onde voltar. A névoa que cobria a cidade de Lérida naquela noite se adensava com o passar do tempo. E se um dia pensou que um vento forte o limparia, agora, com relutância, deve admitir que os vestígios se apagaram definitivamente. A prova irrefutável de sua ligação com o desaparecimento de Bárbara nunca chegou.

Retire um token de cada um. Ele os atualiza e os passa para Sureda enquanto os recita de memória. Martín Borrás tem atualmente 26 anos. Ele mora com os pais, um cirurgião cardiovascular e diretor de uma empresa de informática. Eles têm um apartamento de duzentos e trinta metros quadrados na rua Paris. Ele teve três relacionamentos românticos e inúmeros flertes de fim de semana. Nenhuma garota durou mais de quatro meses. A constância não é sua principal virtude.

Ele também não terminou os estudos. Aqui fica o seu histórico escolar do segundo curso de Gestão Empresarial que fez na ESADE. Desastroso. Eu sei que ele discutiu com os pais e acabou se safando.

Ele pendurou seus estudos e seu avô o contratou para não fazer nada com condições escandalosas. Dois mil e trezentos euros por mês e quarenta e duas horas como supervisor de vendas de produtos de hardware, com carro, telemóvel e subsídios à parte. Ele vai quando quer e recebe todo mês, um disfarce para justificar sua inutilidade. Ele tem dinheiro e o gasta generosamente. Agora ele tem um Seat Ibiza tunado e usa a casa dos pais em Rosas como picadeiro. Ele vai lá com frequência, quase toda semana. Neste ponto, ele é o único que o usa. Ele dirige de forma imprudente e já teve seis pontos retirados da carteira por excesso de velocidade. Ele é um gastador, seu cartão de crédito fuma, compra roupas, besteiras, presentes caros, janta em bons restaurantes, convida amigos para beber e se entrega a todos os ca
Até o dia 19 de cada mês, sua conta está no vermelho. Há oito meses, organizou um bom sarau em uma discoteca do Porto Olímpico. Ele estava bêbado, provavelmente tinha tomado cocaína e bateu em um

Machine Translated by Google

socou um cara que queria dançar com sua garota. Descobri tarde demais, quando o advogado da família já o havia tirado da delegacia e limpou o escândalo. A família anda com pés de chumbo e é muito rápida em varrer a bagunça que o filho deixa para trás e esconder debaixo do tapete. Toni Sureda fica sério de repente e ele mesmo pega o cartão e o folheia. Desde quando você tem carro?, ele pergunta de repente. Comprou para ele quando começou a trabalhar com o avô, já faz dois anos e meio, Lozano responde rápido, satisfeito com o interesse demonstrado por Sureda. E você conseguiu falar com alguma das meninas? Lozano coça a cabeça lembrando. Convidei a primeira, Laura Busquéis, para comer no Cal Pinxo, em Barceloneta. Enchi seu copo com vinho branco e ela explicou como ela e Martín o tomavam sem cortar um fio de cabelo. Foi muito claro. Digamos que foi sexo e nada mais, e muito apaixonado. Nota?, pergunta Sureda com um sorriso maroto. Uma alta notável, especifica Lozano após o jogo. Caso contrário, nada notável. Ele não bateu nela, nem a estuprou, nem a forçou. Ele a levou para Rosas com a moto e lá montaram a festa. Não foi o primeiro nem o único. E ela sabia disso. Um profissional, vamos lá. Suspira Sureda, talvez com saudades de outros tempos antes da matemática, quando era *preparador físico.* O futuro subinspetor não pergunta mais nada e Lozano pega a ficha do outro suspeito.

Ele nem precisa olhar, já sabe de cor. Jesús López, de 39 anos, pode ter se saído pior do que Martín Borrás. Professor de história por sete anos na mesma escola onde Bárbara estudava, foi demitido repentinamente de um dia para o outro após a comoção do desaparecimento. Não sei se você se lembra que eles estavam prestes a abrir um arquivo sobre ele por causa de seu relacionamento especial com os alunos. Mas ninguém denunciou. Claro, a mulher pediu o divórcio e o fez suar tinta por três anos para visitar os filhos. Ele acabou morando mal em um estúdio em ruínas perto do mercado de San Antonio na companhia de um cachorro, dando aulas de atualização mal pagas, substituindo em academias e visitando um consultório psiquiátrico. Mas usar drogas e passar os fins de semana em um apartamento úmido em frente à televisão também não é crime.

Sureda franze a testa com as duas fichas na mão. Eles ainda estão sob vigilância?, ele pergunta. Lozano suspira. O orçamento está esgotado há muito tempo. Eu mesmo tenho raspado horas para manter os arquivos atualizados, esclarece. A verdade é que ele acreditava de todo o coração que um ou outro se entregaria dando algum passo em falso e acabaria por caçá-lo;

Machine Translated by Google

Por isso, quando me esgotaram os recursos, continuei a vigiar, discretamente, em horas estranhas nos fins de semana.

Toni Sureda não diz nada, mas Lozano adivinha que ele não está disposto a perder um minuto de seu tempo livre vigiando suspeitos sozinho. Ele está muito ocupado com seu professor de matemática, sua academia e seus raios UVA. Se ele tivesse a idade de Sureda, provavelmente também não o teria feito.

E a sua opinião?, ele pergunta de repente, com um olhar questionador. Minha opinião?, repete Lozano para ganhar tempo, intrigado com a franqueza do rapaz. Quais são os argumentos a favor e contra cada um deles? Por que você continua pensando que talvez um deles seja o assassino? Por que essa fé? Você é um gato velho e sua perseverança em acreditar que eles acabarão dando um passo em falso me escapa.

Lozano duvida, coça a cabeça e reflete. Você não pode se ofender de forma alguma com o adjetivo velho, afinal ele é. Embora também não seja uma honra ser um gato velho. Implica experiência, sim, cheiro também, mas não há *glamour* nem mérito em ser um gato velho, apenas anos acumulados. Ele tenta esquecer a frase e conseguir explicar ao menino os motivos que o levam a ficar metendo o nariz na vida alheia fora do horário de trabalho. Martin Borrás é agressivo e egoísta, solto sem consideração. Um jovem acostumado a ter tudo o que quer. Filho único, mimado, com macarrão e empregadas domésticas para quem inviabilizou a vida, assim como para suas professoras. O mundo, para ele, é uma bandeja cheia de bolos colocados ali para ele. Naturalmente, aqueles ao seu redor devem ser complacentes e ao seu serviço. Ele bebe muito, teve um episódio psiquiátrico e usa cocaína. Ele é um mentiroso e leva uma vida dupla pelas costas de seus pais, que renunciaram para se opor a seus excessos. Mas tudo isso, infelizmente, que é comum a muitos meninos de boa família, tem um agravante que me fez acreditar que sim, poderia ter sido ele. Bárbara se recusou a fazer sexo com ele e Martín Borrás como um amante rejeitado pode ser uma bomba-relógio. Sureda toma notas freneticamente, quase em um ritmo taquigráfico. Por fim, levanta os olhos e faz a última pergunta: Se eu lhe perguntasse dois adjetivos que definem e justificam um crime dessas características, qual você escolheria? Violento e impulsivo, Lozano responde sem hesitar, repentinamente encorajado pelo interesse de seu substituto. E a professora?, pergunta o menino sem intermitência. Lozano mergulha de cabeça. Devo

Machine Translated by Google

sempre foi o primeiro no meu *ranking.* É um perfil mais tortuoso, mais labiríntico e construído com dados enganosos. Aparentemente, é um homem respeitável, educado e culto, de gostos requintados, esposa, filhos, profissão, hipoteca, capacidade de sacrifício, entusiasmo pelo trabalho e princípios.
Fachada pura. Esconde um pedófilo disfarçado e covarde que nunca ousou deixar o refúgio de honra que sua carteira de identidade lhe oferecia. Ele brincava com as meninas e buscava sua devota admiração e talvez algo mais que ele mesmo não ousava confessar. Desconfio de covardes e mentirosos por definição. Jesús López é ambos e, acima de tudo, um agressor reprimido.

Ele disse isso com raiva e nojo. Ele não conseguiu evitar adicionar sentimentos pessoais, adjetivos depreciativos ou mostrar abertamente sua rejeição. Sureda pediu uma impressão pessoal e subjetiva e deu a ele. Por isso se surpreende com a frieza do menino, que põe a caneta na boca, como um cigarro, e deixa escapar: Martín Borrás me dá mais más vibrações. E ele diz isso sem polêmica. E por quê?, pergunta o subinspetor, intrigado. Porque ele é jovem e imaturo. E então ela levanta os olhos e olha para ele com uma sinceridade avassaladora. Os jovens cometem mais erros e sempre temos coisas das quais nos arrependemos. Lozano fica calado. Faz muito tempo desde que ele era jovem e ele não se lembra de como pensava ou como se sentia. Estou com fome!, exclama Sureda de repente, levantando-se. Tudo bem, deixamos aqui e vamos comer, sugere Lozano, olhando para o relógio. Ele é um homem de costumes, de horários, come às duas.

Mas Sureda pede desculpas. O menino já conheceu alguns amigos da academia. Desculpa, mas tenho que te deixar, resmunga colocando as fichas na mesa. Depois do almoço terei todo o tempo do mundo para estudar o caso de Bárbara, acrescenta. E o interesse que ele havia mostrado há apenas alguns segundos desaparece de repente, substituído pelo desejo de devorar um prato de macarrão e um bom bife. Sureda deve estar certa, a impulsividade é o pior inimigo da juventude.

Lozano fica sozinho e sabe que Sureda, enquanto ele come, não pensará um minuto na garota, nem em sua família, nem nos suspeitos. Ele é um veterano e pressente que, assim que Toni Sureda entrar pela porta, abrirá um sorriso doce para a secretária e dará um tapinha nas costas de Sebastián. Talvez ele comente sobre o jogo do Barça no domingo e deixe claro sua preocupação sobre se eles vão ou não ganhar a Liga dos Campeões. Mas não pensará em Bárbara Molina.

Machine Translated by Google

Lozano vai comer no mesmo bar de sempre. Foi comprado por alguns chineses que continuam a cozinhar gaspacho às quartas-feiras e paella às quintas-feiras. A princípio, doeu-lhe que sua sala de jantar passasse para mãos estrangeiras, mas agora ele está brincando com Liu Shin e seu jeito especial de marcar os pratos. O ponto principal é que, no final, eles saíram por cima porque mantêm os preços baixos e não são intrometidos. Os anos o deixaram desconfiado. Ele costumava falar muito na hora das refeições. Agora ele come sozinho, lendo *Marca* e olhando as notícias. Prefere assim porque desta forma indolor se desassocia passo a passo do mundo e não lhe será tão difícil romper com ele.

Quem sabe Sureda, impulsiva e jovem, um dia conseguirá resolver o caso de Bárbara Molina.

E ele se pergunta quais podem ter sido os erros de Sureda.

Machine Translated by Google

5. Bárbara Molina

Hoje não abri os livros nem esquentei a comida. Passei horas olhando meu telefone, meus olhos fixos na telinha, esperando ver as estrias milagrosas aparecerem. Eu quero desesperadamente sair daqui e finalmente tenho a chave em minhas mãos para pegá-la, mas não é fácil. Já rodei mil esquinas sem encontrar cobertura.

Eu sei que existe. Uma vez o celular dele tocou quando ele estava comigo, mas não consigo me lembrar do local exato onde ele estava. Continuo incansavelmente, subindo e descendo, paro, sacudo, levanto, coloco no chão, sigo o canto da parede com seus cantos e recantos, traço as diagonais pelo tempo infinitesimal . De repente, minha visão fica turva, minhas pernas falham e tenho que sentar no chão.

Estou morrendo de medo. E se eu estiver errado? Estou onde estou porque uma vez tentei fazer uma ligação. Sempre me arrependi daquele dia. Foi em Lérida. Paramos para encontrar um bar aberto e tomar café da manhã. Era muito cedo e ele voltou porque havia deixado a carteira. Ele me disse para esperar um momento, mas assim que ele sumiu de vista eu fugi.

Eu não estava com meu celular, tinha sido confiscado, então comecei a procurar uma cabine. Fugi imprudentemente, pegando minha carteira e tentando pegar as moedas que caíam no chão enquanto corria e corria como um louco.

E eu a encontrei a duas ruas de distância. Não deixe estragar, repetia para mim mesmo, por favor, deixe funcionar, murmurei, com os nervos em frangalhos enquanto discava os números das casas com a mão trêmula. Mamãe foi chamada, mas ela estava histérica e quase não me deixou falar. Onde você está?, ele gritou. Onde te metes-te? A polícia e o papai estão procurando por você! E justamente nesses momentos eu o vi se aproximando de mim furiosamente e só pude implorar que me ajudasse por favor! Nada mais, pois a moeda estava presa e eu, paralisado de medo, encolhida num canto da cabine, resignada com o castigo. Ele me acertou. Uma, duas, três, quatro vezes, ele não parava, cada vez que minha cabeça batia no vidro sua raiva aumentava. O que você disse a eles? Ele estava ofegando com esforço. Quem você ligou? O telefone estava pendurado no fio, balançando como um pêndulo, e sangue escorria do meu nariz. Ela estava sangrando como um porco e respingando na cabine, suas roupas, sua bolsa. Suficiente! Suficiente! Eu estava choramingando tentando pr

Machine Translated by Google

com as mãos. Então ele me agarrou pelo braço e me puxou para fora. Na rua, ele me deu seu lenço para estancar o sangramento enquanto me arrastava como um cachorro. Nenhum de nós percebeu que minha bolsa havia sido deixada ali, no chão, abandonada. Não encontramos ninguém. Naquela época, não havia ninguém nas ruas de Lleida.

Todo mundo estava dormindo. Se eu tivesse encontrado alguém, teria me jogado em seus braços pedindo ajuda. Mas a neblina e o tempo estranho significavam que estávamos sozinhos, sem testemunhas, e esse era um ponto sem volta.

Merda!, ele gritou na estrada quando ficou horrorizado ao ver que minha bolsa havia sido deixada lá. Você é um idiota!

Não posso ligar para casa de novo. Não quero ligar de novo para mamãe, que não conseguiu agir e não impediu que Ele me trancasse neste buraco.

Mas também não sei mais nenhum número de cor. Aquele na casa de Eva e pare de contar. E de repente, a imagem de Eva volta como uma lufada de ar fresco, do passado, da infância, dos melhores momentos. Véspera. Minha melhor amiga. Estávamos, pelo menos, antes que isso acontecesse. Não guardo rancor dele. Esqueci nossas diferenças.

Estou indignado com minha má sorte e num ataque jogo o celular fora, como se estivesse me queimando, e fecho os olhos. Eu os abro, vejo no chão e sofro porque posso ter quebrado. Como posso ser tão estúpido? Ando de quatro, como um cachorro, e paro para pegá-lo novamente. Então, estou sem fôlego. Uma linha fina se iluminou. Não me mexo e continuo olhando para ela, como se fosse uma miragem. tenho conexão. Muito pouco, mas eu tenho. E não ouso estender a mão com medo de perdê-la. Que faço?

Chamado? E se na hora que eu ligar ele chegar? E se ele fez de propósito e quer me testar? Se eu errar, posso perder o pouco que tenho. E todas as memórias que eu pensei que estavam encurraladas de repente voltam e se lançam sobre mim, traiçoeiramente, como fantasmas raivosos. E eu, paralisado diante do meu celular, sem me decidir, a ponto de perder o pouco que tenho, contemplando hipnotizado aquela linha de comunicação com o mundo, linha que pisca e que me traz ilusão e a tira intermitentemente. Quem eu chamo?

E novamente penso em Eva. Ela é a única cujo número de telefone eu me lembro, a pessoa que me parece uma esperança remota. Eu não teria que ver minha família, não teria que testemunhar para a polícia. Eu fugiria sozinho e iria para algum lugar onde ninguém me conhecesse. Eva seria discreta, uma boa amiga e me ajudaria. Gostaria de dizer a ele onde estou, gostaria de chorar em seu ombro e pedir para ele me tirar daqui, me levar para bem longe. Mas eu

Machine Translated by Google

Eu paro. Uma vez, apenas uma vez, ele me ameaçou. Se você fugir eu vou matar a família, ele deixou escapar. Eu seria capaz de fazê-lo? Provavelmente sim. Está louco. Ele é um louco perigoso. Ou talvez não, talvez ele seja o único capaz de me amar. Quem mais poderia me aceitar como eu sou? Ele realmente me conhece, ele sabe quem eu realmente sou. Não sei o que fazer. Ele me deixou a compra. Ele me deixou água e roupas, como sempre faz, seguindo a rotina dos últimos quatro anos que só foi quebrada uma vez.

Um dia, já faz um ano, ele chegou com uma sacola e anunciou que ficaria uma semana para comemorar meu aniversário de dezoito anos. Isso me trouxe uma surpresa. Um vestido de verão sem mangas estampado com flores pretas e roxas com um laço nas costas. Fiquei surpreso por estar amarrado embaixo do peito e ele esclareceu que estava na moda e que eu deveria usar, que era meu tamanho seguro. Quando ela sorriu e olhou para mim com devoção, senti um formigamento semelhante à felicidade. Eu sabia que, se não fizesse besteira, tudo correria bem e fui obediente. Ele me convidou para subir em casa e jantar com ele à mesa.
Ela me deixou usar o banheiro, me olhar no espelho, olhar boquiaberto para todos os utensílios nas gavetas, ficar horas na banheira e assistir TV. Uma noite, ele me permitiu sair. Caminhamos no escuro por estradas solitárias, ouvindo o canto das cigarras e olhando o céu estrelado, cheio de estrelas. Ele segurou minha mão com força, mas eu não queria fugir. Naquela semana, senti o cheiro dos pinheiros aquecidos pelo sol, pisei na terra com os pés descalços e senti o sopro da brisa do sul em meus cabelos.

Há pessoas, disse a mim mesmo, que nunca provaram essas migalhas de felicidade. Senti-me com sorte e agradeci-lhe o gesto. Nunca havia percebido o valor de uma caminhada, o prazer do ar quente de uma noite de verão, o prazer de um banho ou o prazer de sentar à mesa comendo uma omelete de batata. Quando tudo isso está à mão, não é apreciado. E apesar da minha relativa felicidade, eu estava impaciente para ver o sol. Três anos sem ver o sol. Apenas intuindo através da rachadura no teto. Implorei, chorei e jurei que não escaparia, mas que queria sentir o sol na pele novamente. Ele finalmente concordou e uma manhã abriu a porta, me fez entrar no carro, me ofereceu um chapéu, uns óculos e disse: Vamos, vamos.
Foi um instante, uma impressão passageira. Observei-o sair de trás das montanhas, deixá-lo lamber meus braços e acariciar meu rosto. Gritei de alegria e fechei os olhos para absorver sua luz e energia. O calor daquele sol fugaz me acompanhou por semanas e meses. se eu pudesse ver o

Machine Translated by Google

sol como aquela manhã brilhante. Se eu pudesse falar com Eva pelo menos uma vez. Se eu pudesse ouvi-la rir, ouvi-la gritar eu mijaria, mijaria de tanto rir. Só isso. Uma lufada de ar fresco, um raio de sol e pronto.

Estico minha mão determinada e, sem mover o dispositivo, disco o número de Eva. Que ele esteja em casa, eu imploro, que ele vista, eu peço sem saber se penso ou digo. E de repente uma voz é ouvida. Sim?... Alô?... Alô?... É Eva. Véspera? Véspera! Sou eu, Bárbara!, grito. Sou eu! Me ajude! Bárbara?, pergunta Eva, assustada. Bárbara? Onde você está? E sem conseguir me reprimir, pego meu celular do chão e coloco no ouvido em um gesto instintivo. Me tire daqui! Mas agora nada pode ser ouvido do outro lado. Não, não pode ser! A conexão foi cortada. A linha do cabelo desapareceu completamente. Perdi a cobertura novamente.

Tento desesperadamente deixá-lo onde estava, mas não capta o sinal. Repito o gesto uma vez, e de novo, e de novo. Minhas mãos tremem e eu engasgo. Eu quero chorar, mas eu não sei mais. Tem sido inútil! Não consegui dizer a ele onde estou, não consegui pedir ajuda a ele! E agora que? E imagino-o a abrir a porta com os olhos semicerrados e ameaçadores, duas frestas cheias de ódio que tudo sabem, que tudo vêem, que me julgam por tudo. Talvez você já saiba. E isso vai me matar.

E percebo meu erro. Abri a caixa de Pandora.

Machine Translated by Google

6. Eva Carrasco See More

Eva ficou com o telefone na mão, estupefata, incapaz de reagir. Você ouviu Bárbara. Era a voz de Bárbara. Ele disse que sou Barbara. Mas não pode ser, ele sonhou. Barbara está morta há quatro anos. No entanto, era ela, ela tem certeza. Ele reconheceu seu choro, seu suspiro, o tom falso que ela usou ao dizer Eva? Ele quase não disse nada a ele, apenas gritou me ajude. Imediatamente a comunicação foi cortada e o dispositivo ficou mudo. Ele desliga esperando que Bárbara ligue de volta, mas nada acontece. Então ele decide verificar se a ligação existiu ou se ele a imaginou. Sim, é, dois minutos atrás. O número foi registrado.

É um móvel. Ele anota e liga, mas a secretária eletrônica de voz neutra dispara e informa que o celular para o qual ele está ligando está desligado ou fora de cobertura. Ele senta e pensa. Ou ela tenta pensar, mas os pensamentos sobem e descem, retrocedem e acabam deixando-a tonta. Eva, aturdida, acha muito difícil assimilar que acaba de receber a ligação de uma morta. Ele deve realocar Barbara para o mundo dos vivos e não é fácil. Seu pai, a polícia, amigos, família, todos a consideram morta. Só a mãe esperou em vão todo esse tempo que ele aparecesse. Ela é a única, é por isso que ela enlouqueceu. Ele deve ter dezenove agora, como ela. E se ela está viva, onde ela está? Por que você pediu ajuda? Por que desapareceu?

Por que ele nunca voltou? Por que ele não disse nada? Por que ele fez familiares e amigos sofrerem?

Olhe para o relógio. São três horas e ele tem aula de inglês às cinco. Ele estava terminando *o dever de casa* e ainda faltam dois exercícios. Ele se mexe na cadeira, sem saber o que fazer. Ela está sozinha e é difícil para ela pensar.

Ela parecia assustada. Eu estava gritando. A ligação deve ser importante, talvez decisiva. Tente ser racional e organize suas memórias. Antes de desaparecer, ligou para a mãe e encontraram a cabine telefônica salpicada de sangue, a bolsa dela no chão e nunca mais se ouviu falar dela. Você sente um calafrio quando se lembra disso. O sangue a deixa tonta. Na escola disseram que a cortaram em pedacinhos. Hernández, uma fera, tirou uma fotografia muito *sangrenta* de uma menina despedaçada e por isso teve pesadelos muitas noites. Bárbara a visitava sem braço, sem perna, pingando sangue, e ela dizia: Você queria que eu sumisse, né? Você escapou com ele. iria acordar

Machine Translated by Google

encharcado de suor e gritando. O policial que meteu o nariz em sua vida quase adivinhou. Ele fez perguntas muito desagradáveis, examinou-a como se fosse ela quem tivesse enfiado uma faca na amiga e a matado. Vocês brigaram, não foi?, ele deixou escapar uma tarde. Era a segunda ou terceira tarde de interrogatórios. E ela teve que admitir que sim, eles brigaram, mas que ela não tinha feito nada para Bárbara. O policial não foi amigável em nenhum momento.

Ela não pediu desculpas, eu sei que ela era sua melhor amiga e é uma piada que ela desapareceu porque você terá que carregar sua consciência pesada para o resto da vida. Em vez disso, ela deu a entender que era cúmplice do desaparecimento e que estava cometendo um crime por ficar quieta. Salvador Lozano foi chamado. Um amargo. Eva gritou com ele, explicando que ela e Bárbara tinham sido grossas e magras, mas ele, teimoso, atirou para matar e estava certo. Foi por causa de Martín Borrás, certo? Quem diabos havia avisado? Ele teria desejado estrangular Carmen, certamente tinha sido Carmen. Ele era estúpido ou o quê? Ela queria ser jogada na cadeia? Porque se eles estavam procurando motivos para se livrar de Bárbara, ela tinha o motivo perfeito. Sim. Ela queria que Bárbara desaparecesse e deixasse o caminho livre para ela com Martín. Porque Bárbara, sua melhor amiga, ficou com o garoto de quem ela gostava. Apesar de saber, ou talvez por causa disso. Suas entranhas ainda se agitam quando ele se lembra disso. Mas tudo faz parte de uma época tumultuada e caótica, quando ele cobria a cabeça com o travesseiro à noite e desejava que a terra engolisse Bárbara. Um desejo expresso em silêncio que se concretizou e que não sairá de sua boca. Ninguém jamais saberá que ele desejou o desaparecimento de Bárbara. E também ninguém saberá que acabou na cama de Martín Borrás. Treme. Foi um erro. Um espinho estúpido que ele tinha cravado e Fica um certo gosto ruim na boca e a sensação de que você estava no lugar errado com a pessoa errada. Foi uma birra, uma infantilidade adolescente descontente. Martín Borrás fora seu primeiro amor e Bárbara o roubara. Foi seu primeiro fracasso sentimental. Mas, em vez de comê-lo com batatas, ela terminou com sua melhor amiga, desejou que ela desaparecesse e, uma vez que seu desejo sombrio foi realizado, manchou sua memória beijando Martín Borrás de forma vingativa. Foi uma má ideia, mas a pegou desprevenida, sensível, e ela não conseguiu dizer não. Ele a envolveu por interesse, pensou muito sobre isso e está completamente seguro. Ele queria calá-la, queria conquistá-la de qualquer maneira. Ele a seduziu e ela caiu de quatro, como

Machine Translated by Google

um tolo O estômago revira ao lembrar do fedor daquela casa chique de Rosas que cheirava a lixo. Explosões de impressões fugazes. O vermelho intenso do quarto de Martín decorado com flashes e um colchão d'água que ele havia roubado de seu pai. A música de Duffy, o sabor áspero de suas bebidas e suas carícias mentirosas.

E ela se apaixonou, pendurada naquele canalha, engolindo suas palavras tão doces e enjoativas, convencida de que ele era louco por ela. Como ela era tão cega? Você não acha que eu fiz algo para Barbara...

E lembre-se que ela, em determinado momento, expressou preocupação porque passou por sua cabeça que talvez Martín tivesse algo a ver com isso. Por alguns momentos ela teve medo de sangrar até a morte. E talvez tenha sido essa pequena mudança de atitude, que resultou em um tremor nos lábios e em um piscar de olhos forçado, que quebrou o feitiço e causou o incidente no porão. Uma jogada ruim que Martín tentou consertar logo depois. Mas a desconfiança já havia se instalado entre eles. E sobretudo a vergonhosa deslealdade para com o amigo desaparecido que se agravou na volta quando, dentro do carro, se irritou com Bárbara, deixando-a furiosa, dizendo que ela era uma puta má e uma cueca e arrancou-lhe a promessa que ela não iria incriminá-lo. E ela aceitou e foi, se possível, pior que a pobre Bárbara.

Salvador Lozano, porém, merecia ser enganado, tratava-a como culpada. Ela queria saber se eles haviam brigado, se ela tinha alguma conta pendente com Bárbara, se havia alguma má vibração entre eles. E ele respondeu que sim, que haviam discutido, mas não por causa de Martín Borrás, mas por causa de Jesús, o professor de história. O que você está dizendo? Porque? Lozano saltou imediatamente. Bingo, pensou, e tagarelava alto, esvaziando a boca de todas as injúrias que vinha escrupulosamente apontando ao longo do curso e que guardava no fundo, com ressentimento. Disse-lhe que Bárbara estava apaixonada por Jesus, que era a verdade absoluta, que ela estava flertando com ele, que também era verdade, que ele a acariciava meio de brincadeira, meio a sério, que era uma verdade tangível e que às vezes eles estavam sozinhos, disfarçados, o que era uma verdade que só ela sabia da boca de Bárbara. Falou meias verdades envenenadas e nunca acreditou que sua palavra de adolescente pudesse ter um peso tão decisivo na vida de alguém. Isso o mergulhou na miséria. Mas ele não se arrepende de nada.

Eva nunca foi da rocha de Jesus. Ela não sabe ao certo se Jesus não a convidou para participar ou se ela saiu voluntariamente porque ele

Machine Translated by Google

eles queriam vomitar. O professorzinho inteligente namorando as garotas bonitas depois do horário escolar. O grupo de fiéis de Jesus se agarrando a ele, rindo de seus agradecimentos e brincando de intelectuais. Comentavam filmes que não entendiam e fingiam ler livros que caíam de suas mãos. Na aula brigavam por causa das piscadelas, dos tapinhas inocentes no traseiro e dos elogios. E Bárbara no meio. No dia em que a viu, disse-lhe que viesse aqui e contratou-a como avançada da equipa. A Bárbara estava muito presa àquele tolo para quem ninguém cantava quarenta até o dia em que Pepe Molina, seu pai, quebrou a cara. Ele estava muito feliz. Ele mereceu. Muitos outros pais teriam que fazer isso antes. E felizmente, no final, tudo veio à tona, tudo se soube. No entanto, rapidamente, tudo foi coberto. hipócritas. Jesus é gratuito e não merece. Ele merece estar atrás das grades, por ser pervertido, por ser manipulador, por ser pedófilo, por ser o assassino de Bárbara, conclui Eva. Isso é o que eu sempre acreditei. E agora que? Agora ele vai e descobre que Bárbara está viva. Como você come isso? E talvez ela seja a única pessoa no mundo que sabe. Ou não? Você não consegue tirar o grito de Barbara da cabeça. Me ajude! Isso significa que ela não está livre, que sua vida está em perigo, que está ameaçada ou presa. E ele está ainda mais angustiado com a responsabilidade que de repente caiu sobre ele. Ela, precisamente ela. o mau amigo O traidor.

Ele gira um pouco. Pensar. Ele admite que quis se convencer todo esse tempo de que fez a coisa certa. Que ele apontou na direção certa ao desviar a atenção de Martin para Jesus, já que foi ele quem feriu Bárbara. Mas você deve admitir que não tem certeza. Até porque não explicou a ninguém o ocorrido no porão da casa de Rosas. Os gritos que Martín lhe deu quando a pegou na porta do porão, prestes a girar a maçaneta. Como seus olhos brilharam. Da raiva que estava dentro. Da mão que subiu para bater nela e como ela fugiu escada acima, morrendo de medo. Não contou a ninguém porque a sua nomeação teria sido pública e notória e naquela altura este tipo de coisa era muito importante para ele. Martín se justificou, mais tarde na sala, dizendo que poderia ter se matado. Que o avô escorregou da escada e quebrou o pescoço e por isso não queria que ninguém descesse. E ele queria acreditar. Mais de uma vez ele refletiu sobre as razões pelas quais Martin ficou com raiva. O que ele estava escondendo no porão? O que ele não queria que ela visse? E agora, o pedido desesperado de ajuda de Bárbara reviveu o incidente e o fez juntar os pontos. Talvez..., diz-se sem

Machine Translated by Google

ouse elaborar toda a frase. Talvez..., ela pensa angustiada enquanto suas mãos começam a tremer insistentemente. Eva deixa o *dever de casa* de lado e atende o telefone. No diário sobre a mesa da sala, encontra facilmente o ramal do subinspetor Lozano.
Ele já se encarregou de fazê-lo anotar o número, quer você queira ou não, e insistiu repetidamente que, acima de tudo, se tivesse alguma pista sobre Bárbara, deveria contatá-lo imediatamente. Ele provavelmente era um idiota, mas fazia seu trabalho e era um homem sério. Ele saberá o que fazer nesse caso. Desta vez, ele explicará tudo para ele, não esconderá nada dele. Ela engolirá a vergonha por ter mentido para ela e por ter desligado na cara de Martín Borrás. Agora ela é mulher e pode assumir os erros de quando era criança.

Olá, bom dia, está com dúvida, ou boa tarde, posso falar com o subinspetor Lozano, por favor? Ele olha para o relógio, são três e quinze do meio-dia, hora difícil para saber se deve dizer bom dia ou boa tarde. Os ingleses são mais cartesianos. Depois do meio-dia, a manhã termina. Bem, agora ele está comendo. Do que se trata? Eva para. Ele não quer falar com ninguém além de Lozano. É um assunto privado, afirma sem rodeios. A voz do outro lado soa mais intimidante. Diga-me o seu nome e número de telefone. Eva não responde. Se sente mal. Ele não quer criar a lebre. Agora ele se arrepende de ter chamado a polícia. Quem é você? Seu nome? Ela se sente como então, acusada injustamente, e fica pendurada ofegante, como se tivesse ficado sem oxigênio no meio do K2. Ela está uma pilha de nervos. E agora que?

Mas ele se levanta e pega a pasta de inglês, por hábito, porque
Ele faz companhia a ela e cobre seus seios, que são grandes demais.
Ele fará o que qualquer um faria no caso dele. Ele vai ver sua família.

Machine Translated by Google

7. Salvador Lozano

Salvador Lozano meteu secretamente um palito no bolso e palita os dentes, sozinho no escritório, enquanto espera por Toni Sureda. Ele adora bacalhau, mas depois se arrepende. A mulher deu-lhe uma escova de dentes dobrável, daquelas que vendem nas farmácias e que ele perde sempre. Isa, a telefonista, disse a ele que uma garota que não quis dar seu nome perguntou por ele. Verifique o número no banco de dados e me diga quem é, ele responde. Ele tem certeza de que, se for importante, ligará novamente e eventualmente o encontrará. Pergunte a Pepe Molina se não, que não teve problemas em persegui-lo fora do trabalho e até em procurá-lo no bar onde ele toma café todas as manhãs. Se não fosse pelo pai de Bárbara, o caso teria morrido muito antes disso.

É um caso sem muita esperança, desde o início ele se desprende de Toni Sureda, que se senta à sua frente, atento, como um aluno diligente, com o caderno e a caneta na mão e um brilho feliz nos olhos negros, muito negros. Bebeu vinho, suspeita Lozano, e andou contando piadas obscenas nas sobremesas, uma aventura com audácia criativa.

Vamos lá, ele solta enquanto tira todos os papéis do arquivo e os espalha sobre a mesa. Há quatro anos, Bárbara Molina, então uma jovem de quinze anos, fugiu de casa. Sem motivo, sem motivo aparente. Na terça-feira, 22 de março de 2005, ele deixou um bilhete manuscrito. Um bilhete adolescente escrito às pressas. Bastante contundente, definitivo e trágico.

"Estou saindo, não me procure. Bárbara." A mãe dele, Nuria Solís, telefonou-nos no dia seguinte depois de ter indagado em casa de amigos e conhecidos sem sucesso. O pai, José Molina, relutou em ir à polícia, mas cedeu por insistência da esposa. Um voo voluntário não é um desaparecimento, mas foi um voo menor e não quisemos correr riscos.

Iniciamos a tarefa imediatamente e acionamos os dispositivos de busca habituais, embora estivéssemos às portas da Semana Santa. A mãe encontrou o bilhete na terça de manhã e eu estava saindo de férias na quinta à tarde. Tinha tudo reservado e não podia cancelar, acrescenta mais amigavelmente, como concessão a uma suposta amizade que não existe. Isso não vem ao caso, mas talvez tenham sido as primeiras férias que tirei com a família em muitos anos. Já

Machine Translated by Google

Você sabe, nunca descansamos e sempre levamos nosso trabalho conosco onde quer que estejamos. Dito isso, continue com a história e retome o tom neutro e profissional. A princípio não parecia um caso difícil, as primeiras pesquisas já nos ofereciam fios a puxar. Os resultados acadêmicos desastrosos foram apenas a ponta do iceberg, escondida atrás de uma adolescência conturbada abalada por uma recente decepção amorosa.
Possivelmente ela voltará arrependida depois de alguns dias, pedirá ajuda a uma amiga, entrará em contato com o namorado ou será localizada pelos agentes, desconfiei com otimismo. Os amigos, porém, nada sabiam. Eles não tinham ideia de onde Bárbara poderia ter ido. Claro, todos eles apontaram para o mesmo menino. A coincidência foi unânime. Martín Borrás, 22 anos, monitor do San Grabiel, Clube Excursionista ao qual Bárbara pertencia há apenas um ano. Saíram para a montanha alguns fins de semana e prepararam alguns acampamentos para os dias de Páscoa.

Reuniam-se aos sábados de manhã nas instalações paroquiais, na Rua Urgel com a Diputación, muito perto da casa de Bárbara. Martín, porém, não se dava muito bem com os meninos que costumavam atuar como monitores. Ele tinha um perfil, por assim dizer, mais chique. Cursava o primeiro ano de Administração de Empresas na ESADE, pela segunda vez, esquiava, discotecava esporadicamente em uma boate e havia passado no exame de direção pela primeira vez. Era um menino bem-sucedido, pouco estudioso, mas esperto para o que lhe interessava. Bonito, sem dúvida. Um cara presunçoso, daqueles que ficam horas se olhando no espelho antes de botar os pés na rua. Calças caídas com pose estudada, extrovertida, brincalhona e muito sociável. Falava duas línguas estrangeiras, fora educado em três centros bastante exclusivos, embora tivesse repetido o quarto ano da ESO e o segundo ano do Baccalaureate.

Eu mesmo o visitei na tarde de quarta-feira e o flagrei preparando sua mochila para o passeio de quinta-feira a um acampamento de verão em L'Estartit. Ele estava sozinho porque seus pais haviam viajado para Londres. Posso assegurar-lhe que seu espanto parecia sincero. Eu não fazia ideia. Bárbara não havia dito nada a ele e, além disso, deixou bem claro que ele não estava mais namorando a moça. Eles haviam terminado. Quando? A data era muito recente. Nesse mesmo fim de semana. Sábado, 19, noite de San José, foi a última vez que a viu e não ouviu mais nada. Querendo esclarecer os motivos do rompimento, o rapaz ficou nervoso e gaguejou uma desculpa. Nossas coisas, ele argumentou. Deixamos correr. Desde o início não achei oportuno insistir nisso.

Machine Translated by Google

Além disso, ele não nos incomodou em verificar seu celular, seu Messenger, seu *e-mail.* Tudo limpo. No cinzeiro havia restos de juntas.
Fiquei quieto e anotei as informações. Deixei-lhe a instrução de que a qualquer sinal de vida dela era obrigado a avisar-nos imediatamente.

E continuei as investigações. A preceptora de Bárbara, Remedios Comas, cinqüenta e dois anos, graduada em hispânica e professora de espanhol há vinte e nove anos na Escuela Levante, veio dizer, mais ou menos, o que já sabia. Que ela era uma menina alerta, que tinha problemas e que tinha negligenciado os estudos. Ele havia suspendido tudo e talvez o mundo tivesse caído sobre ele. Achei duro e seco. Algumas vezes eu a peguei com uma hesitação. Ela mediu as respostas e não se deixou levar pela emoção, o que foi bastante surpreendente para uma tutora que esteve em contato próximo com Bárbara ao longo do curso e supostamente sabia dos problemas que a levaram ao fracasso acadêmico. A propósito, casualmente, fiz uma pergunta que sempre faço. Você suspeita de algum outro motivo que possa explicar a fuga de Bárbara? E aqui ele hesitou por alguns momentos. Estou neste trabalho há tempo suficiente para saber quando as pessoas são cautelosas, medrosas ou dissimuladas. Ele pertencia ao terceiro grupo. Ele se conteve, mas não negou categoricamente. Ele não queria implicar ninguém, talvez lhe parecesse feio apontar o dedo para algum aluno, algum menino ou menina que seria considerado suspeito em um assunto sério apenas por uma vaga intuição.
Todos nós brincamos de detetives, todos elaboramos teorias, todos somos potenciais investigadores da realidade e queremos que a realidade seja uma fórmula matemática que resolva a equação para nós. Talvez Remedios Comas tivesse sua própria hipótese. Deixei para uma segunda rodada, quando tudo estivesse mais claro.

Conversei com os pais novamente e senti diferenças entre eles. Arrastaram mais de uma crise motivada pela adolescência de Bárbara. Pepe Molina era um homem rígido, sério, obcecado em marcar os horários e as empresas da filha, mas devido ao seu trabalho, representante de joias, viajava com bastante frequência e delegava responsabilidades à esposa, Nuria Solís, que tinha mais liberdade e atuava como uma cobertura para as idas e vindas de sua filha. Essa diferença de opinião já havia lhes custado mais de um argumento.

Três motivos para sair de casa. Conflitos familiares, fracasso escolar e uma briga entre amantes. Ele tinha falido. Ele só pegou um

Machine Translated by Google

bolsa com quatro peças de roupa e uma nécessaire. Naquela época ele teria colocado a mão no fogo porque Bárbara voltaria depois de uma semana com o rabo entre as pernas se uma viatura não a tivesse localizado dormindo na rua antes. Arrumei minhas malas depois de distribuir as fotos e deixar uma boa equipe encarregada do caso. O sargento Maldonado ficou de plantão e na quinta-feira à tarde fui de carro até La Manga del Mar Menor, o sonho de minha esposa. No entanto, um telefonema do sargento Maldonado me tirou da cama na sexta-feira, dia 25, às seis e quinze da manhã. Tudo havia precipitado em poucas horas e o caso se complicara muito. Ele me deu um resumo rápido. A mãe de Bárbara os havia alertado por volta das duas da manhã. Na noite anterior, ela e o marido haviam perdido um cartão dela da Caixa d Eles presumiram, muito corretamente, que Bárbara a havia levado, fizeram perguntas sobre os saques e verificaram pela Internet que alguém realmente havia sacado dinheiro na estação de Sants na terça e em Bilbau na quinta. A irmã de Nuria Solís, Elisabeth Solís, vivia em Bilbau e Bárbara tinha uma relação muito boa com ela e com o marido, Iñaki Zuloaga. Eles já haviam ligado, mas eles não estavam em casa e não atenderam o celular. Eles tinham um veleiro e gostavam de velejar. Possivelmente estavam no mar. O apartamento, então, estava vazio e Bárbara provavelmente vagava perdida por Bilbau. Pepe Molina, o pai de Bárbara, pegou o carro, partiu para Bilbao e parou em frente à casa dos cunhados. O Sargento Maldonado agiu muito bem. Ele imediatamente contatou a Ertzaintza e ligou para o pai de Bárbara para que ele nos atualizasse sobre qualquer pista que pudesse levar à menina. Parece que Pepe Molina saiu em desabafo dizendo que não precisava da polícia para encontrar a filha, que era um assunto de família e que assim que a pegasse tudo estaria resolvido. Enquanto isso, a Ertzaintza fez pesquisas com os moradores do bloco de apartamentos onde moravam os Zuloagas e eles tiveram sorte. Algumas irmãs idosas solteiras que residiam no segundo andar, no mesmo patamar do casal Zuloaga, declararam que Bárbara telefonara insistentemente para o apartamento dos tios por volta da uma hora da quinta-feira. Eles a conheciam de outros tempos. Eles explicaram que o casal havia saído e a menina começou a chorar. Fizeram-na entrar, ofereceram-lhe feijão e um assado, e ela aceitou faminta e confessou que tinha viajado sozinha para fazer uma surpresa aos tios, mas não sabia

Machine Translated by Google

como localizá-los. Ele não queria ficar em casa. Ele jurou e jurou que tinha uma passagem de ônibus de volta e foi embora. Nunca mais se ouviu falar de nada.

O pai chegou de madrugada e estava lotando os bares da região. Eles se lembravam dele perguntando sobre a garota. Finalmente, às cinco e quarenta e cinco da manhã, enquanto seu pai estava estacionado em frente ao apartamento em Bilbau e a polícia a procurava pelas ruas da cidade portuária, Bárbara ligou inesperadamente para o telefone residencial de Lérida. Uma única ligação para a mãe pedindo ajuda e gritando. A ligação foi abruptamente interrompida. Desde o quartel-general localizaram-no rapidamente, tinha sido feito a partir de uma cabana na cidade de Lleida, perto do Segre. Após dez minutos, eles encontraram a cabine cheia de sangue com a bolsa dela no chão. Na bolsa estava toda a documentação de Bárbara, mas faltava o celular dela. Nenhuma testemunha. Nenhuma pista.

A partir daí o mistério mais absoluto.

Salvador Lozano se serve de um copo d'água. Sua boca ainda está seca quando ele revive esses momentos. Tome um gole e continue. No final, tive que suspender as férias definitivamente. O instinto me disse que o caso era muito sério e que minha presença era necessária. E assim foi. Esperamos em vão por um chamado, um aviso, uma testemunha. Investigamos cuidadosamente os vestígios e restos mortais deixados na cabine. Foi em vão. Pepe Molina, de volta ao Barcelona, estava uma pilha de nervos e constantemente me importunava. Ele queria que agíssemos, prendêssemos pessoas, encontrássemos sua filha. Eu tive que pará-lo porque ele começou a criticar a polícia na mídia. Era compreensível. O homem estava exultante. E enquanto a mãe encolheu e afundou, o pai orquestrou campanhas de cartazes e manifestações que agitaram o caso e dificultaram a investigação. Um homem capaz de ir buscar a filha no fim do mundo e convocar coletivas de imprensa também é capaz de fazer justiça com as próprias mãos. Semanas depois, fez cara nova para o professor de história, Jesús López, sobre quem, por rebote, recaiu a desconfiança. Mas estou me adiantando.

Reiniciei a investigação em maratonas com pais, amigos e parentes mais próximos. Tive que registrar bem seus arredores e virei os parafusos contra sua mãe, provavelmente a pessoa que mais sabia sobre Bárbara e que, talvez, escondesse mais segredos. E assim foi.

Num interrogatório a sós, Nuria Solís desabou e confessou que três meses antes do desaparecimento descobriu golpes e cortes nos braços e

Machine Translated by Google

pernas da filha Foi por acaso que ele entrou no banheiro e a encontrou nua se enxugando com uma toalha ao sair do banho porque, segundo ele, Bárbara sempre fechava a porta. Desta vez, ao vê-la, ele ficou horrorizado. Bárbara mentiu para ele dizendo que havia caído com a moto de uma amiga e que não queria assustá-la. O que parecia mais estranho nisso tudo eram os cortes nos antebraços. Em um lugar invisível, mas íntimo e doloroso.
Nuria Solís era enfermeira e sabia perfeitamente que estes tipos de lesões são muitas vezes automutilantes. Ele a colocou contra a parede, mas Bárbara negou tudo. Ela negou que alguém a tenha machucado e também negou que tenha se cortado. Agarrou-se à versão da queda da moto e Nuria Solís calou-se com medo do marido e da sua reação excessiva. Então havia alguém que estuprou Bárbara antes dela fugir. Talvez o namorado dela, talvez alguém que não conhecíamos. Eva Carrasco, a amiga, ficou maravilhada, não sabia de nada. Os irmãos, de apenas dez anos de idade, ficaram impressionados com a situação e pouco fizeram para nos ajudar. Já a cunhada, Elisabeth Solís, e seu marido, Iñaki Zuloaga, conheciam muito bem Bárbara e ficaram comovidos com o fato de ela não os ter encontrado quando mais precisava. Eram jovens, então com trinta e seis e trinta e nove anos, e otimistas e, apesar de sua amargura, faziam o retrato de uma Bárbara mais complacente, mais amorosa e menos rebelde do que aquela que chegou até nós por meio de seus pais. Eles eram obviamente o tipo de parceiro aberto, de mente aberta e amoroso que uma sobrinha procuraria em caso de problemas. Mas, justamente pela distância, pouco mais puderam contribuir para o caso, a não ser, claro, uma lufada de ar fresco que sempre se aprecia.

Com licença, interrompeu Sureda, interessada nessa informação. Você disse que os tios de Bárbara não estavam em casa e que eles não tinham sinal de celular. Onde estavam? No caminho para as ilhas Cíes de cabotagem através do Cantábrico. Assim que souberam do sumiço, deram meia-volta e voltaram.
Sureda o interrompe novamente. Quem os notificou e como? Lozano coça a cabeça. Obviamente, é fato que naquele momento, no meio da confusão, ele achou inconsequente. Não sei, acho que Nuria Solís deve ter ligado. Elisabeth é sua única família. Sureda não desiste: não entendo. Se eles não tivessem sinal de celular ou estivessem desligados, como poderiam notificá-los? Lozano admite que tem razão.
Que todas as fissuras podem se tornar rachaduras e que essa informação sobre quem notificou quem e como não foi considerada relevante na época. Desculpe,

Machine Translated by Google

Com licença, continuei, por favor, continue, Sureda pede desculpas, constrangida porque na verdade não sabe quem são esses parentes de Bárbara. Lozano retoma o fio com alguma hesitação.

Bárbara passara longos períodos em sua companhia quando era mais jovem. Ele adorava seu tio Iñaki, que o ensinou a nadar e velejar.

Iñaki Zuloaga era um biólogo pesquisador marinho e trabalhou na Universidade de Deusto. Ele tinha um histórico impecável. Ele havia feito *um pós-doutorado* por três anos em Londres, fazendo pesquisas no Museu de História Natural. Lá ele conheceu Elisabeth Solís, que trabalhava como professora de espanhol na Bloomington School. Eles voltaram juntos para a Espanha quando Iñaki ganhou uma bolsa Ramón y Cajal em Bilbao.

Eles se casaram e Elisabeth logo encontrou um emprego como professora de inglês em uma escola secundária. Zuloaga, um homem viajado, cosmopolita e brilhante, com duas capas na revista *Science ,* era acima de tudo um cara amoroso. Ele e Elisabeth não tiveram filhos e Bárbara foi o brinquedo deles dos quatro aos treze anos. Lozano para e olha para Sureda. Essa última informação me intrigou. Por que os tios e a sobrinha se distanciaram? Quando perguntei por que ele não tinha ido nos últimos verões, percebi que as relações com Pepe Molina eram tensas. Iñaki Zuloaga discretamente me deu a entender que tinha sido decisão de seu pai não voltar. Puxei o fio o máximo que pude e não entendi nada.

Seriam apenas diferenças de critérios na concepção do mundo e da educação? Ou havia algo mais? Pepe Molina chamou o cunhado de esnobe *irresponsável* e considerou que ele não era um bom exemplo para a filha. Ele não sabia ao certo, mas o acusou de beber e permitir que Bárbara aprendesse coisas impróprias para sua idade. Ele se referia aos passeios noturnos com o veleiro em busca de crustáceos marinhos e aos encontros e festas com seus amigos, professores universitários. Nuria Solís limitou-se a dizer que Bárbara ficou obcecada com o estilo de vida dos tios e que eles decidiram que ela tinha de viver no seu próprio mundo, com pessoas da sua idade e sob o controlo dos pais. Seja qual for o motivo, pelas suas declarações ficou claro que o casal Zuloaga realmente a amava. Ou pelo menos, parecia. Você sabe, ele acrescenta, em nosso trabalho não podemos tomar nada como garantido. Todos, até prova em contrário, são suspeitos. E novamente voltei ao principal suspeito. O garoto com quem ela estava saindo. Aquele Martín Borrás que questionei na véspera de seu desaparecimento definitivo. Suas digitais apareceram na bolsa de Barbara, mas nenhuma na cabine telefônica.

Machine Translated by Google

Quando perguntado onde estava na sexta-feira às cinco e quarenta e cinco da manhã, Martín Borrás não respondeu de imediato. Das colônias, ele finalmente nos contou. Segundo ele, ele havia partido na manhã de quinta-feira para o L'Estartit e ficou lá até a manhã de domingo. Os pais confirmaram isso ao voltar, pois haviam acabado de chegar de Londres. Mas ao questionar seus companheiros do Clube, eles confirmaram que ele estava mentindo. Martín Borrás fez uma excursão com todo o grupo, mas fez como outras vezes, costumava desaparecer à noite com a motocicleta e aparecer muito cedo pela manhã, como se nada tivesse acontecido. Na noite de quinta-feira ele disse que ia a uma festa e deixou o acampamento de verão por volta das dez. Ele apareceu na manhã de sexta-feira, por volta das onze e meia, com sinais de embriaguez e bastante sujo. Ninguém, porém, viu vestígios de sangue em suas roupas, estavam amarrotadas e manchadas, mas não de sangue. Infelizmente, não pudemos verificar porque as roupas que ela usava naquela noite já haviam passado pela máquina de lavar. O álibi era fraco. Segundo ele, após um longo interrogatório, ele especificou que estava no Razzmatazz, conhecido clube de Barcelona, em uma festa com alguns amigos. Lá ela dançou até duas ou três da manhã e depois foi dormir em sua casa. Ao amanhecer, ele dirigiu novamente para L'Estartit. Testemunhas?, pergunta Sured Lozano franze a testa. Sim. Duas garotas que dançaram com ele e um amigo que lhe pagou dois drinques. As testemunhas chegaram até uma da manhã. Depois disso, ninguém mais o viu. Sureda levanta a cabeça de repente. Que moto ele tinha? Uma Yamaha 750. Sureda apita, dando a entender que entende de motocicletas. Pode atingir duzentos quilômetros. Isso significa que ele poderia ter feito a rota Gerona-Bilbao em seis horas e a rota Bilbao-Lleida em três horas, o que soma... Lozano o interrompe. Mais de nove horas, supondo que ele não tenha parado nem por cinco minutos e que tenha encontrado Bárbara em um horário muito preciso em um só lugar. Já fizemos o cálculo e é impossível. O telefonema de Bárbara de Lérida era às cinco e quarenta e cinco da manhã e Martín Borrás, mesmo que seus depoimentos sobre a festa tivessem mentido, não poderia ter estado em Lérida antes das onze da manhã. Se as testemunhas estivessem dizendo a verdade, era totalmente impensável. Sureda estalou a língua. E se eles se conheceram em Lleida?, ele cai de repente. Como?, exclama Lozano, intrigado. Bem, ficar, um compromisso de última hora da Barbara. Bárbara teve toda a tarde de quinta-feira para viajar de mil maneiras, são muitas as combinações. Um momento, um momento, Lozano o detém. E como eles se comunicavam? martinho

Machine Translated by Google

Não recebi nenhuma ligação do telefone de Barbara. Sureda, então, lança uma hipótese arriscada. Talvez Bárbara tivesse dois motivos. Lozano fica pattiesso. Porque? Bem, para fugir da família, Sureda responde sem hesitar. Uma menina que planeja uma fuga, que mente e que está sujeita ao controle dos pais consegue se comunicar com quem é proibida sem que os pais saibam. Como fica um marido quando sabe que sua esposa checa seu celular? Ele compra outro cartão, esconde e só uma pessoa muito especial tem o número. O subinspetor Lozano não responde imediatamente. Ele foi nocauteado. Outro motivo é uma possibilidade que eles não contemplaram. Um celular fantasma inexistente para ligar apenas para determinados números. Um celular que seus receptores podem ter registrado com outro nome, para continuar o jogo de ocultação. A princípio parece uma ideia rebuscada, típica de uma mente rebuscada, mas ele logo percebe que não é tanto assim. Se assim fosse, muitos dos inquéritos que fizeram através da linha do telemóvel teriam buracos.

Ele tenta reorganizar os pensamentos que Sureda deixou cair fora de ordem. A ver. Você está me dizendo que talvez Bárbara ligou para Martín Borrás no celular dele, que Martín dirigiu a motocicleta por duas horas até Lérida e que conheceu Bárbara lá? Por que não? Aventura Sureda. Trata-se de olhar as coisas de maneira diferente e mudar a lista de suspeitos. Quem poderia ter conhecido Bárbara diretamente às cinco e quarenta e cinco da manhã em Lérida? Lozano sabe que tem razão e concorda com seu jogo. Ok, ele diz, de repente encorajado. Vamos imaginar que seja verdade. Que Bárbara viajou sozinha para Lérida e que telefona para Martín, seu ex-namorado, para que ele vá procurá-la para se reconciliar. Vamos lembrar que eles terminaram há menos de uma semana. Então o incidente irrompe. Ciúme, tentativa de estupro ou violência, incidente que ocorre desde a noite de sábado. Bárbara foge e encontra uma cabine telefônica, enquanto Martín liga, ele a intercepta, a fere e a leva para onde ela havia deixado o veículo. Ele tem uma moto, vamos lembrar disso. Para onde ele a leva com a moto? Para um terreno baldio? Para Barcelona? Para a casa de Rosa? Sureda faz uma observação interessante. Rosas está ao lado do L'Estartit e você disse que os pais dele estavam em Londres. De fato, Lozano admite cautelosamente. Suponha que ele o leve a Rosas para escondê-lo ou jogá-lo nele. Um lugar recorrente onde ele sempre leva as meninas. E é aí que o crime acontece. De manhã, Martin chega ao

Machine Translated by Google

acampamento às onze e meia como se nada tivesse acontecido.
Evidentemente, ele não dormiu a noite toda.

Ambos ficam em silêncio por um momento, chocados com a possibilidade de que fosse como eles propuseram de forma intuitivamente natural, que é a forma como as ideias fluem. E Lozano, sem Sureda dizer que essa boca é minha, pega o telefone e liga. Ele ainda tem o poder de dar ordens sobre o caso. chamado? Eu sou Lozano. Estou revendo o caso da Bárbara Molina com a Sureda. Quero uma ordem judicial para revistar a casa em Rosas de Martín Borrás. Envie uma patrulha para procurar restos de um corpo. Você sabe, jardim, depósito, porão. Informe-me imediatamente. Ele desliga resolutamente e olha para Sureda. Ele não o vê mais inexperiente.
Jovem talvez, mas um jovem é uma lufada de ar fresco para esse assunto.

Para onde ele estava indo?, diz distraído. Ah sim, ele responde a si mesmo. Pelas investigações em torno de Martín Borrás. Grampeamos seus telefones e gravamos as ligações feitas nos dias que antecederam o desaparecimento. Não houve registro de nenhuma ligação de Bárbara. Convidamo-lo para um interrogatório na companhia da melhor amiga de Bárbara, Eva Carrasco, pois ambos se conheciam e segundo rumores fidedignos Eva tinha flertado com ele antes de Bárbara aparecer no Clube e o encantar. Seu comportamento era bastante suspeito. Na sala de espera, Eva expressou abertamente sua preocupação e desconfiança em relação à polícia. Mas Martín a silenciou apontando para um possível microfone com a mão. Ele não sabia que sua espera simulada estava sendo filmada. Seu comportamento foi encenado e tudo, tudo, encobria mais coisas. Quando o agente apareceu para levá-los ao escritório, Martín Borrás fingiu uma preocupação que não havia manifestado, muito menos cinco minutos antes, quando estava a sós com Eva. O interrogatório não foi muito suculento. Eva estava na defensiva e Martín calado. Ele os enfrentou. Que problemas pessoais Bárbara tinha? Ambos estavam jogando bolas e não se envolvendo. Falaram do pai rígido que a controlava, do tio maravilhoso que não a deixavam ver, da professora de história que a deslumbrava com museus e filmes, das notas ruins e do tempo que a mãe dedicava aos irmãozinhos que amava. .eles disseram, ela estava com ciúmes. Mas já tínhamos as provas da culpa de Martín Borrás que procurávamos. Claro que eu precisava de outra coisa e encontrei. Ao registrar sua ficha clínica, descobri uma internação de psiquiatria na Clínica Teknon em Barcelona. Um surto psicótico aos dezessete anos, durante o qual

Machine Translated by Google

agrediu um colega e ameaçou matar a mãe dele com uma tesoura. Os pais o pegaram com a maior discrição, mas eu o havia encontrado. Desequilíbrio mental, violência e sobretudo falso testemunho que encobriu indícios de culpa. Eu arrisquei e nós o paramos. Os interrogatórios, então, foram mais duros e inquisitivos, embora não tenhamos conseguido nada claro. Ele não se contradisse, nem se entregou, mesmo que tenha escondido informações de nós. Eu tinha certeza que ele estava mentindo e nós o deixamos nervoso o suficiente para nos ameaçar com uma reclamação de seus pais. Tivemos pouco tempo. Os pais, de fato, já haviam gritado aos céus e contratado um advogado muito caro que nos mantinha afastados. Os amigos anotaram, a mãe de Bárbara anotou, e desconfiei que o motivo inicial da fuga de Bárbara estava ligado ao rompimento com Martín e ao misterioso ataque na noite de sábado. Disso ele tinha certeza. Finalmente, Martín Borrás cantou. Foi graças à capacidade da Romagosa. Você o conhece, certo? Ele é um interrogador infernal. Eu recomendo em casos difíceis.

Romagosa levou-o a um beco sem saída e Borrás, encurralado, declarou, talvez nem se apercebesse quando o disse, que Bárbara se recusara a ter relações sexuais com ele. E a partir deste momento, com uma sinceridade avassaladora e sangue bastante frio, confessou que não estava habituado a ser negado e que tentou três vezes e três vezes Bárbara o rejeitou com diferentes desculpas. A última foi na noite do sábado anterior.

Romagosa facilmente o colocou nas cordas perguntando o que ele fez.
Martín Borrás não respondeu. O silêncio era eloquente. Ele a forçou? Ele bateu nela? Ele a estuprou? Martín Borrás negou tudo, mas deu detalhes.
Segundo ele, Bárbara havia aceitado de bom grado seu convite para passar a noite juntos em seu apartamento, aproveitando o primeiro final de semana das férias que ele estava sozinho em Barcelona, enquanto seus pais voavam para Londres. Tudo estava indo bem, eles beberam, tocaram música e se beijaram. Quando ele começou a se despir, porém, a situação se complicou porque ela de repente e sem motivo começou a gritar e bater nele.
Ficou fora de controle. Foi muito desagradável. Não, segundo ele, nada mais aconteceu. Ele a deixou correr porque ela estava histérica e ficou com raiva, é claro. Ele jogou as roupas na cara dela e disse para ela ir embora. E ele não a viu mais. Isso aconteceu no fim de semana antes de ele desaparecer. No sábado, 19 de março, por San José. Eles namoravam há quatro meses e, segundo Martín Borrás, não houve contato sexual pleno.

Machine Translated by Google

Também fazia três meses que Bárbara se distanciara de sua amiga Eva. Pelo que pude apurar, foi por causa do menino. Mas não quero misturar informações. Estávamos em uma noite de sábado. Segundo Martín Borrás, Bárbara saiu por volta de uma da manhã. Já na porta, fez um basilisco, confessou que era virgem e que não ousava arriscar. Na época, ela ainda não havia entregue as notas aos pais e mentiu para eles dizendo que faria um curso oficial de instrutor naquele fim de semana. Nuria Solís havia lhe dado permissão, apesar de suspeitar que não era verdade. Ninguém sabe onde ele passou o resto da noite. O fato é que ele apareceu em sua casa na manhã de domingo com roupas rasgadas e sujas. Nuria Solís daquela vez não conseguiu esconder do marido, que ficou muito bravo com Bárbara e armou um número para ela. Este é o episódio mais sombrio. Bárbara explicou que eles tentaram roubar sua bolsa, embora isso soasse como uma desculpa implausível. O que realmente aconteceu na noite de sábado? A roupa indicava claramente que houve uma tentativa de estupro ou, no mínimo, um ato violento por parte de alguém. Os botões de sua blusa foram arrancados, assim como a calcinha que ela usava, que apesar de ela ter escondido e jogado fora, sua mãe encontrou rasgada na lata de lixo. Sureda assobia alto, de forma conclusiva, como se pudesse ler todos esses sinais e chegar à resposta milagrosa. Lozano gostaria de ser tão otimista quanto ele, mas esse buraco na noite de sábado é um daqueles momentos sombrios que nunca foram esclarecidos. Quem atacou Bárbara?, ela se pergunta em voz alta. Sureda interrompe. O testemunho de Borrás não pode ser suportado, foi ele. Então Lozano o presenteia com um pedaço de papel. A declaração de um vizinho que coincidiu com Bárbara ao sair do apartamento de Martín em Barcelona na hora que ele disse, por volta de uma da manhã. A vizinha, uma certa Carolina Vergés, de cinquenta e oito anos, viúva e moradora há trinta e dois no mesmo bairro, estava levando a cachorra para passear e a encontrou chorando como uma Madalena. Ele tentou confortá-la, mas Bárbara não permitiu. Ela vestiu suas roupas sem lágrimas e saiu sozinha. Sureda fica em silêncio abatida. É certamente desconcertante. O subinspetor Lozano, tossindo, tira outro pedaço de papel de uma pilha e o oferece a Toni Sureda, que já não faz anotações nem interrompe, apenas escuta. Na segunda entregou as notas em casa e organizou um bom cacau, e na terça sumiu. Lozano continua sem parar. Entre as coisas que nos surpreenderam nas declarações de Martín Borrás, uma delas foi sua afirmação enfática de que Bárbara não teve relações

Machine Translated by Google

sexo com ele e outra que nunca tinha colocado a mão nele. Ou Martín Borrás estava mentindo ou outra pessoa estava envolvida. Quem havia causado os golpes e ferimentos em Bárbara? Por que você estava tomando anticoncepcional? Porque Bárbara Molina tomava anticoncepcional há pelo menos três meses. Anticoncepcionais? Sureda fica surpresa. Lozano está satisfeito com o interesse de seu substituto. Sim, Bárbara tomava anticoncepcionais, Jasmine, para ser mais exata, do tipo que as meninas costumam dar nas farmácias sem receita. A mãe confessou o estupor do pai em uma sessão bastante desagradável. O casamento brigou na minha frente. O pai estava completamente alheio e acusou a esposa de esconder coisas dele sobre a filha.
Nuria Solís, então, começou a chorar dizendo que não queria criar problema familiar e que guardava o segredo de mulher para mulher. Uma mulher?, explodiu o pai. Uma mulher de quinze anos? Com que idade você acha que as meninas se tornam adultas? Talvez você ainda não esteja neste ponto. Você também comprou pornografia para ele aprender? Eram acusações tão nojentas e inoportunas que implorei que suspendessem a sessão até que se acalmassem. Eles saíram envergonhados e eu imaginei a discussão deles em casa. Eu pressenti que o casal acabaria se separando.

Ele era gordo demais para sua estabilidade para resistir aos ataques de desconfiança. A mãe lamentou a rejeição da filha. O pai não aceitava que fosse uma mulher. Equação difícil para ficar juntos no infortúnio.

Mas eu estava errado, como em muitas coisas. Quando tudo parecia claro e transparente e tudo apontava na direção de Martín Borrás, ficamos presos. Não estávamos indo para frente ou para trás. Martín Borrás não se contradisse, não desmoronou, as comparações foram inúteis e não surgiram novas pistas. Suspeitamos que a família poderia ter destruído alguma evidência, alguma pista, mas também não conseguimos provar. E então, quanto mais desanimados estávamos, apareceu outro suspeito que antes permanecia nas sombras. Jesus Lopes. A professora, né?Sureda intervém.

Lozano volta a encher o copo d'água para começar com Jesús López, mas nesse exato momento Dolores os interrompe. Não olha para ele, olha para Sureda. O chefe está esperando por você, ele quer falar com você. Lozano se mexe desconfortavelmente. Dolores não leva mais isso em conta. O inspetor Doménech já está perguntando diretamente por Sureda e ele não conta mais.

Machine Translated by Google

A novíssima futura subinspetora Sureda sai satisfeita do escritório ao ser chamada pelo inspetor-chefe.

Lozano fica sozinho, olha para o relógio e palita novamente os dentes com o palito enquanto contempla a sorridente fotografia de Bárbara e se pergunta quando e como errou. Sua cabeça, porém, não para de funcionar e desta vez em direções inesperadas. Embora doa, você deve admitir que o sangue jovem oxigena casos enferrujados. Sureda lhe deu uma boa lição. Você deve pensar diferente. Ele tem que reorientar e repetir a fotografia de outros ângulos, sair da espiral angustiante em que esteve preso ao longo desses quatro anos.

Machine Translated by Google

8. Bárbara Molina

Eu ouvi um barulho. Tenho certeza. Conheço perfeitamente os ruídos que me acompanham há quatro anos. As rodas do carro pisando no cascalho do jardim, a batida da casa, as tábuas sendo pisadas, os canos rugindo como tripas famintas. Poucas exceções, pouca companhia. Uma abelha que se esgueirou pela porta, uma aranha silenciosa que pacientemente teceu sua teia em um canto do teto e o rato. Isso foi há algum tempo, provavelmente foi pelo ralo, quando ele estava construindo um banheiro para mim. Naquela noite, enquanto dormia, fui acordado por um ruído insolente de alguém que não se importa que os outros o ouçam. Puxei o cobertor sobre a cabeça e escutei, horrorizado, tentando imaginar que animal estaria ao meu lado no escuro. Distingui o rec-rec de dentes roendo a madeira, a respiração intermitente de um focinho farejador e o barulho de patas mexendo na comida. Eu estava paralisado e não ousava mover um centímetro. Eu pensei o que eu faço?, o que eu faço? Até que um estrondo de pratos e copos me fez reagir. Logo em seguida, ouvi claramente o raspar escorregadio de um corpo se arrastando no chão, movimento que parou por alguns instantes para continuar avançando em minha direção. Então eu não podia mais. Eu pulei, tropecei na luz e a encontrei ali, ao lado do colchão, a apenas meio metro do meu nariz. Era um rato de esgoto preto, do tamanho de um coelho, e em vez de fugir, me encarou desafiadoramente, imóvel. Eu e o rato, ambos cara a cara. E, no entanto, não me en
Foi nojento, mas não me enojou. Parecia perigoso para mim, ponto final. Os pelos dos meus braços e pernas se arrepiaram e eu senti ódio. Um ódio primitivo, tribal, antigo. Eu odiava aquele animal nojento que havia invadido meu território. Levantei-me para lhe mostrar que era muito mais alto que ela e calculei de relance a distância que me separava da vassoura. Mas estava muito longe e o rato estava bloqueando meu cam
Então, com um salto, agarrei uma cadeira pelas costas e a ameacei com as quatro patas. Eu enfrentando um rato como um domador de circo, incrível. Quando penso nisso, tudo se confunde e não entendo de onde tirei coragem. O rato não recuou um centímetro, ele gritou, como um coelho antes de morrer, e naquele momento eu pulei sobre ele gritando

Machine Translated by Google

"Saia daqui, seu animal mau!" Já não a via como um rato, nem me lembrava que os ratos mordiam e transmitiam doenças, nem que eram seres nojentos que me davam pânico. Ela era uma inimiga e eu me defendi. E, a propósito, ela era uma inimiga heróica e fez jus a mim. Naquela época, depois de quase oito meses de confinamento, eu estava totalmente louco e o rato pagou caro por isso. Ele não sabia para onde estava indo. Apoiei-a contra a parede com malícia insuspeitada, peguei a vassoura e, cego de raiva, transformei-a em mingau. Não sei como ou quando o rato desistiu. Talvez eu tenha acertado o golpe mortal na primeira vez. O fato é que não tive medo nem me importei que ele me atacasse. Não fui preservado e a raiva me fez forte, imbatível. Parei de ofegar muito depois de aceitar que fui pego. Continuei batendo nele com vassouras e gritando como jogadores de tênis quando devolvem a bola. Eu gritava para tirar isso do meu peito e a cada grito eu me sentia cada vez mais livre. Eu entendi como ele se sentiu quando me bateu com sangue ruim e me insultou. Eu parecia um rato. Como o rato que esmaguei. Me assustei. Se ele não soubesse se controlar, um dia acabaria me explodindo como eu tinha feito com o

rato.

Tenho medo, tenho muito medo. Sinto medo novamente e me escondi debaixo da cama, me encolhendo, lembrando do pânico que ouvir seus passos me causava, temendo seus acessos de raiva e seus castigos desumanos.
Quando me privava de comida, sentia cólicas e cólicas estomacais, não sabia se de fome ou de angústia. Mas então, eu ainda queria fugir a todo custo e não desisti. Eu tentei escapar uma e outra vez. Meus olhos iam por trás de todas as frestas e na primeira vez que eu mudava eu me virava e corria, mas ele sempre me pegava e me castigava, sem testemunhas, sem limites, sem medidas. Com toda a impunidade, como se eu fosse o rato. Porém, ele parou antes de me matar, quando eu não tinha mais forças para resistir. Aí ele ficou carinhoso. Ele gostava de dispor da minha vida, como um deus caprichoso, perdoando-me e devolvendo-a aos poucos. Gere minha saúde, carinho e comida e tira tudo de mim de uma vez, quando saiu do nariz dele. Às vezes, ele preferia não falar comigo por semanas. Um belo dia ele não falou comigo e eu não sabia por quê. Eu quebrava a cabeça pensando no que tinha feito, como poderia tê-lo ofendido, e perguntava, mas ele me maltratava com seu silêncio, muito mais agressivo que seus golpes. Isso me deixou louco e implorei a ele para me dizer o que eu tinha feito de errado, para me dizer

Machine Translated by Google

falar, gritar comigo. Percebi que sem palavras nós, humanos, nos tornamos bestas e perdemos nossa sanidade. Foi um castigo desumano.
Eu preferia que ele me batesse, a dor era imediata, o sangue escorria, eu estava machucado, meus ossos rangiam, mas depois ele limpou minhas feridas com álcool, aplicou iodo, me enfaixou com cuidado e sorriu para mim. Uma vez, ele até quebrou meu braço. Não foi intencional. Ele estava me segurando e eu puxei com tanta força que o ouvi quebrar, como um junco de rio. Ele se arrependeu sinceramente. Você quebrou, você fez isso para me fazer sentir mal, certo? Você é ruim, você pediu por isso. E no dia seguinte apareceu com um saco cheio de gesso e outro com umas correntes. Depois de engessar desajeitadamente meu braço, ele me disse: "Como você não sabe ficar parada, vou ter que amarrar você". Ele me manteve acorrentado por uma eternidade. Talvez um mês, talvez dois. Minhas costas doíam porque eu tinha que mijar em mim. Era outra forma de me humilhar. Ele só me deixava levantar para fazer minhas necessidades em um balde uma vez por dia, ou às vezes dia sim, dia não. Ele me deixou um pouco de água e um prato de comida ao meu alcance, mas em mais de uma ocasião o prato escorregou de minhas mãos e caiu pesadamente no chão, derramando arroz, frango ou sopa, longe demais para minha mão alcançar. E lá ficava, eu morrendo de fome e a comida no chão, a um metro de mim, apodrecendo bem debaixo do meu nariz. Nessa época, quando ele aparecia no zulo, quase não olhava para mim, como se eu fosse um cachorro acorrentado. Trabalhei febrilmente tapando as frestas por onde às vezes escapavam meus gritos. Ele cobriu as paredes com cortiça e colocou uma porta blindada. Eu o contemplava do colchão, triplo prisioneiro, e percebi que enquanto levantava a barreira que me separava do mundo, perdia a esperan Grite, ninguém vai te ouvir. Tente sair, você não tem para onde. Não há portas, nem janelas. Mas ele tinha punhos e pés e atacava sempre que colocava a mão em mim. Aí eu chorava de desespero e o choro me deixava relaxada, calma.

Você é como um animalzinho, ele me disse. Um cão selvagem que morde a mão de quem te alimenta. Mas ainda tinha sangue nas veias e fiz um esforço para ver o sol. Em uma dessas lutas de vida ou morte, ele quebrou um dente. Agora eu tenho um buraco negro e quando subi para casa no meu aniversário de dezoito anos, fui ao banheiro e me olhei no espelho, bati minha boca fechada. Fiquei com medo de mim. parecia uma fantasia

Machine Translated by Google

do dia das bruxas. No local onde havia um canino havia apenas um buraco negro, um buraco vazio e escuro.

Isso foi no começo, quando eu queria fugir.

Agora não posso mais ir a lugar nenhum. Eles acham que estou morto. Minha mãe leva flores para a montanha e as joga ao vento no meu aniversário, e meus irmãos levantam um balão para o céu com meu nome nele. Sei que estou morto porque um obituário foi publicado nos jornais. Ele esfregou no meu nariz. Leia, leia, você está morto, morto morto. E li com os olhos arregalados aquela piada macabra.

Bárbara Molina

Faleceu em 25 de março de 2005.

De seus pais e irmãos.

Nós sempre lembraremos de você.

Tenho medo. Muito medo. Quando ele voltar, saberá que falei com Eva e vai me matar. Não é crime matar um morto.

Estou morto há quatro anos.

Machine Translated by Google

9. Salvador Lozano

O subinspetor Sureda sentou-se diante do ex-subinspetor Lozano. Sua posição agora é oficial. O inspetor Doménech acaba de recebê-lo e deu-lhe a nomeação que vigorará a partir da meia-noite. Lozano percebe que está distraído, que ao contrário de outrora, agora não presta mais atenção às suas explicações ou compartilha seu desespero ou impotência diante de um caso tão sombrio. Ele não está mais alerta ou generoso e não lhe dará outra intuição gratuita. O jovem Sureda está ciente do desafio que o espera. Das novas caixas de outras Bárbaras que infelizmente irão pingar uma a uma na tua mesa e que serão tuas e só tuas. Para eles vai queimar as sobrancelhas e ter insônia. Afinal, Bárbara Molina é herdada, uma antiguidade ultrapassada. No entanto, Toni Sureda finge interesse. Tínhamos ficado com Jesús López, ele o lembra de seu antecessor. Como se estivesse se dirigindo a um avô trêmulo a quem tinha de fazer constantes lembretes, interpreta Lozano com raiva. Ou talvez seja que Lozano, tocado pela iminência de sua aposentadoria, tenha se tornado sensível demais.

Jesús López sempre esteve presente em todas as declarações, mas foi eclipsado por Martín Borrás, solto Salvador Lozano justificando sem saber de uma investigação desfocada. Lecionou Estudos Sociais na Escuela Levante, onde Bárbara estudou. A Escola do Levante certamente lhe parece familiar, é a da rua Urgel, perto da Escola Industrial. Uma fundação concertada secular que ensina até o quarto da ESO. Bárbara estava lá desde os três anos de idade, com os mesmos colegas. Era uma escola familiar, com apenas uma linha, onde alunos e professores sempre se conheceram. Jesús López, depois de terminar a licenciatura em Geografia e História, fez substituições em algumas escolas secundárias, compareceu duas vezes a concursos sem aprovação e finalmente foi contratado no Colégio do Levante aos vinte e sete anos, graças a as recomendações do professor de Física, Manuel Pons, amigo do pai. Então ele estava trabalhando há quase oito anos. Loiro, sardento e esguio, ele parecia dez anos mais novo do que era. Cultivou um estilo ultrapassado de ativista do Greenpeace e atuou como intelectual de cinema, filosofia e arte. um jovem professor,

Machine Translated by Google

acima de tudo cordial e amigável, que combinava perfeitamente com o estilo familiar e intimista do centro e que favorecia a relação entre professor e aluno fora da sala de aula. Levava alunos ao cinema, ao teatro, a museus e a passeios culturais. Ele viajava todos os anos para Roma com os alunos do quarto ano do ESO e passava uma semana em Tarragona com os alunos do terceiro ano do ESO, o curso que Bárbara estava a frequentar.

Algumas noites de sexta-feira ele terminava seus passeios culturais da última exposição do Macba em um bar do Raval, cercado por estudantes brilhantes e bonitos. Isso, é claro, descobrimos mais tarde. Em maio de 2005, Jesús López era um professor reconhecido e apreciado, casado há três anos com Laura Ventura, na época grávida de seu filho ainda não nascido, e pai de uma menina de dois anos. Ele morava em Les Corts e ia de bicicleta para a Escola Levante todas as manhãs.

O primeiro dedo que ele apontou foi o de Eva, ex-amiga íntima de Bárbara. O segundo, o de Martín Borrás, ex-namorado de Bárbara, e o terceiro e definitivo foi o testemunho do tutor de Bárbara, Remedios Comas, com quem acabamos, de novo, seguindo a espiral.

Eva nos alertou ao nos dizer, surpreendentemente, que sua disputa com Bárbara não havia sido motivada por Martín Borrás, mas por Jesús López. Segundo o depoimento de Eva Carrasco, Bárbara, textualmente, lambeu-lhe o rabo, riu-se das suas piadas e acenou-lhe. Ela era a favorita do círculo de alunos ao seu redor, ela estava secretamente apaixonada por ele e dançava ao som da flauta que ele tocava. Ele sabia que eles se viam com frequência, que conversavam muito e que estavam sozinhos. E logo depois lançou um monte de acusações genéricas, fundamentadas ou não, contra Jesús López e seu comportamento suspeito com os alunos da Escola Levante que nos obrigaram a repensar tudo desde o início.

Você sabe, o escândalo que saiu na imprensa. Lozano tira uma página do *La Vanguardia* e outra do *El País ,* que já estão amarelando. "Professora acusada de pedofilia, possivelmente envolvida no caso de Bárbara". Tome ar. "O pai da jovem desaparecida agride o professor acusado no caso". Reveja outros recortes e escolha um do *El Periódico.* "Escândalo nas salas de aula".

Foi soado. Muito famoso. Era como um botijão de gasolina invisível que, devido a um vazamento, explodiu de repente em nosso nariz. Martín Borrás, em declarações anteriores, disse que Bárbara sempre o teve na boca, que muitas vezes falava de Jesús López e que ele teve uma grande influência

Machine Translated by Google

sobre ela. Embora ele não estivesse ciente de possíveis compromissos ou reuniões secretas. Borrás não fazia parte do círculo escolar. Foram os colegas que acenderam o pavio. Após a declaração de Eva, todos a acusaram. De repente veio à tona o que todos sabiam e ninguém dizia, que Jesús López mantinha relações extracurriculares com alunos menores de idade. Ele sempre fez isso, desde o momento em que pôs os pés na escola. Ele saía com pequenos grupos de estudantes havia sete anos, garotas bonitas de quatorze a dezesseis anos. Saídas inocentes, envernizadas com pretensões culturais. Um hábil e discreto Pigmalião que lisonjeava seu intelecto e que de vez em quando se entregava a travessuras e pequenas intimidades roubadas como que por acaso.

Uma mão amiga na coxa, um abraço carinhoso, um belo beliscão na nádega, uma mensagem no celular, uma confissão íntima e obscena, um café tarde da noite, um passeio sozinho. As confissões saíram e saíram aos trancos e barrancos. As meninas choraram e negaram qualquer maldade. Ele era seu herói, seu líder, e os havia escolhido entre muitos outros.

Elas não tinham consciência de serem as mais bonitas. Eles certamente acreditavam que eram os mais inteligentes. O interrogatório dos ex-alunos foi mais fácil. A distância permitiu que eles radiografassem o comportamento infantil de Jesus com frieza. Um idiota. Um Peter Pan. Um miserável. um imaturo Opiniões fortes, precisas e arrepiantes. No entanto, nenhum deles o acusou de abuso. Isso beirava a indecência, mas nunca ia além disso.

Sem querer, havíamos descoberto a ponta de um enorme iceberg que flutuava à deriva, mas eu só estava interessado em Bárbara.

A confissão voluntária de Remedios Comas, ao perceber a gravidade dos fatos, foi decisiva. Mais uma vez nos sentamos frente a frente. Era uma mulher morena, atlética, sem maquilhagem nem joias, vestida com a elegância de uma mulher madura. Divorciada há vinte anos, ela criou três filhos sozinha. Ela não mediu palavras e ela era dura. Se ele tivesse decidido falar um mês antes, teríamos economizado um passeio inútil.

Remedios Comas pediu minha permissão para fumar e eu abri uma exceção. Fomos a uma lanchonete e, ao se deparar com dois cortes, ela explicou que era fumante intermitente e que logo pararia de novo. Acendeu o cigarro com estilo, deu uma longa tragada e soprou a fumaça, falando azedo.

Lembro-me perfeitamente da nossa conversa, palavra por palavra.

Nunca gostei dessa relação entre Jesus e os alunos, ele deixou cair logo de cara. Os professores brincavam, mas eu não. Durante o

Machine Translated by Google

Nos últimos quatro anos, fui tutor da terceira série e tive que apagar muitos incêndios. Jesus deslumbrou-os, educou-os nas delicadezas decadentes dos *esnobes* intelectuais e fê-los acreditar que entravam no mundo da cultura e das artes pela porta da frente. É verdade que ele os estava apresentando a Visconti, Sert ou Picasso, mas estava brincando com seus sentimentos. Ele gostava de ser admirado, uma masturbação, uma satisfação infantil, mas não dava a mínima se quebrasse seus corações. E é muito fácil quebrar o coração de uma garota de quinze anos. Não sei se você sabe, ela me disse com o cigarro na boca, que eles se apaixonam facilmente, que são impressionáveis, frágeis e que, apesar de seus corpos femininos, veem o mundo com olhos de criança . Eles são crédulos, trágicos e maximalistas. Seu ego oscila como o pêndulo de Foucault. Um dia pensam que são divinos e no outro querem cometer suicídio. Ele falou ressentido. Talvez contra si mesma por não ter ousado dizer publicamente o que me dizia naquele momento. Jesus escolhia como queria, tinha sua corte de concubinas e todos os anos coroava sua favorita. Às vezes seu reinado era longo, outras vezes de curta duração, dependendo de como soprava o vento. Claro, ele nunca prendeu os dedos, nunca passou dos limites. É por isso que todos consentimos, deixamos que ele fizesse isso. Passeios extracurriculares desse tipo deram pedigree à escola. Ninguém está disposto no século 21 a filosofar sobre o surrealismo francês com seus alunos em uma noite de sábado. Não era perigoso, dizíamos para justificar, era como uma criança travessa que abria os olhos para o mundo. Escultura grega, românticos alemães, pintura cubista, cinema neorrealista. Pelo que sei, não houve reclamação, acrescentou. Ele apagou o cigarro no cinzeiro e me olhou com cara de culpado. Teria de lhe explicar muito antes o que vou lhe dizer agora, admitiu, mas tive medo de abrir a caixa de Pandora... Uma noite, na escola, há um mês, surpreendi Jesús López a sós com Bárbara Molina no seminário da área Social. Ele ficou em silêncio por alguns segundos. Desculpa, desculpa. Sei que agora vai estourar o escândalo e que até eu serei prejudicado.

Você não pode imaginar a rapidez com que o bom nome de uma escola é manchado. Um boato é como uma mancha de alcatrão. Eu a ouvi com meus cinco sentidos. Era a informação mais perturbadora que ouvira no último mês. Remedios Comas respirou fundo e continuou sua confissão. Eram dez horas da noite, nem o pessoal da limpeza tinha ficado na escola e eu tinha esquecido as provas que tinha que corrigir no fim de semana. Não sei se você sabe que a parte mais ingrata do trabalho de

Machine Translated by Google

professor é a correção. Então, peguei as chaves que só nós que fazemos parte da equipe gestora temos e rumei para a escola. Eu não me importava se era uma sexta-feira sombria. Eu estava acostumado com isso. Às vezes eles me avisam quando o despertador toca no meio da noite e eu tenho que levantar às pressas e ir até lá. Sou o que mora mais perto, a apenas dois quarteirões de distância. Desta vez, no entanto, percebi imediatamente que alguém estava lá.
A porta não foi trancada com duas voltas na chave e o alarme foi desligado. Subi com cuidado e ouvi vozes no segundo andar, onde ficam os seminários. Aproximei-me discretamente e vi um raio de luz saindo por baixo da porta do seminário de Ciências Sociais. Eu escutei por um tempo e ouvi gemidos vindos de dentro. alguém estava chorando Havia uma menina chorando. Sem pensar um segundo, abri a porta e encontrei Jesús López abraçado a Bárbara Molina num mar de lágrimas. Ele interrompeu. O choro e as vozes. Ambos olharam para mim com os olhos arregalados, apanhados, assustados. Embora eu não saiba quem estava com mais medo dos três. Acredite, não é de bom gosto pegar um professor com um aluno em uma situação ambígua. Para ser sincero, não detectei nada suspeito de ser considerado um caso. Deixando de lado a hora e o local onde estiveram, nem a roupa, nem a atitude, nem o gesto escondiam ou davam a entender que tinham sido surpreendidos numa situação incómoda. E, no entanto, era injustificável.

Jesús López reagiu rapidamente e quis esclarecer os fatos. Bárbara tem problemas e veio me explicar. Não era aceitável, como você pode entender, que um professor namorasse um aluno menor de idade à noite em um prédio completamente vazio. Além disso, Jesús López não tinha ou não deveria ter as chaves da escola e, em tese, não conhecia o código do alarme. Isso me intrigou, mas não perdi a calma. Muito secamente, implorei a eles que viessem comigo para escoltar Bárbara até em casa.
Nós três caminhamos pela rua, em silêncio, por um tempo. Bárbara, no meio, sem questionar, ciente de que uma tempestade iria estourar atrás dela. Nós a deixamos na porta de sua casa e marquei um encontro com ela em meu escritório no dia seguinte. Depois fui a um bar com Jesús e lá, quando ficaram sozinhos, ele foi cheio de explicações e desculpas. Estava perdido, angustiado, nunca o vira tão velho, tão acabado. Os anos que ela escondia com tanto flerte caíram sobre ela. Eu estava claro que tinha que relatar o incidente à gerência e Jesus me implorou para fechar os olhos. Afundou. Lágrimas escorriam pelo seu rosto, como uma criança, e ela até usava como

Machine Translated by Google

chantageando a criança que sua esposa estava esperando. Ele me entregou as chaves, envergonhado. Foi tudo culpa dele, ele humildemente reconheceu me predispor a seu favor, Bárbara queria conversar e ele teve que ficar até tarde fazendo uns trabalhos na escola. A garota morava perto, ela argumentou em sua defesa, e fiz uma cópia das chaves para garantir. É a primeira vez, jurou e jurou. Não acreditei porque quem tem a cópia das chaves e recebe o código do alarme é um profissional. Quantas garotas ele namorou na escola antes de Barbara?, eu me perguntei. Minha cabeça estava prestes a explodir e fui para casa sem prometer nada. Eu disse a ele que ele tinha que pensar com a cabeça fria. E por mais que eu pensasse, não consegui pregar o olho a noite toda. Disse a mim mesmo repetidamente que precisava falar com a gerência imediatamente, mesmo que condenasse um colega à expulsão, vergonha ou divórcio. Mas ele era um adulto e estava na linha há muito tempo. Desta vez ele a perfurou. A responsabilidade, porém, pesava demais sobre mim. Quem era eu para julgar alguém? Para ser o gatilho de uma tragédia? no dia seguinte. Barbara veio ao meu escritório tremendo, como um cachorrinho assustado. Apressei-me para tranquilizá-la e tentei ganhar sua confiança. E aqui Remedios Comas calou-se. Mas eu não tive e nunca tive. Bárbara não confiava em mim, então não me explicou nada, nem mesmo qual era o problema que ela queria contar para Jesus. Ela chorava o tempo todo, implorando para que ela não falasse nada, repetindo que nada havia acontecido entre ela e Jesus, que ela simplesmente queria explicar a ele um problema muito pessoal e que isso nunca mais aconteceria. Gritei para fazê-la entender que não era culpa dela por ser menor de idade, mas Bárbara insistiu e insistiu e por fim me ameaçou com uma arma que todo adolescente usa uma vez ou outra e que é muito perigosa. Meu pai nunca vai me perdoar, garantiu ele, e antes que descubra vou me matar. Remedios Comas pediu-me licença para fumar outro cigarro e confesso que me juntei a ela. Ela ficou em silêncio por um tempo, pensativa na nuvem de fumaça, envergonhada por ter provavelmente tomado a decisão errada, até que terminou sua confissão. Fiquei calado com a promessa de que ele nunca mais se aproximaria de Jesús López. Fiz isso por Barbara, não por ele, observou. Se cometi um crime ficando calado até agora, assumirei minha responsabilidade, desta vez sim, acabou.

Sureda não disse nada o tempo todo. Ela esteve visualizando a cena e quase ouviu e viu Remedios Comas e sofreu seu dilema. Lozano está satisfeito. Ele percebe que isso o comoveu, que o fez compartilhar

Machine Translated by Google

com ele aqueles momentos tão delicados da investigação, quando pensava que já tinham resolvido.

Quando ligou os pontos e atribuiu a Jesus os maus tratos, os anticoncepcionais, o bloqueio sexual de Bárbara, os bilhetes e a fuga. Tudo combinado. Uma equação perfeita. O professor que se excedeu, que reagiu de forma violenta ou agressiva por medo de ser descoberto, que deslumbrou Bárbara e que talvez lhe tenha prometido coisas que ela não pôde cumprir, alguém que acabou por encarnar um poderoso inimigo para Martín Borrás . E Lozano lembra da súbita iluminação quando lhe ocorreu que talvez Martín Borrás fosse apenas uma fuga para Bárbara, uma porta aberta pela qual, finalmente, ela não poderia passar.

Sempre achei ele um babaca, confirma Sureda. Mas um babaca não é um assassino, acrescenta com voz erudita. E Lozano rebate internamente a arrogância de Sureda. Como se ele tivesse a verdade, como se fosse tão simples, como se a diferença entre um babaca e um assassino fosse tão fácil. E continua como se não tivesse ouvido seu sucessor. A verdade é que o escândalo estourou, de fato, e as previsões de Jesús se concretizaram, sua vida profissional e pessoal desmoronou, mas não apareceu nenhuma evidência que o ligasse ao desaparecimento de Bárbara ou que pudesse demonstrar qualquer encontro sexual ou indício de violência contra ela. Controlamos o carro, as roupas, os movimentos do cartão de crédito, os vigiamos e grampeamos seus telefones sem sucesso. Ele negou tudo, uma e outra vez. E sem testemunhas ou corpo era impossível continuar a investigação do caso. Sua esposa, apesar do ódio visceral que depois expressou pelo ex-marido, sempre declarou que Jesús López estava com ela em Barcelona todos os dias da Semana Santa. E não importa o quanto a polícia tentasse, ninguém poderia provar o contrário.

O subinspetor Sureda se levanta e olha para o relógio. Mais alguma coisa?, ele pergunta como quem está despachando com um subordinado. Tem pressa. De repente, você se lembrou de um compromisso ou sentiu vontade de fumar. Não se sabe, mas está cansado de ouvir e o interesse que sentia por Martín Borrás não o demonstra por Jesús López. Lozano, embora se sinta decepcionado, também acalma seu ego. Sua intuição estava correta. Sureda foge do caso Molina. Os jovens não querem casos podres. Até logo, nos vemos na festa de despedida. E quando sai pela porta, se permite um pirralho: eu já desconfiava, mas aviso que nunca vou trabalhar como professor.

Machine Translated by Google

Lozano fica sozinho, diante do caso de Bárbara Molina. Bárbara está esparramada em sua mesa. Hipóteses, nomes, um quebra-cabeça impossível que ele tentou encaixar milhões de vezes. Certamente o nome do assassino está nesses papéis, junto com o nome de Bárbara.

Há também os motivos, as circunstâncias, os fatos e o misterioso destino do corpo da menina. O que acontece é que à força de olhar e olhar de novo, tudo dança para ele e ele não consegue mais ver. Ele gostaria de colocar um par de óculos e ser capaz de ler claramente as letras borradas no estojo. O que ele tem certeza é que o espancamento do corpo da menina e o assassinato foram cometidos pela mesma mão. Talvez sua aposentadoria seja capaz de dar luz verde a Bárbara. Talvez ele seja a variável que sobrou da equação e uma vez retirado do caso os outros poderão lê-lo com a clarividência que lhe faltou. E levanta-se para dar um passeio antes do jantar de despedida onde lhe vão dar o conhecido relógio e beber à sua saúde.

Ele tem seis horas restantes, mas serão as horas mais longas de sua vida.

Machine Translated by Google

10. Eva Carrasco

Eva foi cortada. Nuria Solís de pijama, desgrenhada, com um roupão por cima, abriu a porta. Ela está desgrenhada e tem olhos arregalados. Nos últimos três anos, seu cabelo ficou grisalho prematuramente, embora você talvez nem tenha notado. Ele parece uma pessoa que não se olha no espelho, que não vive neste mundo. Ela parece doente terminal. Eva!, ela grita confusa, com os olhos arregalados, como se não pudesse acreditar que é ela. E com razão, porque não o visitou uma única vez desde a famosa conferência de imprensa que Pepe Molina deu para a Tele
Ele tentou mais de uma vez, uma manhã acordou dizendo hoje vou ver a mãe de Bárbara, mas deu-lhe um pedaço de pau e encontrou qualquer desculpa para adiar. Uma ligação de um amigo, um filme recém-lançado, um exame. E assim de novo e de novo e de novo. E já há três anos. Agora é mulher e Nuria Solís a revê obsessivamente. Ele o estuda com o mesmo interesse que alguém estuda um manual de instruções para ligar uma máquina de lavar. Ele estende a mão para tocá-la, passando-a gentilmente pelo braço, pelo pescoço e pela bochecha. Ele para em sua bochecha e a acaricia lentamente. Eva!, ela exclama novamente, comovida e prestes a chorar. Eva, perplexa, agarra a pasta e a pressiona contra o peito, para se proteger. Ela teme a descarga de emoção que sua presença desencadeou na mãe de Bárbara e que ela explodirá a qualquer momento. Com efeito, Nuria Solís deixa cair os braços e os olhos enchem-se de lágrimas. Seu corpo fica menor conforme ela abaixa a cabeça e deixa cair os ombros, o peito arfando com um choro baixo e profundo. Ele percebeu que Eva cresceu, completou, amadureceu. Você provavelmente já percebeu de relance como Barbara seria se estivesse viva, uma estudante universitária com uma pasta cheia de anotações, uma garota que fez luzes loiras na semana anterior, jantando com alguns amigos no kebab no Calle Aribau, que vai neste fim de semana assistir a um documentário no cinema Verdi com um menino que estuda engenharia industrial, que prepara férias nas ilhas gregas com a turma do Excursionist Club, que dá aulas particulares para o crianças da farmácia na rua Deputation.
Eva, confusa, fecha a porta e abraça a mãe de Bárbara. Não chores,

Machine Translated by Google

ele sussurra em seu ouvido. Pedido interessado, porque não suporta ver ninguém chorar. Bárbara também sabia chorar. Quando ficavam com raiva, Bárbara sempre acabava chorando. Eu gosto, confessou, fico mais calma.
Por outro lado, Eva tem dificuldade, por isso não chorou por Bárbara e ficou muito brava que outras meninas da turma, que nem a conheciam, protagonizassem aqueles choros espetaculares. Barbara parecia não dar a mínima. Você é desumana, tia, Bernardo a repreendia. E não era verdade. Sofreu mais que Carmen, Mireia e Merche juntas, mesmo sendo mais vistosas e teatrais e aparecendo na TV porque os jornalistas se assustam com a morbidez de adolescentes *encharcados* de ranho e lágrimas. Claro que ele sofreu. Ele sofria todas as noites por Bárbara, imaginando que ela morreria de maneiras horríveis. Afogado, queimado, despedaçado. Sentia repulsa especial por qualquer coisa que tivesse a ver com sangue. Facas, serras, socos. Seu subconsciente escolheu cenas *sangrentas* que talvez tivesse visto em documentários ou lido na imprensa e imaginou uma longa agonia e, acima de tudo, uma morte cruel. O que se poderia esperar de alguém que causou uma carnificina em uma cabine telefônica? No entanto, ele nunca conseguiu chorar, nem sozinho nem na frente das câmeras. Agora não pode juntar-se ao choro de Nuria Solís e, como não se deixa levar pelo desânimo, cabe-lhe consolá-la e sussurrar-lhe palavras gentis, deve convidá-la a sentar-se, segurar-lhe a mão e acompanhá-la. ela em silêncio enquanto ela gradualmente se acalma.

Os gêmeos chegam da escola sem fazer barulho, com as mochilas nas costas e os olhos opacos. Eles cresceram muito; se eu os tivesse encontrado na rua, não os teria conhecido. Eles já têm uma noz, no meio do pescoço magro, que balança para cima e para baixo quando dizem olá. Eles são idênticos e ela não sabe quem é Xavi e quem é Guillermo. Eles não falam com ele, apenas dizem olá e vão para o quarto dele. É por isso que ele nunca foi vê-los, porque eles são uma família sombria, como os Monstros. A mãe tornou-se uma sombra do que ela era. Antes, ela era bonita, jovem e sabia rir, ainda que sobrecarregada e dependente demais do marido.

Agora ela não dá um passo sem ele, ela carece de personalidade, ela é uma mulher indiferente e apática. Os irmãos não atrapalham nada, é como se não existissem. Eles fecharam a porta e um buraco negro os engoliu. Eles são dois meninos com medo de criar problemas. Núria Solís acalma-se. Sinto muito, ele diz. Meu marido ainda não chegou, tenho certeza que ele gostaria de ver você e dizer olá. Eva acena com a cabeça enquanto pensa. Então o pai de Barbara não está aqui. Pepe Molina é diferente. Sempre foi, era ele quem tomava as decisões, quem

Machine Translated by Google

ela controlava Bárbara, que batia na mesa com o punho quando necessário. Bárbara o adorava e o temia. Agora ele finge força, mas na realidade é ele quem está mais afetado. Ele foi o primeiro que soube reagir, que a procurou noite e dia, que não perdeu a esperança, que foi conversar com ela com o coração bravo, com o sorriso no rosto e a vontade de quem faz não desistir. Ele pediu a ela todos os detalhes do relacionamento entre Jesus e Bárbara, e Eva não poupou nenhum. Esvaziou o seu papo e soube estar à altura. Ele apareceu na casa de Jesús e o espancou. Ele teria gostado de ver. Como ele estava feliz! Um cara tão narcisista, tão bastardo, tão covarde. Foi sua vingança. O pai de Bárbara fez justiça e naquele dia, além de respeitá-lo, por ser um homem que sabia ser respeitado, o admirava. Pepe Molina colocou Jesus em seu lugar, embora depois a polícia e os juízes não soubessem como fazer seu trabalho. Talvez não ajudasse.

Pensar. Mas é melhor quebrar a cara de um tolo do que ficar no sofá choramingando.

E qual é o motivo da sua visita?, pergunta de repente a mãe de Bárbara. Eva se sente horrível. Ela gostaria de dizer a ele que ouviu a voz de sua filha, mas não ousa. E se for um alarme falso? E se não fosse realmente Bárbara? E se tudo se complicar e eles não conseguirem encontrá-la? Eu a mataria, você não pode dar falsas esperanças a um moribundo. Eu estava passando por aqui, a caminho da academia inglesa, e pensei que tinha cinco minutos, ele mente com desenvoltura. Ele decidiu há um tempo que não dirá nada a Nuria Solís. Eu não seria capaz de assimilar, não seria capaz de pensar direito, apenas estragaria tudo e pronto. Ele estragou tudo e deve sair com seu segredo. Nuria Solís não é a pessoa que você procurava. Na verdade, ela esperava encontrar o pai de Bárbara, ele certamente merece sua confiança. E o que você estuda?, pergunta Nuria Solís sem querer saber. É uma questão de compromisso. Jornalismo, Eva responde com a voz baixinha e temendo que ela volte a chorar. Jornalismo era a carreira que Bárbara queria estudar, sempre diziam que iriam escolher a mesma carreira e que depois iriam ser repórteres internacionais. Eu, Tóquio, e você, Nova York, decidiu Bárbara. Ah sim? E por que não o contrário? Ok, você em Tóquio e eu em Nova York. Melhor para mim, vou me poupar de aprender a dor do japonês. Bárbara sempre a intrigava. Ele nunca chegou a conhecê-la. Quando eles eram amigos muito próximos e ela achava que podia ler seus pensamentos, percebeu que Bárbara bloqueava sua privacidade. Ele escondia coisas dela, era o jeito lunático dele. Teve dias bons e dias ruins. O que há de errado com você?, às vezes eu perguntava a ela, sabendo da resposta hermética de Bárbara de

Machine Translated by Google

antecipadamente. Nada. Eu sabia, porém, que ela estava mentindo, porque era uma mentirosa. Lembre-se das más vibrações que teve com Martín Borras. Ele estava negando as evidências por mais de dois meses. Onde você estava ontem à tarde?, perguntou-lhe um dia, quando soube com certeza que estavam fazendo faz-tudo no Güito diante de uma Coca-Cola esquecida. Fui fazer compras com minha mãe, ela mentiu
Bárbara. Ah sim? E o que você comprou? Ei, tia, e o que você se importa?
Quando Bárbara ficava agressiva e teimosa aos treze anos, Eva dava um passo para trás. Talvez eles nunca tenham sido realmente amigos. Talvez ele tenha imaginado e pronto. Você pode fazer um raio-x do coração, da alma de seus amigos, e Bárbara era um arquivo X. Sempre com mistérios.

E de repente, a porta se abre com energia e uma voz poderosa é ouvida gritando alô! que quica nas paredes vazias e tristes, uma voz acompanhada de passos seguros e ritmados, que avançam cálidos pelo corredor. O coração de Eva se alarga. É o pai da Bárbara! É Pepe Molina, o único ser vivo da casa. Ele fica surpreso ao encontrá-la sentada no sofá, ao lado de sua esposa. Olá Eva! O que você está fazendo aqui?, ele pergunta diretamente, sem rodeios ou cedendo às emoções. Eva pula. Eu parei para ver você. Pepe Molina se aproxima e a beija. Ele é magro, mas não esquelético como a esposa, e não tem cabelos grisalhos. Ele é atlético e flexível. Por baixo do impecável terno de lã de mil listras, adivinha-se um corpo bem proporcionado, harmonioso, nem muito alto nem muito baixo. Como esculturas greco-romanas, como Bárbara. O macacão de Bárbara era de um manual de anatomia, Eva ainda admite com um pouco de inveja . Bárbara usava uma unha trinta e oito sem um pingo de gordura e os mesmos cabelos castanhos cacheados do pai. O resto, o doce oval do rosto, o sorriso e os olhos travessos eram da mãe.

Núria, não lhe perguntaste se ele queria beber alguma coisa? A mulher fica sobrecarregada, levanta-se instantaneamente, como se tivesse acordado abruptamente de um cochilo. Com licença, você quer tomar uma bebida?, ele deixa escapar. E Eva se agarra à possibilidade como um ferro quente. Um café, obrigada, ela acena com a cabeça apressadamente. Nuria Solís dirige-se à cozinha e Pepe Molina senta-se à sua frente, curioso, inteligente, intuitivo. Você quer me dizer algo, não é? Ela adivinha que está ali por algum motivo especial e assim que a mãe sai da sala, Eva inclina o corpo para a frente para confiar nela sem que ninguém mais a ouça. Ele fala rápido, como se temesse que a qualquer momento a mãe volte e pergunte se ele quer o café com leite ou preto, e ele vai pegá-los. Bárbara me ligou, deixe ir sem prolegômenos. Como dizes? A surpresa do homem é

Machine Translated by Google

letra maiúscula. Bárbara ligou para você?, repete ele gaguejando. Sim, ela está viva, eu a ouvi, ela falou comigo. O pai leva as mãos à cabeça e fecha os olhos por um momento. Ele está abatido, não consegue digerir a informação e Eva teme que ele tenha um ataque cardíaco. Ele empalideceu, mas não chora e imediatamente recupera a cor e a voz. O que ele disse? Onde está? E aqui Eva deve admitir que não sabe quase nada. Foi uma ligação bem curta, ela apenas gritou me ajude e me disse que era a Bárbara e era verdade, era ela, eu a reconheci. Não sei onde ele está ou onde esteve todo esse tempo.
Tentei entrar em contato com ela novamente ligando para o mesmo número, mas ela não atendeu meu celular. Pepe Molina teve um movimento involuntário da cabeça. Um celular? Ele ligou para você de um celular? Você sabe o número? Eva pega seu diário onde anotou o número e dita para ela. O pai de Bárbara está tão impaciente e nervoso que não consegue encontrar uma caneta ou papel e de repente se vira.
Rasgue a folha e me dê!, ele ordena. Mas Eva já pegou uma caneta dela e está terminando de anotar o número no canto de um jornal que estava sobre a mesa. As mãos do homem tremem ao rasgar o papel. E você diz que ele não te atendeu mais? Foi cortado, como se não tivesse bateria nem cobertura, quem sabe. Pepe Molina se levanta, pega o telefone sem fio e disca, espera alguns segundos e desliga novamente. Ele também não respondeu a ele, pensa Eva. O homem respira fundo, está pensando. Disseste alguma coisa à Nuria?, pergunta de repente. Eva balança a cabeça. Não consegui, está muito afundado, só de me ver já começou a chorar. Pepe Molina não relaxa. Você fez bem, devemos agir com a cabeça fria e Nuria não sabe. Ele fica sério de repente. Você tem alguma ideia de onde ele pode estar, alguma coisa que você possa pensar que possa nos ajudar? E desta vez Eva confessa o quão pouco ela sabe. Uma vez, pouco depois do desaparecimento de Bárbara, fui a uma casa de Martín Borrás em Rosas. Ele disse que ia procurar alguma coisa no porão e esperar por ele. Como estava demorando muito fui procurá-lo, mas não desci, ele me encontrou abrindo a porta e reagiu com muita agressividade, como se houvesse algo escondido que ele não queria que eu descobrisse. Eva estremece e baixa os olhos. Já está. Já está dito. Ele já confessou e foi capaz de poupar os detalhes extras. Não foi necessário especificar o que ele estava fazendo lá, ou por que ele foi.

Pepe Molina também se cala e se senta. Ele balança a cabeça de um lado para o outro, incrédulo, maravilhado, como se não acreditasse nela. Você está me dizendo que aquele bastardo manteve minha filha trancada por quatro anos em

Machine Translated by Google

o porão de sua casa? Não, não, corrige Eva, assustada com o que acaba de sugerir. Eu só disse que ele estava escondendo alguma coisa, mas não sei o que poderia ser. É a única coisa que me ocorreu. Mas Pepe Molina se põe de pé e não a escuta mais. Eu cuido disso, vou ligar para a polícia, pode esquecer agora, diz resoluto. Mas te peço muita discrição, principalmente não fale com ninguém, é muito perigoso essa informação sair daqui. A vida de Bárbara está em jogo e sua voz treme. Você entendeu? Eva entendeu perfeitamente e é exatamente o que ela esperava ouvir. É por isso que ele foi vê-lo. O homem a liberou de sua responsabilidade, ela não carrega mais nenhum fardo sobre os ombros, não cabe mais a ela tomar nenhuma decisão. Agora tudo seguirá seu curso, tudo se resolverá e em breve você poderá ler a notícia da aparição de Bárbara na imprensa. E a partir de então poderá dormir tranquilamente sabendo que Bárbara não desapareceu, que seu desejo perverso não se realizou e que ela não tem culpa de nada.

Beija Pepe Molina na bochecha no momento em que Nuria Solís entra na sala com uma bandeja onde leva o café e uma xícara. Você está saindo?, pergunta desolada. É que estou com pressa, Eva pede desculpas. Nuria Solís fica com a bandeja nas mãos, perdida, como uma menina enganada. Mas se você me pedisse um café. Seu marido a interrompe abruptamente. Você ouviu, ele está com pressa. Nuria Solís cala-se e não protesta mais.
Eva sente pena dela. Muito obrigado pela visita, murmura com olhos brilhantes. E Eva lhe dá um leve beijo na bochecha, tocada pela fragilidade da mulher, e sai com o pesar de não ter podido lhe dar uma notícia que, se fosse verdade, a traria de volta à vida. Logo, logo ele reviverá e sorrirá novamente.

Ela, como Bárbara, também esconde segredos.

Machine Translated by Google

PARTE DOIS no escuro

Machine Translated by Google

11. Núria Solis

Nuria Solís está arrasada. Duas visitas que o lembram de Bárbara no mesmo dia são emoções demais. A aparição de Eva, em especial, a deixou emocionada. Ele a conhece desde o jardim de infância. Ele a viu crescer com Barbara. Abrir a porta e vê-la ali foi como voltar no túnel do tempo e voltar cinco anos, quando Eva tocava a campainha dia sim, dia não, ela entrava correndo no quarto de Bárbara e logo depois ela ria. Eu faço xixi, eu faço xixi rindo, gritou Eva. Ela perguntava se eles queriam fazer um lanche, mas eles se livravam dela. Eu estava no caminho. Vamos, deixe-nos! Não queremos nada! Queriam estar juntos para bater um papo, virar professores e colegas de classe, se conectar ao Messenger, postar fotos na internet e sonhar.

Nuria Solís não sabe o que fazer com a bandeja em suas mãos.
Ela não sabe se toma o café sozinha ou se joga fora. Queres o café da Eva?, pergunta a Pepe, que foi trocar de roupa, para se ajeitar como sempre faz quando chega a casa e substitui o fato impecável por umas calças de ganga e uma camisola casual.

Pepe correu mais do que nos outros dias. Vamos, saia da frente e deixe isso na cozinha, diz ele bruscamente ao passar por ela para começar a mexer nas gavetas como um louco. Ele está preocupado com alguma coisa. Ele sempre tem problemas para resolver, é um homem de ação e gente como ela, plantada no meio do caminho, atrapalha. Ocorre-lhe que talvez vá ver o subinspetor Lozano para se despedir. Vai discretamente à cozinha e não pergunta. Ele não pede há muito tempo. Pepe entra e sai e faz e desfaz enquanto ela se senta no sofá, como os avós nos parques, e o observa subir e descer. Ela se sente cansada e incapaz de acompanhá-lo. Já não saem de férias, já não saem aos fins-de-semana, já não recebem amigos nem ficam a jantar em casa de ninguém. Devíamos vender a quinta de Montseny, diz Pepe às vezes. E tem razão porque está doente de morte e custa trabalho e dinheiro de manutenção, mas ela resiste, é a herança dos pais e Elisabeth, quando soube, gritou aos céus.

Você está louca? É a única coisa que você tem em seu nome! Além disso, há o cachorro. O que você faria com um cachorro em casa? Não importa, ele não vai fazer porque não se vê capaz de colocar um anúncio, de mostrar a chácara, de pechinchar com algum

Machine Translated by Google

potenciais compradores. E ele coloca esse problema em um canto e diz para si mesmo, eu resolvo isso amanhã. Quase todos os dias ele pega o essencial e deixa o resto para o dia seguinte. E o dia seguinte torna-se cada vez mais difícil.

Vou-me embora, não me esperes para jantar, avisa Pepe depois de trocar quatro palavras formais e importantes com os gémeos.

Ele não faz isso com muita frequência, mas as crianças precisam dele de vez em quando. Ele recomendou que estudem e não se deixem espezinhar. Pepe está farto de não serem brilhantes como Bárbara, de se contentarem em ser miúdos de segunda classe, tímidos e invisíveis. Mas ele não teve tempo de educá-los como gostaria. Adeus, diz-lhe quase sem olhar para ela e sem lhe dar um beijo de despedida, porque já não se beijam. Eles se distanciaram. Talvez já estivessem, mas o desaparecimento de Bárbara foi um terremoto e as rachaduras viraram abismos. Eles estão muito distantes um do outro. Às vezes ela se pergunta o que o marido pensa quando olha para ela. O que vê? Por que eles ainda estão juntos? Talvez a memória de Bárbara os mantenha juntos. É a única coisa. Isso e a rotina e sua incapacidade de agir. Ele gostaria de acender um cigarro, mas sabe que é uma armadilha. Como uma dose de conhaque. Eles não vão ajudá-la a viver com a angústia que esse nome lhe causa. É por isso que ela precisa de Pepe, para que ele pense por ela e a impulsione a continuar atirando. Às vezes, porém, quando ele fica com raiva, tudo treme.

Aprendeu a suportar as chuvas de cabeça baixa. Antes, ela ousava levantar a voz de vez em quando e discutia e o enfrentava e defendia seu ponto de vista sobre a vida e os filhos. Pepe foi excessivo. Foi excessivamente veemente, excessivamente aterrorizante, excessivamente contundente. Mas ao contrário dela, ele tinha princípios e crenças a defender e era coerente com suas ideias. Acreditava na família, no amor do casal, no valor da autoridade paterna, nos projetos comuns.

Ela, por outro lado, duvidava de tudo e continuamente retificava e cambaleava, sem norte nem bússola. Ele improvisou, como se a vida fosse um experimento contínuo. Os princípios estritos aos quais Pepe aderiu não foram incutidos nela. Você é uma louca, ele disse a ela quando se conheceram. E era verdade. Ela sempre teve a cabeça cheia de pássaros, era apaixonada, inconstante e não parava quieta. Subiu montanhas, viajou com a mochila às costas e o InterRail no bolso, trocou de namorados como de camisa, inscreveu-se em cursos de fotografia, de línguas, e era uma pura nerd, sem equilíbrio, sem serenidade. A sorte de Pepe. Ele não sabe o que teria acontecido com sua provação sem seu apoio, sem sua presença. E é por causa disso

Machine Translated by Google

suportou as censuras e o distanciamento. Alguém mais a teria deixado. Outro teria lhe dado a porta para a primeira mudança. Era o que ela sempre temia quando ele a olhava com aquela expressão severa que lhe dizia, sem palavras, você se enganou, foi você quem empurrou Bárbara para fugir de casa, quem a deixou fugir, quem não soube educá-la com mão firme. Você não pode remover a amargura de dentro. Deixe-a aprender a estar errada, ela disse a ele. Há erros que se pagam para toda a vida, respondeu Pepe. E essa palavra a atinge como uma dor de cabeça incômoda. Erros, erros, erros. Quantos erros ele cometeu? Por que ele a empurrou para os braços de Martín Borrás? Por que você deu asas a ele? Por que você não checou? Por que ela não sabia prever os perigos que a esperavam? Porque? E ela se tortura tentando lembrar quando tudo começou a dar errado, quando ela deveria ter confiado no julgamento de Pepe e não no dela. Talvez quando Barbara era uma garotinha e preferia o pai? Talvez quando ela, ferida, mas feliz, não fez nada para conquistá-la? Talvez quando o verão em que eu tinha quatorze anos de repente escureceu? Talvez quando ela estava obcecada em redimi-la à força?

Deixe-a em paz, Pepe disse a ela, ela vai superar isso. Ela estava puxando o cabelo. Mas ele não quer sair de casa, não quer ver ninguém. E daí?, disse Pepe, não fique impaciente. Mas ela estava impaciente e pediu a Eva, sua melhor amiga, que a ajudasse a incentivá-la a sair como antes, e foi ideia dela ingressar no Hiker Club e conhecer novas pessoas. Resumindo, foi ela quem a incentivou a pentear os cabelos, se apaixonar e curtir o corpo. E Bárbara passou do desânimo à loucura. Ele perdeu o oremus por causa daquele menino. Ela soube imediatamente que havia desligado na cara de Martín pela maneira como se olhou no espelho, pintou os lábios, esperou uma ligação, espiou pela janela para vê-lo esperando por ela, colado na porta de sua casa. E em vez de espreitar e dizer que ela era muito jovem, ele a empurrou em seus braços e a deixou subir em sua bicicleta sem avisá-la de que ela poderia cair de um penhasco.

Deveria ter percebido que Martín era mais velho, mais exigente, mais impaciente, que mal o conhecia, que não sabia nada sobre sua família, que talvez fosse um menino violento que usaria a força, que o amor é cego e às vezes mata Nuria Solís não o diz, mas tem a certeza de que Martín Borrás matou a sua filha. Tudo começa e termina com Martín Borrás.

Ele não sente ódio, apenas culpa. Ela e Martín foram os únicos que viram seu corpo nu. Um corpo jovem, cheio de hematomas e feridas nos antebraços. Devia ter contado a Pepe, devia ter empurrado Bárbara contra a parede com mais força, fazê-la cantar, fazê-la confessar que

Machine Translated by Google

Martín havia abusado dela contra sua vontade, que ela tomava anticoncepcionais para ele, que se entregava em suas mãos porque era muito dependente. Mas ele era egoísta e evitava o confronto. Teria sido aceitar a derrota por seus métodos e seu orgulho. Ele fez vista grossa e evitou a raiva de Pepe, que explodiu ao descobrir que sua ousadia não era infundada. Ele não falava nada para ninguém e acreditava que tudo ficaria bem porque a vida não se ensina e todo mundo tem que aprender a vivê-la. Ela tinha certeza de que, com o tempo, Bárbara amadureceria, aprenderia com a experiência e se vacinaria contra sofrimentos futuros. Mas Bárbara ficou sem futuro. Erros, erros, erros. E ela retorna para aquele beco sem saída em que ela foi desesperadamente presa. No momento em que percebeu que Bárbara não era dele e que fugia dele, que não aceitava seus carinhos e que escondia a cabeça debaixo da colcha dizendo me deixa, mãe, vai embora, você não entender. Ele foi um covarde por egoísmo e carregará para sempre o remorso por ter sido tolerante, o que é e tem sido uma bela forma de renomear a inconsciência. Ela foi imprudente e imprudente e pagou caro por isso.

Após a fuga e desaparecimento de Bárbara, ela desmaiou, sem conseguir erguer a cabeça, enfrentar seu fracasso, encontrar forças para continuar acreditando em algo e criar os outros filhos sem rancor.
Infelizmente, eles já estavam marcados pela ausência de Bárbara.
Há algo que a apavora e que ela não confessou a ninguém. Ele não consegue amar as gêmeas com a mesma intensidade que amou com Bárbara. Ela tem pavor de sofrer e toda vez que seus olhos vão para as crianças, algo dentro dela a impede. Ele tenta descobrir quem são, o que pensam, se escondem tantas coisas dele como Bárbara fazia. E assume que desperdiçou a vida arruinando uma família, aquela que sonhou criar, manter e encorajar apesar das dificuldades.

Às vezes Elisabeth tenta tirá-la de seu torpor e mostra suas fotos de quando eram pequenos, de quando eram pequenos. Conta-lhe que antes era alegre e recorda-se de quando subia as Matagalls com a Bárbara às costas, na sua mochilinha, ou quando esquiava com a Bárbara entre as pernas em Font Romeu, ou quando a punha no carro e iam acampar para a Bretanha, para a aventura, sem medo do desconhecido. Ele não sabe agora, nem se importa, quem era aquela menina sorridente por quem Pepe se apaixonou no hospital, quando ele deu entrada com uma úlcera no estômago e ela o encorajou dizendo que não era nada. Talvez ele estivesse muito entusiasmado. Mas ele teve que aprender a ser

Machine Translated by Google

realista e abandonou a carreira médica. Era impossível trabalhar, terminar os estudos e criar um filho, e ela, teimosa como uma mula, não queria aceitar.
Quando Bárbara nasceu, um acidente maravilhoso, ela só tinha um ano para terminar o curso de medicina e acreditava que poderia progredir, mas não estava disposta a abrir mão de nada. Pepe o fez perceber sua atitude pueril. Ele também gostaria de estudar economia, disse a ela, mas teve que escolher um emprego prático e bem remunerado para assumir suas responsabilidades. Nuria costuma se censurar por seu egoísmo, pelo qual ninguém nunca a censurou até conhecer Pepe. Às vezes, ele até se esquecia de que tinha um parceiro. Ele estava procurando seu próprio benefício, sua satisfação.
Eu queria ir ao cinema, sair com meus amigos, fazer as mesmas coisas de quando estava sozinho. Pepe a ensinou a amar. A posponer el yo detrás del tú, a abrir todas las puertas cerradas, a compartir los secretos, por muy dolorosos que fueran, a aceptar las miserias ya reprimir los impulsos fatídicos que la empujaban lejos, hacia fantasías pueriles que le hacían olvidar sus obligaciones hacia Os demais. Talvez você tenha perdido amigos e familiares ao longo do caminho. Talvez ela tenha sumido do mundo e ficado sozinha. Mas eu tinha Pepe.

E agora, que ela não tem mais impulsos, desejos ou segredos, ela detecta a decepção em seus olhos.Eles não fazem amor há muitos anos e ela prefere assim. Eles dormem separados, falam no mínimo. No entanto, ele não fez a mala nem a deixou. E ela é grata a ele. Eles vivem sob o mesmo teto e simulam uma farsa. Eles compartilham uma mentira branca. Nada resta de seu parceiro, foi destruído, como a esperança de encontrar Bárbara, como a chama da ilusão que nunca se apagou completamente até que Bárbara desapareceu.

E, no entanto, ela admite que às vezes ele é gentil e a trata com compaixão.

Já não inspira amor, apenas compaixão.

Machine Translated by Google

12. Bárbara Molina

Tenho medo, já fiz errado, sempre faço tudo errado. Eu não deveria ter ligado para Eva. Tenho certeza de que ele ainda me odeia, não me perdoou, me amaldiçoa todas as noites e está feliz por eu ter partido. Eu era um porco, éramos amigos e eu a traí. Eu roubei do Martín e nem contei a ele ei cara, me desculpe. Ele está certo, ele está sempre certo. Ele me diz que destruí sua vida. O que quer que eu faça, estrago tudo. Não consigo tirar a sujeira de mim, não consigo, mesmo que esfregue meu corpo com uma luva pita até sangrar. Quando ele fica com raiva, ele me diz que uma pessoa como eu merece morrer e é nisso que todos acreditam. Estou morto e não deveria ter tentado entrar em contato com os vivos. Este é o lugar ao qual pertenço, dentro de um buraco, abandonado, no escuro, como um animal. Às vezes me conforta que pensem que estou morta, a morte me redimiu e me transformou em uma boa lembrança, uma fotografia feliz de uma jovem que todos perdoam. Eles não sabem que eu sou mau, ou eles se esqueceram. Melhorar. Ele é o único que não posso enganar. Se eu saísse daqui, eles ficariam horrorizados com a minha aparência de mulher.

E uma mulher não é mais perdoada pelas coisas que uma garota faz. Ele não para de repetir isso para mim noite e dia. Não sei como, mas o mal está em meu sangue. Ele também foi um capricho meu, fui eu que o procurei, que o instiguei, que o seduzi. Eu destruí a vida dele. Meu egoísmo não tem limite, sempre desejei o que não era meu e fui ambicioso e mesquinho. Eu queria a nota mais alta, o brinquedo da vizinha, o namorado da minha amiga, e consegui com artimanhas. Sou uma bruxa. Certamente esse foi o motivo que me levou a me apaixonar por Martín Borrás. Para machucar Eva, para mostrar a ela que eu era melhor do que ela. Talvez ele não estivesse no controle. Às vezes acho que sei porque faço as coisas e outras vezes percebo que nem eu mesmo sei. Estou louca?

Eu já sabia que Eva tinha uma queda por Martín Borrás. Eu já sabia há meses e sabia de cor de tanto ouvi-la falar, mas nunca tinha visto pessoalmente. Era seu instrutor do Hiker Club, seis anos mais velho, um cara que tocava em uma discoteca à noite, que tinha uma moto, que tinha estado em Nova York e Tóquio, as cidades que sonhamos um dia visitar, e que parecia Brad

Machine Translated by Google

Pitt. Teve sucesso em outros ambientes, mas na paróquia era um bom menino. Seus pais o obrigaram a ser monitor por causa de não sei que histórico com drogas. Algum tipo de serviço social estúpido, talvez a conselho de algum psicólogo puritano. Martín não dava a mínima para as crianças, as excursões e suava cantando canções e preparando jogos à noite. Ele escapava sempre que podia. Inventava mentiras macabras e à meia-noite, quando estavam acampados, pegava a moto para ir a uma festa e voltava de madrugada com olheiras. Os outros monitores ficaram chateados com ele, mas não insistiram. E seus pais pensaram que ele havia passado o fim de semana nas montanhas, respirando ar puro, e que ele era um bom menino. Isso é o que Eva me disse. E acho que antes de conhecê-lo já estava predisposto a me apegar a ele. Ele era um mentiroso, assim como eu, ele era um trapaceiro, assim como eu, ele era um cara que tentou fazer o que queria e não conseguiu, assim como eu. Nós éramos almas gêmeas.

Não sei se pensei nisso, mas tive uma queda pelo personagem. Um canalha.

Foi amor à primeira vista. Olhamos um para o outro e gostamos um do outro. Não sei se Eva já havia contado a ele sobre mim ou não. Só sei que quando Martín me viu piscou para mim e eu respondi. Imediatamente, ele me revisou de cima a baixo com um sorriso que me pegou de surpresa. Nesses momentos, eu me sentia nua e queria beijá-lo. Foi muito forte e fingi não me jogar em seus braços. Eve não notou nada. Pior, ele pensou que eu estava namorando e tentou nos tornar amigos. Eva era uma tia boa demais e meio boba para essas coisas. Além disso, ela era tão estúpida que não sabia como tirar vantagem disso. Ela tinha peitos como melões e, em vez de mostrá-los, os escondia. Ele estava com vergonha, ele disse. Tínhamos sido muito próximos até aquele verão, antes disso acontecer e ela se voltar contra mim quando tentei torná-la cúmplice do meu problema. Antes de me ouvir, ele se aliara aos meus pais e eles já haviam comido o pote. Por isso nunca mais contei nada a ele. Não valeu a pena. Ele não teria acreditado em mim e também não teria sido capaz de me ajudar. Ela sabia que eu estava escondendo coisas dela, mas não insistiu. Foi ela e minha mãe que me convenceram a ir ao Clube Excursionista e mudar de ares. Tive que me livrar da tristeza e sair de casa, disseram, e me deixei amar. Mas no momento em que Martín Borrás olhou para mim, entendi que não poderíamos continuar sendo amigos. Ou Martin ou Eva, pensei. E eu escolhi Martin. Eu não tinha mais a Eva, ela era amiga do meu pai e da minha mãe, mas não minha. Ou talvez eu não tenha pensado nisso e

Machine Translated by Google

Eu apenas fiz o que meu corpo me pediu para fazer. As complicações vieram depois.

Naquela mesma noite, ao sair da paróquia, vi que ele se divertia tirando o cadeado da motocicleta e me olhando de soslaio. Menti para Eva dizendo que ela havia esquecido o celular lá dentro e quando ela saiu alguns minutos depois com o coração batendo forte, Martín, de capacete, ainda não havia ligado a motocicleta. Estava muito claro que ele estava esperando por mim. Você quer que eu te leve a algum lugar? Ele entrou em mim como um profissional. E eu respondi que sim, obrigada, não morava muito longe, mas fiquei com vontade de subir. Agarrei-me com muita força e ao abraçá-lo pelas costas e abraçá-lo senti um formigamento nas pernas que me fez estremecer. Antes de nos beijarmos pela primeira vez, estávamos nos beijando no Messenger e trocando SMS. Depois de dois meses, tínhamos encontros às escondidas de Eva e de todos. Foi conveniente para mim também que eles não descobrissem em casa. Dei desculpas, exames, trabalhos e passeios. E finalmente aconteceu o inevitável, discuti com Eva. Ela estava com ciúmes, magoada e me acusou de traí-la e mentir para ela.
Ele tinha toda a razão e eu fiquei sozinha, sem amigos, pela primeira vez na vida e quando mais precisava de companhia. Ele só tinha um filho e eu me agarrei a ele como se minha vida dependesse de mim. Eu queria viver o amor com Martín e esquecer tudo o que havia acontecido comigo. Ele me disse que não foi nada, um deslize, um erro que jamais se repetiria, mas às vezes, pensando nisso, minha visão embaçava e eu queria morrer. Não conseguia me concentrar nos estudos, me sentia suja, tinha saudades de Eva e acreditava ingenuamente que me apaixonar por Martín poderia me fazer sentir limpa. Ou talvez ele não pensasse assim. Ele sentiu e quis isso e nada mais. Eu me vestiria para ele e arrumaria meu cabelo para ele, mas uma vez que ele se esgueirou por trás de mim e me beijou no pescoço, gritei como um louco, como se uma faca tivesse sido enfiada em mim. Até eu estava com medo da minha reação porque era instintivo. Entrei em pânico, como na primeira vez que ele colocou a mão na minha saia e eu a empurrei com violência. Martin estava chateado, é claro. Você não é uma garota fácil, ele me disse, você é cheia de punhos. E eu fiquei em silêncio. À noite eu sonhava com ele e o beijava, mas quando ele estava perto e eu sentia sua mão em minha pele e seu hálito quente e excitado, eu sentia um calafrio e meu corpo ficava rígido de morte. Eu ficaria frio como um iceberg e inventaria desculpas para fugir. Foi difícil para mim relaxar e me acostumar com seu toque, com seus lábios brincando em meu pescoço,

Machine Translated by Google

mordiscando-me, fazendo cócegas no lóbulo da minha orelha, enquanto sussurrava coisas boas em meu ouvido.

Nunca aguentei ele me abraçando por trás, mas aos poucos fui conseguindo antecipar seus beijos e sentir prazer com suas carícias.
Confesso que estava apaixonada. Ele não tinha o direito, mas era, ou queria ser. E quando pensei que sim, que estava tudo bem, que ela era uma menina como qualquer outra, aconteceu de novo. E desta vez foi definitivo.

Foi no Natal, nas festas, e me pegou desprevenida. Eu estava muito distraído com Martin e não tomei cuidado. Eu estava com ciúmes. Eu li em seus olhos. Ele me acusou de ficar com um estranho, de ser uma vadia no cio, de traí-lo. E ele me espancou no chão, ameaçando explicar tudo. A escola era um inferno, em casa eu vivia um inferno, a relação com Martín tornou-se um inferno e Eva me mandou para o inferno. Ele não foi capaz de sair do inferno. Eu estava queimando e não tive escolha a não ser me deixar engolir pelas chamas. Não perdi a esperança, porém, de me salvar das mãos de Martín ou de fugir com ele, para longe, em sua motocicleta, com o vento na cara e sem destino. Tentei fazer amor com ele três vezes, e três vezes fugi assustada, até que no último dia, no primeiro dia das férias da Páscoa, queimei todos os meus navios. Fiquei sozinha com ele, na casa dele, e jurei a mim mesma que passaríamos a noite juntos.

Ele me esperava com um sorriso e o palco pronto. Acendeu algumas velas pelo tapete, espalhou algumas almofadas, como que por acaso, e *Love is dead* by Tokio Hotel soou premonitoriamente. *Morremos quando o amor morre. Está me matando. Perdemos um sonho que nunca tivemos.* Ele me ofereceu um copo com uma bebida de sua invenção que, segundo ele, era explosiva. Bebi sem pedir e imediatamente senti um formigamento e uma alegria contagiante que me fez sentir leve e leve. De repente, lembro que minha percepção dos objetos e das cores mudou e senti uma vontade louca de rir e dançar. As ondas da música se espalharam por cada célula do meu corpo, flexível como uma bengala de bambu, mas suas mãos estavam frias, muito frias enquanto ele trabalhava para desabotoar minha blusa, e eu disse para ele parar, eu não queria, eu não quis me deixar dançar um pouco, mas me ignorou e insistiu em me despir. Gritei porque o frio se transformou em nojo. Então ele me jogou no chão, prendendo minhas pernas e braços violentamente com todo o peso de seu corpo, e nós rolamos no tapete em uma luta desigual. Resisti a morder e chutar, mas percebi que ele tinha a vantagem. Eu me desesperei. isso não

Machine Translated by Google

era estar apaixonado, aquilo não era uma história de amor. E comecei a chorar incontrolavelmente. Então, ao me ouvir, ele ficou rígido e foi como se tivesse acordado de um pesadelo. Ela se levantou, afastou o cabelo do rosto e me disse para ir embora. Sim, eu ainda ouço suas palavras. Vá embora, vá. Ele jogou minhas roupas e bolsa em mim de qualquer maneira e ressentido me jogou na cara, você é um aquecedor de moscas. Já na porta menti para ele dizendo que era virgem.

Eu sou má e só estava me aproveitando dele. Certamente ela não estava apaixonada. Ele me diz que não sei o que é estar apaixonado. Que gente como eu não sabe amar. Se penso nisso, percebo que Martín Borrás foi um dos maiores erros que cometi.

Eu queria saber o que era o amor e foi difícil para mim perder meu melhor amigo.

Machine Translated by Google

13. Salvador Lozano

Suas pernas o levaram ao apartamento de Jesús López. Não foi premeditado, mas acabou por curiosidade, porque não está lá há dias e gostaria de deixar o arquivo atualizado para Sureda. Uma desculpa de mau pagador. Vá para o bar da esquina onde Jesus toma café da manhã todas as manhãs.

O garçom, de camisa branca e gravata preta à moda antiga, comete o pecado de ser do Betis e procura briga de futebol, mas essas coisas não contam para os policiais que devem deixar de lado seus hobbies pessoais.

Ele os cumprimentou e os atualizou. Ele explicou a ele que agora Jesús López tem um pequeno trabalho e que parece mais feliz. Ele até o viu uma tarde com uma garota. Uma menina?, pergunta Lozano, engasgando com o café.

Como era? Mas a descrição o afasta. Uma bomba, uma mulata para molhar o pão. Sentaram-se aqui, nesta mesa, encostados uns nos outros e rindo enquanto olhavam os livros e as fotografias desses pintores, que são zumbidos e que pintam mulheres como se fossem vasos. O estômago de Lozano revira. Outro, pense. E agradece ao bar pela afabilidade. Certa vez, anos atrás, ele pediu a ela de forma amigável para atualizá-lo sobre seu sobrinho Jesus.

Ele mentiu dizendo que era um tio dele, um parente que estava preocupado com o menino, que era tão mal-humorado e não explicava nada para a família e os fazia sofrer por sua saúde, algo frágil, e seu isolamento. Não é verdade, mas poderia ser. Jesus é magro, abatido e careca, seu cabelo caiu em punhados. É angustiante vê-lo por trás, com aquelas palmas que parecem micose. É por isso que o cara do bar fica surpreso por conseguir fazer uma jovem rir.

Mas Jesús López também é um gato velho e, apesar de sua calvície, sabe como ativar as molas de adolescentes inseguros para conquistá-los. Lozano se levanta, paga o café e sai para a rua, enojado com a revelação. E no momento em que começa a brilhar e quando ele já desistiu de suas investigações, ele vê seu empoeirado Citroën Picasso subir a Urgell em direção ao *estacionamento.* Na verdade, é o carro de Jesús López.

Ela espera embaixo de uma varanda, fingindo olhar a vitrine de uma loja de móveis de madeira branca, e o vê saindo do *estacionamento* com o cachorro. Ele é um boxeador mimado. Ele nunca entendeu como as pessoas acham engraçado esses cachorros com cara de fuzileiros navais mal-humorados. Jesús López anda mais ereto do que há alguns meses, mas não se veste muito melhor. use o jeans

Machine Translated by Google

camisa desfiada e desbotada. Mantenha o *visual* casual e alternativo que agora é patético. Lozano o observa colocar a chave na fechadura e subir a escada estreita até seu escritório, minúsculo e claustrofóbico. Alguns minutos depois, acende-se a luz da sala, única divisão exterior, e Lozano deixa de olhar para cima e inicia o seu percurso habitual, rumo ao *parque de estacionamento.* Felizmente, eles não costumam mudar de equipe, pensa enquanto deixa uma passagem na mão do garoto romeno que já o conhece. E logo a seguir pergunta se Jesús López anda muitas vezes de carro ultimamente e a que horas. O menino explica que agora adquiriu o hábito de sair todas as manhãs com o cachorro. Você sabe se eles vão muito longe? O menino dá de ombros. Demora três ou quatro horas, às vezes volta à noite. Uma vez ele disse a ela que seu pai estava doente, em Mollerussa, que ele era um homem velho e que qualquer dia a mataria.

Lozano agradece com um tapinha nas costas e vai embora.

Agora começa a chover e enquanto ele decide se volta para o bar, chama um táxi ou vai para o metrô, seu celular toca e ele atende discretamente, com voz rouca. É Lladó, um garoto eficiente que já fez a busca na casa de Martín Borrás que ele havia encomendado. Bingo!, ele grita. E o coração de Lozano para por alguns instantes. Você a encontrou? Ele está com merda até o pescoço. Como? Coca-Cola, esclarece Llado. Coca-Cola para parar um trem, no porão. Lozano relaxa porque já sabia. Os velhos já sabem que caras como Martín Borrás recorrem ao dinheiro fácil e acabam fazendo besteira. Ele também sabia que não encontraria o corpo de Bárbara Molina no depósito. Informe a Unidade de Saúde Pública, diz ele laconicamente. E lhe ocorre, disse uma vez, que pode ser a última ordem que ele dá em sua vida. Ele lamenta esse fim abrupto. Mais alguma coisa, chefe?

Lozano ia dizer não, nada mais, mas de repente uma luz se acendeu. Se você esperar. Por que não?, ele se pergunta. Por que ele não pode abusar um pouco mais de seus subordinados? Informe-se sobre o estado de saúde do pai de Jesús López e descubra se Jesús López tem visitado regularmente a família Mollerussa nos últimos tempos. Pronto, patrão, responde Llado. Mas talvez não consigamos o relatório até amanhã. Localizem os de Lérida, estão a quatro passos, para ver se resolvem, sugere. Sim, vou tentar, mas é tarde. Lozano sabe que é verdade, que é tarde, e não se opõe. Muito bem, então passe o relatório para Sureda quando o tiver. Entendido?

Entendi chefe. Quando ele desliga, ele ainda tem uma palavra na boca. Lérida. Lérida. E ele mesmo percebe o que acabou de dizer. quatro passos de

Machine Translated by Google

Mollerussa. Chove, mas ele não liga. Ele está pensando e a chuva clareia suas ideias, lava seus preconceitos. Mollerussa fica a meia hora de Lérida. Tome ar. Segundo o depoimento de Jesús López, ele passou a Semana Santa em Barcelona, no apartamento de Les Corts, e sua esposa declarou que Jesús não havia se mudado de casa. Mas e se ele fosse ver seus pais em Mollerussa?
E se eles mentiram? Não importa que eles não tenham encontrado o cabelo da garota, ou pegadas, ou qualquer coisa suspeita em seu carro. Jesús López é um mentiroso profissional que viveu metade de sua vida escondido dentro do armário.

Ele conhece todos eles. Eu poderia tê-la enrolado em um cobertor. Num carro onde se viaja com crianças há sempre uma manta, caso estejam com frio. Outra ligação para o celular o desequilibra. Se ele responder. Desta vez é Isa, a telefonista. Desculpe, mas passou tão rápido que não vi. Já sabemos de quem é o telefone da garota que perguntou por você enquanto comia.
Corresponde a uma certa Eva Carrasco.

Eu dou a ele? Não, obrigado, já tenho, responde Lozano, surpreso, enquanto respira fundo.

Coisas demais. Muitas coisas para ser seu último dia de trabalho.
Deve ser uma síndrome inexplicável. Poderia se chamar Tempus Fugit, por exemplo. Você viveu na escuridão absoluta por quatro anos e agora, de repente, a luz está se filtrando por todas as rachaduras. E enquanto ele faz essa reflexão, ao longe, em direção aos Beijos, explode um raio recortado precisamente, exatamente como os que aparecem desenhados na mão de Zeus nos desenhos de Walt Disney que seu neto vê. O raio atinge perto da Sagrada Família. Após alguns segundos, ouve-se um trovão que faz algumas crianças correrem e gritarem ao saírem da escola e se refugiarem sob as varandas, colocando as mochilas na cabeça. E imediatamente depois, algumas gotas grossas e frias começam a cair.

Como se o céu e ele estivessem em conluio.

Machine Translated by Google

14. Eva Carrasco

Eva pega a maleta, o livro e o caderno, pega o paletó, se levanta e sai da aula de inglês com cara de desculpa dirigida à *professora.*
Ele se vira e sai. Ela não conseguia ficar parada nem mais um minuto. Ele era incapaz de se concentrar em algo tão estúpido quanto *deveria .*
Bárbara ocupa todos os seus pensamentos. Ao pisar na rua Villarroel, percebe que está chovendo, mas não se importa. Ela caminha se molhando, a água escorre pela testa, pelas bochechas e encharca os cabelos. A água o lembra de Bárbara. Eu não sabia viver sem água. Ele precisava pular em uma piscina, entrar no chuveiro ou nadar no mar. Tia, você vai desaparecer como Michael Jackson. Sem água me sinto suja, justificou Bárbara. Um Nissan Patrol passa por uma elegante de Pedralbes e espirra água nela. Isso não tem mais graça e ela grita Cuidado!, mas a loira tingida nem presta atenção. Passar por ela, como Barbara. Por que eles lutaram? Eles eram amigos? A história de Martín Borrás o machucou muito, mas não foi o motivo da disputa. As coisas entre eles já estavam confusas de antes. Bárbara não confiava nele, deixou de ser sua confidente quando Jesús López interferiu. Sim, ele esvaziou o chicote e chorou. Os amigos se explicam e Bárbara nunca explicou a ela o que aconteceu naquele verão. Ela voltou das férias mudada, não era a mesma, não ria, não queria estar com ela, não queria jogar boliche, não tinha interesse em ouvir U2 ou perguntava ela para emprestar-lhe a camisa do Miami Ink. E ela insistindo para descobrir o que estava acontecendo e Bárbara silenciosa como morta. Ele apenas abriu a boca em um tom ameaçador para avisá-lo para, por favor, não meter o nariz em sua vida ou falar com seus pais sobre suas coisas pelas costas. Ela estava animada e furiosa. Eles são boas pessoas, repetiu Eva preocupada, seus pais estão preocupados com você e eu também. E era verdade, Pepe e Núria, cada um à sua maneira, sofreram por Bárbara. Era natural que, se fosse sua amiga, tentasse resolver seus problemas e pedisse ajuda aos pais. Mas Bárbara ergueu a primeira barreira entre eles.

No primeiro dia de aula, em vez de rirmos juntas no corredor da etiqueta da Zara pendurada na camisa de Jesús López, ela deixou a aula encostada em Jesús López e olhando-o nos olhos com ar de êxtase. Eles começaram a conversar, afastando-a como merda. Eles falaram do cerco de

Machine Translated by Google

Alesia, o rolo para impressionar os novos que Jesús López sempre lançava. Ele colocou no bolso os perdedores do terceiro ano que alucinaram com a famosa história da conquista da Gália e a genialidade de Júlio César.
Uma fórmula infalível. Ei, o que você tem com Jesus? Você liga para os professores agora? Vamos falar de história, tia. Sim, vai e acho que você está interessado na República Romana. Eu tenho preocupações, tia, não como você, que surta lendo a Mafalda. Bárbara sempre se defendeu atacando. Ela não queria falar de Jesus, não queria falar do verão e não era a mesma. O que há de errado com Bárbara?, perguntou Andrés, irritado porque Bárbara o cortou. Por que presumiram que ela sabia tudo sobre Bárbara? Achavam que ele tinha feito mestrado em Bárbara. E ela vem jogar bola fora e fingir que sim, que ela controlava a agenda, para aparentar que eram amigas. E o que te importa, respondeu com uma certa agressividade ao estilo Bárbara, há coisas que acontecem aos adultos que as crianças não podem saber. Você tem perdas? Que te dêem! E esse era o problema, que Bárbara preferia compartilhar suas coisas particulares com um velho idiota do que com ela, sua melhor amiga. Jesus é um tio legal, Bárbara se defendeu. Mas sua voz tremeu. Ele não tinha olhos no rosto? Ele não percebeu que Jesus era um pervertido que baba em todas as bundas com menos de dezesseis anos? Não, ela acreditou nele de cara, e acreditou em suas bobagens sobre Fellini, Picasso e Goethe. Que excesso de cultura embrulhado com pressa para impressionar bem as meninas. As anedotas eram as mesmas ano após ano, as piadas também e até as improvisações. Os repetidores disseram isso, embora não fosse necessário. Ele podia ser visto a uma légua de distância que era um impostor. Mas Bárbara, tão esperta, tão alerta, caiu de quatro e se deixou enganar pelos elogios dele. Diga-me, Bárbara, estou ouvindo. Suas perguntas valem a pena, elas me obrigam a pensar. Barbara sempre faz perguntas interessantes... Ambas me deram vontade de vomitar. Talvez ele fingisse tristeza para se tornar interessante. Ou simulou uma depressão para que Jesus tentasse animá-la e levá-la para ver a última exposição de Dalí no CaixaForum. Seu estômago revira.

Ele caminha em frente à escola. A água cai em torrentes e ela fica atordoada sob o aguaceiro contemplando a porta fechada, olhando o letreiro da Escuela Levante que via todas as manhãs há quinze anos. Lá ele conheceu Barbara quando tinha apenas três anos de idade. Ela usava o cabelo em duas marias-chiquinhas, carregava uma mochila do Mickey Mouse nas costas e a convidava para um delicioso sanduíche de presunto York que eles dividiam mordida por mordida. No final do primeiro dia de aula já eram inseparáveis. Parece incrível como as crianças cheiram umas às outras

Machine Translated by Google

a outros em busca de afinidades e logo encontram sua alma gêmea.
Eles eram como a noite e o dia, mas riam das mesmas bobagens e se entendiam sem palavras. Bárbara era mais ousada e mais exibicionista.
Bárbara era a louca e ela a sã. Ele tinha que detê-la, mas também sabia apertar o gatilho e motivá-la a falar besteira, a colocar chiclete na cadeira da professora, a trocar as batas dos cabides das crianças, a jogar grão de bico na mesa inimiga do sala de jantar. Eles eram grossos e finos. Embora diferente. Bárbara gostava de se vestir de maneira chamativa, sair para a lousa e provocar. Disseram que formavam o casal perfeito, o bonito e o feio, o inteligente e o intelectual, o extrovertido e o tímido, o sensual e o frígido. Porque Barbara era muito sensual. Desde criança, desde muito pequena, Eva notava que homens e meninos se voltavam para olhá-la. Pela maneira como você anda, mexe os quadris, dança ou chupa doce.

Ela fazia tudo com um flerte infantil e ingênuo, mas terrivelmente adulto. Ela não precisava pintar as unhas de vermelho ou usar saias curtas para se apaixonar. Bárbara tinha um olhar cativante, um corpo flexível, cabelos brilhantes, e era generosa distribuindo abraços, carícias e beijos.
Estavam sempre juntos, muito juntinhos, pele contra pele, sentindo seu cheiro quente, o calor de sua mão, as batidas de seu coração. Quando criança, ela não saberia onde terminava e começava Bárbara. Eles eram o mesmo corpo e compartilhavam a mesma alma. Até que Bárbara quis se separar dela e ser uma só. Ou pior ainda, um apêndice de Jesús López.
Então foi como ter um braço ou uma perna cortada com uma serra elétrica. Foi brutal. Não conseguia superar o espanto, faltava uma peça e sentiu pela primeira vez a angústia da solidão.

Bárbara morreu para ela depois do verão de quatorze anos. É difícil imaginar uma amiga morta, principalmente quando Bárbara queria tanto viver, mas já a havia matado. A traição de Martín Borrás não lhe importava tanto. Foi um acréscimo, a confirmação de que Bárbara estava sozinha e passou por cima dela, uma desculpa para ter uma discussão oportuna e se vingar, deixando-a dizer em voz alta que ela era uma porca e uma má amiga. Mas já não lhe doía tanto como descobrir que Bárbara se entendia com Jesús López e o preferia a ela. Ele piscou para ela, pendurado em seu braço, sussurrou em seu ouvido, fazendo cócegas na nuca com a respiração. As bocas bem juntas, bocas confidentes, que lutavam para se unir. Vê-los juntos era quase uma provocação em que se adivinhava algo mais que a admiração do aluno pelo professor. Bárbara

Machine Translated by Google

Ele o seduziu e Jesus, como um tolo, acreditou que a havia feito apaixonar por sua inteligência.

Odeia Jesus. Ela ainda, neste ponto, o odeia. Um cara covarde, rastejante, que praticava *sacanagem* barata , se aproveitava de *adolescentes* e era feito de papel machê. Na verdade era apenas um Narciso apaixonado por sua voz. Agora ele não sabe o que pensar ou como imaginar. Ele não pode vê-la nos braços de Martín Borrás. Ele não acha que isso seja possível, embora tudo seja possível. Talvez Martín sofresse como ela e a quisesse para si. Mas ele sabe muito bem que alguém próximo a Bárbara não teria vontade de buscar outros afetos. Bárbara encheu-se, saciou-se. Era viciante, como chocolate.

Veja a luz na escola. Alguém que ficou para corrigir ou que está imprimindo uma prova para o dia seguinte. Jesús não cita mais os alunos depois do expediente para falar sobre suas coisas. Eles finalmente o expulsaram. E apesar de tudo foi graças a Bárbara. Dói admitir, mas a morte de Bárbara fez justiça. E agora ela vai e descobre que ela está viva! E novamente o estupor da descoberta a invade. Onde está? Onde ele passou todo esse tempo? Por que desapareceu? E o filme que se faz sobre Martín Borrás e sua vinícola lhe parece cada vez mais absurdo. Tem sido estúpido. Ali mesmo, enquanto a água escorre pela nuca, ela se abriga sob um portal e disca o número do celular de onde Bárbara ligou.

Talvez agora ele tenha sorte e diga onde ele está, quem sabe. Ele espera e espera, mas a voz metálica e impessoal sai novamente dizendo que o celular está desligado ou fora de cobertura.

Ele se vira e segue em direção a sua casa. Ela está encharcada e espirrou duas vezes. Ele anda rápido e admite que foi injusto com Bárbara. Ele a matou por amor. Porque eu não sabia viver sem ela. Ele a apagou de sua vida antes que ela desaparecesse, então seu desaparecimento real não lhe causou nenhum trauma. Em casa, sua mãe abre a porta para ela e a repreende por se molhar. Ela responde que tem sorte de ter uma filha que se molha e vai para casa trocar de roupa porque a mãe de Bárbara nem isso pode fazer. Ele a deixa sem palavras e quando ela vai tomar banho ela percebe que disse exatamente o que pensava. Bárbara está viva e sua mãe nem sabe disso. Talvez ela esteja se molhando em qualquer rua de Barcelona e sua mãe pense que ela está morta e enterrada. Eva tem uma vibração ruim. Ele pensou que dar o telefone ao pai de Bárbara o livraria da responsabilidade, mas não. Queima em sua língua que Barbara está viva. gostaria de abrir a janela

Machine Translated by Google

e grite bem alto, tenha coragem de sair e procurá-lo. Além disso, conclui, Bárbara ligou para ela para dizer que ela estava viva.
Ele não ligou para o pai, para a mãe ou para a polícia. Ele ligou para ela. Porque? Se eles não fossem mais amigos. Porque ela?

O telefone toca enquanto ela está no quarto trocando de roupa e sua mãe lhe passa o rádio com o fone tampado e sussurra, É a polícia. Eva imediatamente o pega, tremendo. dizer? Do outro lado, uma voz calma atende, a voz do subinspetor Lozano. Eva Carrasco?
Boa tarde, sou o subinspetor Salvador Lozano. Olá, boa tarde, ela atende tentando saber se está ligando porque encontraram a Bárbara, ou porque quer saber mais detalhes em primeira mão. E bem? Você me ligou mais cedo porque queria falar comigo, certo? Eva continua fria.
Então o subinspetor Lozano ainda não sabe de nada. Seu Molina, pai de Bárbara Molina, não foi vê-lo?, pergunta diretamente. O subinspetor parece surpreso. Pois não. Que eu saiba, ele não veio me ver. Eva hesita, duvida. A fazer? Ele lhe diz o quão pouco ele sabe?
Que Bárbara está viva e que ela tem um número de celular. Mas lembre-se das palavras do pai. Esqueça e me deixe. A vida de Bárbara está em jogo.
E deixa bem claro que é o pai dela, a pessoa que mais fez pela filha, o primeiro interessado em encontrá-la viva. E ele rapidamente inventa uma saída graciosa. Bem, ele me disse que passaria para vê-lo porque precisava lhe dizer algo. Ele vai explicar para ela, ela acrescenta para deixar claro que não está autorizada a falar nada, que não é da conta dela. Mas o subinspetor Lozano demora antes de desligar e se despedir. Espere, ele implora. Espera um momento. Você realmente não quer me dizer nada? Não. Você tem alguma informação sobre Barbara? Eva respira fundo e pede licença. Seu pai lhe dirá. Mas o subinspetor insiste. Se você quiser me dizer algo a qualquer momento, aqui está o meu celular. E ele dá a ela o número do celular. Eva se despede gaguejando. Se eu souber de algo te ligo. E trava amaldiçoando seus ossos. Veste-se de lua má e enquanto enxuga o cabelo, muito seco, muito esfregão, fica com raiva de si mesma. Ele estragou até o fundo. Agora o subinspetor Lozano vai enfiar o nariz onde não deve e estragar tudo. Se Pepe Molina quis discrição para agir, já não a terá. Ele não se surpreende por não confiar em nada na polícia, quatro anos atordoando a perdiz sem encontrar uma única prova para acusar Jesús López. Ficou muito claro que sua esposa estava cobrindo para ele. Ficou muito claro que foi ele quem pegou Barbara em Bilbao e a levou para Lleida e a matou. Bem,

Machine Translated by Google

Ele não a matou, retifica, mas a fez desaparecer. Dúvida. Ou por causa dele Barbara fugiu. Improvisar. Talvez tenha acabado com Martín Borrás fugindo de Jesús López. Tem coisas que não batem. Em todo caso, ele a manipulou, ele a estrangulou e ela estava com água até o pescoço. Foi tão difícil pegá-lo com uma mentira? Fazê-lo cantar? Eles são inúteis. O único que os tem bem colocados é Pepe Molina. Deu leite a Jesus até na carteira de identidade, só dói não ter estado lá para vê-lo. Ele quebrou o nariz e quebrou um dente. Ele mereceu. Ele merecia que alguém batesse nele e o chamasse de pedófilo. Cuspa na careca dos cretinos!, escreveu o poeta Salvat Papasseit com clarividência. O mundo está cheio de cretinos, mas ninguém sabe reconhecê-los. E de repente ela congela.

Lembre-se de que você confessou a Pepe Molina suas suspeitas infundadas sobre Martín Borrás. Um suor frio encharca a roupa que acabou de vestir. O que você fez? Por que você disse isso? Isso vai matá-lo. O pai de Barbara é capaz disso e muito mais. Já se lançou como uma fera sobre Jesús López, mas agora, depois de quatro anos, a raiva que vem acumulando é imensa e vai destruí-lo. Por que você tem que dizer algo estúpido como isso? E ele vê isso claro e transparente. Oh não! Isso vai fazer você mingau. É por isso que ele não foi ver o subinspetor. Ele quer agir como um vigilante solitário. Ele quer vingança.

Determinada, ela pega o telefone e liga para a casa de Bárbara. Ele falará imediatamente com Pepe Molina e dirá que não, que ele se enganou, que foi precipitado, que o melhor a fazer seria entrar em contato com o subinspetor Lozano, que já está de olho. Uma campainha toca, duas e a terceira vez a secretária eletrônica toca. Talvez eles não estejam aqui, talvez tenham saído ou talvez estejam ligando. Você não pode esperar de braços cruzados. E se antes não sabia estar na aula de inglês, agora não sabe estar no sofá de casa. Ela se levanta nervosa, pega o guarda-chuva, a bolsa, veste a capa de chuva e sai.

Ao sair para a rua, ela verifica se parou de chover e, contrariada, joga o guarda-chuva no chão. Uma vizinha que estava colocando a chave na fechadura da porta a repreende surpresa: O que há com você, Eva? Imediatamente, ela pega o guarda-chuva envergonhada e se faz a mesma pergunta. O que acontece? Ela não é assim, não perde a paciência, não grita, não chuta nem joga o guarda-chuva no chão.

E de repente, ela percebe que está muito nervosa porque a vida lhe deu uma segunda chance. Ela pode ter uma parte de si mesma de volta.

Machine Translated by Google

15. Bárbara Molina

Estou tão nervoso por não ter visto *Friends,* um encontro que nunca perco.
Em vez de ligar o DVD, comecei a andar em círculos como um leão enjaulado. É o que eu sou. Um animal dentro de uma gaiola, trancado, prisioneiro, nas mãos de um louco que me obriga a fazer coisas que não quero, que depois, como recompensa, me alimenta de sua mão, mas quando menos espero , ele puxa o chicote e me chicoteia sem mover uma sobrancelha, sem um pingo de compaixão. Se eu fugisse, ele atiraria em mim com um prazer sádico. Como um rato.

Abro a geladeira e vasculho a *tupperware* onde guardo a comida dos dias anteriores até apodrecer. Estou proibido de tocá-los. É um hábito que me impus anos atrás, depois de viver com fome. Não faz muito, mas me dá paz de espírito. Disse a mim mesma que nunca mais passaria fome, como Scarlet O'Hara naquela cena em que ela levanta a cabeça e pega um punhado de terra vermelha de Tara. Mas eu não era tão fotogênico ou heróico, apenas me privava dos restos de comida, classificava em pequenas porções e guardava como um tesouro. Abro um *Tupperware* com salada de folhas e tomate e coloco na boca aos punhados, depois abro outro com um pedaço de frango frio e engulo sem mastigar. Quero apaziguar o desconforto, apagar a angústia, mas em vez de me satisfazer, tenho cada vez mais fome.

Durante esses três anos, consegui me treinar, como leões, à força de roubar comida de mim. Ele descobriu que era uma arma poderosa e brincou com ela. E o que os golpes não conseguiram, a fome conseguiu. Ele me mantinha em jejum, sofrendo, até que de repente ele vinha e me deixava sentir o cheiro de uma comida apetitosa. Eu abria a porta por um momento e um aroma de frango assado, insultuosamente delicioso, se esgueirava pelo porão e chegava ao meu nariz. Ter fome e não poder comer é morrer um pouco a cada minuto, a cada segundo. O corpo me avisou que eu tinha que lutar para não desmaiar. Olhei meus braços, cada vez mais finos, as pernas magras, as costelas que se contavam uma a uma, e a barriga afundada entre os ossos da pelve. Eu estava virando um esqueleto.

Lembrou-se de histórias de náufragos que bebiam o sangue de seus companheiros, de soldados que comiam as entranhas dos mortos, de sobreviventes na neve.

Machine Translated by Google

Eles se alimentaram de cadáveres. E não fiquei nem um pouco surpreso, porque a fome era tão premente que qualquer coisa que a aplacasse era permitida. Eu teria matado por um prato de macarrão. A comida instalou-se no epicentro da minha vida e tornou-se o motor, a justificação, a única obsessão doentia. Sonhava com o arroz de domingo que minha mãe fazia, com a tigela de sopa que jantávamos às quintas-feiras na casa dos meus avós, com os sanduíches de presunto que eu levava todas as manhãs para a escola e que às vezes jogava fora. Imaginei copos de leite e biscoitos de chocolate. Uma vez, em desespero, fiquei de quatro e peguei um besouro preto. Mexeu as patas, assustado, talvez tenha cheirado minha fome e sabia que acabaria esmagado entre meus dentes. E assim foi. Superei meu nojo e coloquei na boca, mas quando senti como ele se movia e como se mexia, o nojo ficou mais forte e eu cuspi. Engasguei e vomitei bile, um líquido verde espesso subindo do fundo do meu estômago vazio. Percebi que se eu colocasse um besouro na boca qualquer dia, eu cortaria meu pé e o comeria. Então, concordei com tudo. Não queria continuar vivendo com aquela angústia permanente de lembrar de bifes tenros e pratos de batatas inatingíveis, aquela fraqueza nas pernas e tontura e vontade de destruir o bicho e apaziguar a dor. Porque a fome era como se eu tivesse um bicho furioso dentro de mim me arranhando com suas garras e me mordendo com seus dentes, reclamando o que era seu, dia e noite, não me deixando descansar um só instante. E a dor se misturava com o medo de que Ele não voltasse e me abandonasse naquele buraco negro com a geladeira vazia. Deixe-o voltar, não me deixe morrer de fome, implorou silenciosa e inutilmente. E vendi-me por um prato de lentilhas. Nunca disse melhor. A comida me tornava submissa e acabava com o sofrimento. Tornei-me um cachorrinho que lambia a mão daquele que enchia meu comedouro todos os dias, abanando o rabo e aceitando suas carícias por um osso. Eu sou uma fera. E quanto mais penso nisso, ma
Como com as mãos, de pé, e sujo o nariz com purê de batata, geleia, feijão e peixe e perco a camiseta. Tenho certeza de que algumas das coisas que misturei nessa bagunça encaroçada e purulenta estão podres. Pode estar na geladeira há semanas, mas não importa, quando voltar vai me matar. Melhor morrer de barriga cheia.

Eu poderia ter ligado para casa. Fui um idiota por ter ligado para Eva. Mas pelo menos Eva não começou a chorar como a mãe. Ela não sabe, tem vergonha de chorar, igual dançar e mostrar os peitos. E ela é estúpida

Machine Translated by Google

porque os caras são loucos por peitos como os dela. Eu disse a ela: tia, coloca uma camisa justa e você vai ver como você flerta. Mas ela não se importava. Eva gostava de ser invisível e passar despercebida. Martin nem sabia o nome dele. Ela é forte, porque foi ela quem nos apresentou. Sim, aquela tua amiga que não fala, como se chama? Ele terá estudado jornalismo como combinamos? Eva era teimosa. Uma formiguinha trabalhadora e responsável com ideias claras. Mais claro do que eu. Com certeza ele passou em todos os cursos, tirou a nota de corte da *sele* e agora está no segundo ano de jornalismo. Ele já deve ter carteira de motorista e sua mãe certamente deixará para ele seu Miera preto. Talvez ela tenha emagrecido e tirado o ferro da boca e, quem sabe, talvez ela tenha um namorado e o encontre para ir ao cinema e fazer trabalhos braçais, porque não a vejo mexendo a bunda à noite em um discoteca. Eva não. Talvez ela atue como monitora do Clube de Caminhadas e prepare meticulosamente os acampamentos após o término das aulas. Ele foi para Londres? Para Berlim? Para Nova Iorque? Há tantas coisas que eu perdi. Não sei como é a faculdade, não coloquei os pés na América, não sentei ao volante de um carro ou fui a um show ao vivo. Qualquer dia que Ele me deixar assistir TV, eu ligo e encontro Eva como uma enviada especial em Tóquio. Embora para isso ele tivesse que superar sua timidez. Ele foi impedido de falar em público. Será que mudou? Às vezes as pessoas mudam. Sem mim ele terá aprendido a funcionar, terá ousado falar alto e olhar nos olhos dos outros. Quando havia mais de três pessoas, ele ficava calado e, na aula, quando perguntavam, ele ficava como um tomate. O que os camaradas não sabiam era que muitas das ideias que eu expressava em voz alta, porque não tinha vergonha, eram deles. Ela é que pensava e eu que falava muito. Eu roubei suas ideias, eu era o impostor. Nós estudávamos juntas e ela tinha que me explicar *matemática* e fazer diagramas da natureza e da história. Eva tinha conceitos muito claros e tirava boas notas nas provas escritas, mas na prova oral gaguejava, travava e parecia burra. Eu sabia que de nós dois ela tinha a melhor cabeça e que eu era um trapaceiro. Por isso, quando Jesús falou comigo, a sós, e me disse que eu era curiosa e inteligente e que nenhum aluno jamais lhe fizera perguntas tão brilhantes sobre o site da Alesia, me senti importante e a deixei de lado. Jesus foi injusto porque Eva leu Dostoiévski, tocou Bach ao piano e leu os programas eleitorais dos partidos políticos antes das eleições, emb

Machine Translated by Google

eu poderia votar. Ele tinha opiniões sobre a mudança climática e convenceu sua família a ingressar na Oxfam e fazer compras nas lojas do Comércio Justo. Eva estava ciente dos outdoors de filmes e tinha visto filmes de Woody Allen e Coppola que pareciam um pé no saco para mim. Mas Jesus, apesar de saber, preferiu a mim. Ele me disse que eu era uma inteligência selvagem, um diamante bruto. Eu sei que dói. Sei que ela gostaria de estar no meu lugar e que morria de inveja quando Jesus me deixou os livros de Hermann Hesse. Mais de uma vez a peguei nos espionando na biblioteca, fazendo-se de doida e fingindo vasculhar as estantes de ficção contemporânea à procura de um livro que não existia, enquanto conversávamos horas e horas sobre Sidarta. Você entendeu alguma coisa?, eu me perguntei depois de rancoroso. E nesses momentos ele a achava profundamente antipática. Esperava encontrar-me em falta, perplexo, pedindo-lhe ajuda para, por favor, esclarecer quem era Proust e o que significava a famosa madeleine. Mas eu não gostei. Eu estava procurando no Google para irritá-la. Certamente ela esperou em vão todas as sextas-feiras que Jesus a convidasse para visitar o Museu Picasso e ela suspirou para passar três horas na frente das *Meninas* e analisá-las de todas as perspectivas. Ela nunca foi. Eu sim. Com Jesús eu me sentia adulta e por isso nos víamos às escondidas nos bares do Raval e tomávamos café em vez de Coca-Cola. Você tem uma queda por Jesus, Eva ciumenta me repreendeu. E não neguei para me tornar interessante. Eu estava preso à sua sabedoria, que abriu meus olhos para coisas que Ele adorava cinema italiano e assistimos juntos a filmes de Visconti, Fellini, Bertolucci e Passolini. Algumas ele entendeu e outras nem tanto, mas teve a paciência de nos fazer perceber a beleza de uma imagem, o retrato de um sentimento, a fotografia impiedosa de um mundo. Lembro-me de *Roma, città aperta,* de Rossellini, e do grito de Anna Magnani quando pararam seu companheiro magricela e o colocaram no caminhão. Anna Magnani me pareceu uma gorda cafona, mas seu grito foi tão sincero, tão autêntico, e seu amor foi tão grande e sua morte tão trágica que acabei vendo ela como sexy . O que ficou para sempre comigo, porém, foi o retrato do protagonista de *El Inocente* e sua maldade deixando a criança morrer de frio. Um cara que traía a mulher, esfregava na cara dela, e quando ela se apaixonava por outro, ficava com tanto ciúme que não a deixava no sol nem na sombra. Então, ele descobriu que ela estava grávida e a torturou interrogando-a morbidamente sobre o

Machine Translated by Google

pai. Quando a criança nasceu, ele exigiu que ela o odiasse, até que ele mesmo o matasse. Só então ela se rebelou e teve coragem de dizer na cara que estava com nojo. Ele era um mentiroso, era manipulador e possessivo. Ele a fascinou, vampirizou, e ela acreditou, até que a venda caiu. Isso me fez estremecer. Era como Ele!

Jesus me fez descobrir muitas coisas e por isso resolvi explicar tudo a ele.

Eu sabia que podia confiar nele. Eu sempre parava nos corredores e me perguntava o que havia de errado comigo. Ele queria saber por que estava falhando nas outras matérias, por que estava triste. Ele me disse que havia falado com meu tutor e que não havia deixado nada claro. Ele foi sincero e preocupado comigo. E eu precisava desesperadamente de alguém com a cabeça limpa. Certamente ele tinha um senso estrito de justiça e era capaz de discernir o que era certo e errado. Eu, por outro lado, tinha uma confusão na cabeça e fiz uma confusão com as coisas que me aconteceram. Jesus nos contou sobre a corrupção na Roma antiga e a covardia dos seguidores de Júlio César que preferiram matá-lo pelas costas a enfrentar as urnas e as legiões. Se ele conseguiu analisar a história e ver com clareza o que alguns senadores republicanos do século I aC deveriam ter feito, também poderia me dar uma mão e me tirar do atoleiro. Meu problema era que eu não sabia como começar ou como continuar. Eu não tinha nomeado isso. Eu não tinha palavras. Ele acreditava que, se não falasse, não existiria. Coisas que não são nomeadas são esquecidas ou desaparecem.

É por isso que foi tão difícil para mim explicar isso a alguém. Ele me disse que sim, que me ouviria com prazer. Eu implorei a ele muita discrição e ele marcou um encontro comigo na escola, à noite. Estava pensando em como abordaria o assunto, como diria as coisas que me aconteceram e o estupor que me dominava e que me fazia sentir tão mal, tão perdido, tão desnorteado. Achei que tê-lo cara a cara disposto a me ouvir me inspiraria e que ele contaria a história sem estorvo.

Naquela noite nós dois estávamos sozinhos, a escola estava completamente vazia, no escuro. Meus passos ecoaram pelos corredores enquanto eu o seguia. Eu me senti como um infrator duplo e queria desistir, mas era tarde demais. Não sou supersticiosa mas juro que vi um gato preto pulando do telhado da segunda janela B. Foi uma má premonição e quando ele fechou a porta do escritório atrás de si e me encarou eu recuei e fiquei em silêncio. Não gostei do cheiro de suor que emanava. Não gostei da luz do escritório.

Machine Translated by Google

Eu não gostava da escola àquela hora da noite. Eu me senti tão estranho como se tivesse sido internado no pronto-socorro de um hospital. Tudo me era desconhecido, estranho, agressivo. E ele também era outro. Ele me olhava com as pupilas dilatadas e brilhantes e se adiantou tomando a palavra e soltando um monte de besteira. Ele me disse que era casado e que entendia que eu teria me apaixonado por ele, mas que não podia ser, que ele não podia me oferecer nada, que também me amava, mas que eu era um menor. Nesses momentos eu teria vontade de pular pela janela como o gato preto e me perder nos telhados. E então ele colocou a mão na minha perna, tão deslocada quanto sua voz e suas palavras, e começou a me acariciar, mas eu pulei, tremendo, e comecei a chorar. Eu não conseguia parar de chorar. Eu me senti muito frustrado. Jesus me abraçou e tentou me confortar, mas eu chorava cada vez mais. Eu estava desesperado.
E nesses momentos aconteceu a pior coisa que poderia ter acontecido. A porta se abriu e Remedios Comas, meu preceptor, o sargento, apareceu. Jesus me soltou abruptamente e meu choro parou de repente. E o grande Jesus se intimidou e a única coisa que lhe ocorreu foi dizer que eu o havia convocado porque queria lhe contar algo pessoal. Foi muito forte. Jesús, acusador, apontou para mim, repreendendo como uma criança: Foi ela, foi ela! Fiquei em silêncio e comecei a desprezá-lo. A tutora não disse uma palavra mais alto que a outra, mas sua secura impôs mais que todos os insultos do mundo. Eles me acompanharam até em casa. Nunca uma estrada me pareceu mais longa. A cada esquina, a cada semáforo, eu implorava para que ficasse verde e para que aquela provação acabasse. Lembrei-me da paixão de Jesus Cristo e dos passos de dor que eles dizem. Carreguei a cruz da vergonha por ter confiado em Jesus e por ter descoberto quem ele era. Deixaram-me em frente de casa com a ameaça, impossível de evitar, de um encontro na sala do tutor no dia seguinte.

Naquela noite não dormi. Desenhei mentalmente o escândalo e imaginei a reação da minha família. Eu não poderia adicionar mais um problema à minha vida. Eu não podia pagar. Então, no dia seguinte, chorei e chorei na frente de Remedios Comas e finalmente ameacei cortar meus pulsos. Funcionou e fui salvo. E no rebote salvei Jesus.

O miserável me disse secamente que não queria mais que eu falasse com ele porque tinha fama e família. Ele me deu as costas e nunca mais falou comigo, nem na aula nem nos corredores. Na segunda avaliação, reprovou na disciplina. Talvez eu merecesse porque havia

Machine Translated by Google

Perdi toda a motivação que costumava me encorajar a tirar A's.

Ele deixou claro para mim que se eu abrisse a boca ele me esmagaria sem problemas.

Ele era um covarde.

Machine Translated by Google

16. Salvador Lozano

O subinspetor Lozano teve que passar em casa para trocar de roupa. A chuva surpreendeu-o no auge da Gran Vía e Urgel, mas em vez de se refugiar num vão de porta como todos faziam, ficou plantado no meio do passeio, sob os plátanos, como um cuzão. Pensava no telefonema de Eva Carrasco e na surpresa que lhe causou sua frase enigmática sobre a possível visita de Pepe Molina. Desnecessário dizer que suas evasivas o intrigaram ainda mais. A princípio, acreditou estupidamente que Eva, talvez avisada pela família Molina, queria se despedir dele e agradecer a dedicação ao caso da amiga. estúpido. Ninguém agradece de graça. E pensando na voz de Eva Carrasco e no que ela escondia, mais do que no que ela dizia, molhou-se duplamente porque as folhas de bananeira da Gran Vía, pesadas com o peso das gotas, se curvaram e saíram da água do riacho. E ficou muito tempo no meio do caminho, boquiaberto e taciturno na chuva, como um tolo. O terno de casamento do filho está encharcado e a gravata de iridescência avermelhada tingiu sua camisa branca.

Depois de girar a chave na fechadura, ele tentou entrar sem sucesso. Sua esposa é uma policial melhor do que ele. Ele queria salvar a conversa e suas perguntas indiscretas. Você deveria ter pegado o guarda-chuva, ela o repreende de improviso. Como foi o último dia?, ele perguntou à queima-roupa. Muito trabalho? E ele deu a ela um beijo expectante, do tipo que inicia uma conversa. Ela estava usando o avental que usa quando cozinha. Ela não se preocupa em cozinhar para um ou dois, não é preguiçosa, está acostumada. Ela já assumiu que à noite jantará sozinha porque ele vai para a festa de despedida e não a convidou. Ele não quer que eu vá. Ele sabe que ela teria ficado empolgada e que, se tivesse contado a tempo, ela teria comprado um vestido e ido ao cabeleireiro de manhã cedo. O jantar de aposentadoria do marido, subinspetor dos Mossos d'Esquadra, teria lhe dado assunto de conversa antes e depois da festa. Um mês de sua vida, pelo menos. Uma ocasião para refrescar os comentários diários e fazê-los sair da rotina doméstica sobre o ponto do sal no feijão, o controle do colesterol e os dentes

Machine Translated by Google

curtiu o casamento do menino! Eles conversaram por um ano. Mas ele não a convidou e ainda não sabe bem por quê. Talvez ele não queira que ela, com seu olhar questionador, veja que ele acabou sendo encurralado e banido por algum universitário. Que os que o brindam, na verdade, sorriam para o novo patrão e que aproveitem a ocasião para se darem a conhecer e fazerem piadas, porque já não lhe dão a mínima. Ou talvez ele não quisesse que ela fosse porque realmente não quer se aposentar e ainda não digeriu que o jantar é em sua homenagem, porque sua vida profissional termina naquela mesma noite. Seja como for, ele irá sozinho. No entanto, ele ainda não sabe o que fará amanhã de manhã. Nunca pisou em uma academia, não joga cartas nem petanca e não tem nenhum daqueles amigos que saem nos fins de semana para comer um churrasco. Trabalhou demais e não teve sábados nem domingos para perder. Não o sente, mas na manhã seguinte parece-lhe um imenso vazio e recorda aquele trampolim na piscina municipal de L'Ametlla del Vallés onde às vezes ia quando era jovem, com os seus amigos do Civil Guarda, e que ele teve uma refeição moral. Ele subia as escadas, ia até a beirada, olhava a piscina, lá embaixo, bem longe, e descia de novo. Ele não foi capaz de lançar. Ele não é e nunca foi um homem impulsivo e executa suas ações com planejamento. Mas ele não quis planejar nada para o dia seguinte à sua aposentadoria definitiva. E agora sente a mesma vertigem de quando era jovem e meteu o nariz no abismo do trampolim de L'Ametlla, não ousando dar o passo irremediável rumo à aposentadoria.

Será lançado amanhã, diz-se. Em vez disso, eles vão empurrá-lo e você vai se molhar, goste ou não. Que remédio. Ele terá que aprender a ver a esposa sair de manhã cedo, a ouvir o tique-taque do relógio na sala, a comer um prato reaquecido na frente da televisão na sala de jantar e levar o lixo para fora à noite. E seu estômago dá um nó ao perceber que a vida passou muito rápido e ele não está pronto. Nem sua esposa. A nota suspeita. Logo vai invadir seu espaço, seu tempo, sua liberdade. Sua presença inútil o incomodará e ele não saberá onde sentar para não atrapalhar, como quando o varre e encurrala, encurrala, até que ele não tenha escolha a não ser abrir a porta e sair para comprar o jornal. Ela se sentirá controlada em suas idas e vindas, falando baixinho ao telefone para que você não a ouça, repentinamente culpada por falar demais e ter muitos conhecidos. Ela soube construir um cantinho no mundo que nunca vai acabar com um contrato de trabalho. ainda não tem

Machine Translated by Google

aposentado, mas trabalha até as quatro. As tardes são ocupadas com hidroginástica, café e bridge com seus amigos e familiares. Sua esposa controla escrupulosamente a vida dos filhos. Muitas noites ele fica tonto cacarejando como uma mãe galinha os agradecimentos do neto. E se ele já estiver engatinhando, e se a mamãe falar, e se ele colocar a colher na boca sozinho. E ele sempre tem fotos e mostra para ele. Olha, olha, tem o seu nariz. Pobre criança. Não seja burro, quando te conheci me apaixonei pelo seu nariz, e pensei olha esse nariz quanta personalidade. A esposa dele é assim, carinhosa, dedicada e mandona. Traz croquetes para as crianças na lancheira, qualquer desculpa para saber que séries de televisão assistem, o salário que ganham, as roupas que compraram nesta temporada ou os nomes dos amigos que os chamam. Mas ele o faz de boa fé e por isso sempre sabe o presente que lhes convém. Ela observa, cala a boca e aponta. Eu teria sido um excelente policial.

Temos que comprar para eles um espremedor de frutas, que eles não têm, umas toalhas novas, as velhas são nojentas, um carrinho para a criança, o outro quebrou... A esposa mantém contato com amigos e familiares e isso é um fogo que sempre queima Ele fica sem calor durante a noite e permanece congelado e no escuro.

Ele está assustado Sim, apavorado é a palavra, e lamenta não o ter previsto a tempo e não ter traçado uma estratégia. Caso Lozano: como ocupar as horas mortas de um dia de vinte e quatro horas cheias de sessenta minutos cada. Como dar sentido ao que não tem. Como superar a frustração de todos os casos não resolvidos. E para no ponto três. É o que mais dói. É por isso que você não está pronto para a aposentadoria, porque ainda não terminou o trabalho.

Parece uma desculpa, mas seu trabalho nunca termina, ele diz a si mesmo com amargura. E entre todos os casos, destaca-se o de Bárbara Molina, que de repente começou a vislumbrar de outras perspectivas, fazendo a si mesma perguntas que nunca havia feito a si mesma, e que é revivida, de surpresa, por um misterioso telefonema de seu melhor amigo da menina

Surpreendentemente, porque ele não esperava, o celular toca novamente. Ele responde imediatamente sabendo que no dia seguinte não tocará mais. É Lladó, um bom menino. Sim? Eu já resolvi patrão, eu mesmo já fiz, de cara, por ligação, já me fiz passar por diretora de escola que se interessou em contratar seu filho. Eles me explicaram tudo ponto a ponto. Lozano está orgulhoso do menino que treinou tão bem. E que? Bem, essa é a pura verdade. Que o pai, Ramón López, um

Machine Translated by Google

agricultor de Mollerussa, que agora tem setenta e um anos, está morrendo e tem pouco tempo. Jesús López vai vê-lo todas as manhãs, pois agora trabalha à noite em uma academia. Lozano suspira. Outra pista errada. Bem, obrigado. De nada, e se quiser algo mais, estou à disposição. Peço desculpas porque não poderei vir jantar e queria lhe dizer que odeio ir embora. O subinspetor Lozano finge ser muito frio e o desculpa. Estou começando uma nova vida, garoto, você deveria me parabenizar.

Bem, parabéns, Lladó deixa escapar, talvez animado. E desligue.

O subinspetor Lozano suspira enquanto abotoa a camisa amarela.
Bom menino esse Lladó. Ele sentiu que não quer sair e está certo. Ele está sendo uma criança procurando empregos de última hora. Além disso, ele ofereceu de forma fraudulenta seu telefone celular a Eva, em vez de dizer a ela para entrar em contato com Sureda. Ele o fez mesquinhamente. Ouviu-se que Eva queria lhe dizer algo e ela não queria forçá-la, mas ela agiu como sempre, deixando uma porta aberta para a confidencialidade. O problema é que ele não tem mais a chave daquela porta e trapaceou. Na manhã seguinte, ele não estará mais na delegacia, mesmo que se recuse a sair do caso e queira continuar assumindo o cargo. Ele suspeita que a ligação de Eva não seja gratuita e que seja justamente a ligação que ele espera há quatro anos. Ele aprendeu a discernir as vozes que escondem as coisas e as vozes que tentam dizer algo, mas não ousam. Você tem que ser cauteloso. Se ele a tivesse bombardeado com perguntas, certamente a teria assustado para que recuasse imediatamente. Ele ligou para Pepe Molina assim que entrou na entrada do metrô, mas seu celular estava fora de alcance. Se ele não tiver notícias suas, tentará novamente mais tarde, diz a si mesmo.

Talvez Eva soubesse mais do que disse e o caso finalmente começasse a se mover em alguma direção. E ele sente as cócegas das intuições que sobem como um pouco de calor por seu corpo e deixam suas orelhas vermelhas.

Tem certeza que está usando a camisa amarela?, comenta a esposa, franzindo a testa. O que acontece com o amarelo? O que traz azar. Ou você não se lembra que os atores nunca usam amarelo? Incomoda-o que agora que ele o abotoou, sua esposa vem e o faz trocá-lo. Eu não sou um ator, ele responde. Ela não desiste. Molière morreu de amarelo, ele comenta casualmente antes de se virar. É por isso que os atores evitam subir no palco com essa cor, acrescenta ele para deixar o prego na cabeça.

O subinspetor Lozano se olha no espelho e, teimoso como só ele, acha que o amarelo lhe favorece. Ao colocar o

Machine Translated by Google

americano e verifica sua carteira, ele se pergunta onde diabos sua esposa conseguiu todas essas bobagens *do Readers Digest* que ela esfrega em seu nariz quando quer mordê-lo. Talvez seja sua forma de se vingar por não tê-la convidado para jantar, diz a si mesmo antes de abrir a porta para sair e dar-lhe um beijo de despedida.

Não é supersticioso. Policiais que brincam com a vida e a morte não podem acreditar em tais absurdos. Se o fizessem, não sairiam de casa porque passariam o dia inteiro tentando não pisar nas listras das telhas e não olhar pelas janelas para não ver gatos pretos passando nos telhados.
Ele só precisava que eu o cutucasse no olho com a camisa amarela, ele bufa no elevador, bravo, agora sim, porque sua roupa impecável não está mais tão impecável quanto ele pensava e ele sabe que vai passar parte do jantar se perguntando sobre a inconveniência de usar amarelo no dia de sua dispensa do trabalho. Tente esquecer o incidente e volte para Bárbara Molina e sua premonição. E sua cabeça esquenta no elevador, quando cumprimenta o do último andar, um informante de Bilbau recém-chegado a Barcelona que está levando seu cachorro para passear. Ele se pergunta sobre o cachorro de Bárbara. Iñaki e Elisabeth deram a ela em seu décimo aniversário, no verão de 2000. Ela o viu fotografado como um cachorrinho nos braços de uma emocionada Bárbara. Recorda-se de ter olhado longamente para aquela fotografia, fascinado pela forma como a menina acariciava o cão, como o beijava, e também pelo olhar do tio Iñaki que a câmara de Elisabeth captava com a mesma precisão que a alegria de Bárbara. Uma fotografia perturbadora, estranhamente perturbadora. A menina, o cão e o tio numa praia cantábrica. As ondas furiosas atrás dele e algumas nuvens ameaçadoras no horizonte que talvez previssem o que estava para acontecer. Não contribuiu em nada, mas por vezes as fotografias falam e na ternura e no carinho quase sensual da Bárbara acariciar o cãozinho e na devoção franca do tio havia uma mensagem escondida que nunca desvendou. Nuria Solís disse que o cachorro trazia muitas lembranças de Bárbara e Pepe Molina o levou para a casa dos Montseny. E novamente, sem interrupção, as perguntas aguardam na fila. Por que Bárbara Molina foi para Bilbao? O que você esperava de seus tios? Que relação ele manteve além das declarações de um e do outro? Quem notificou Elisabeth Solís e Iñaki Zuloaga?, perguntou-lhe Sureda nessa tarde. Se o celular deles estava desligado ou fora de alcance, como e quem ligou? A pergunta que se segue é se chegaram mesmo às Ilhas Cíes. Honestamente, não

Machine Translated by Google

Eu poderia colocar minha mão no fogo porque eles não fizeram nenhuma verificação. Eles não tinham como fazer isso. Eles acreditaram neles, ponto final. E nesses momentos começa a surpreendê-lo que alguém possa ser indetectável por tanto tempo. Bárbara desapareceu na terça-feira, pegou um ônibus e na quinta-feira sacou dinheiro em Bilbao e os vizinhos a encontraram batendo na porta do apartamento de Zuloaga, desesperada. Isso significa que ele passou dois dias inteiros tentando entrar em contato com seus tios.

Eles verificaram suas ligações nos celulares de Elisabeth e Iñaki. Mas e se Bárbara, como sugeriu Sureda, tivesse outro telefone? Um erro, porque o que assobia insistentemente em seus ouvidos é a possibilidade de que Bárbara os tenha localizado. Porque não? É uma probabilidade como qualquer outra, é um bombardeio. A menina liga para o celular deles, eles dão meia-volta e voltam para Bilbao, os três se encontram, a colocam no carro e a levam para casa. Depois, não sabe para onde ir a seguir, não sabe quais seriam os motivos dos tios para um crime deste tipo, embora os piores crimes sejam cometidos nas melhores famílias, ele sabe muito bem. Pepe Molina tinha argumentos contra os Zuloagas e um pai pressentia os perigos que os filhos corriam. Lozano abre a porta do elevador e deixa entrar o morador de Bilbao que inspirou suas elucubrações. Ele está alucinado com o que acaba de lhe ocorrer. Isso pode significar que Iñaki e Elisabeth, ou um dos dois, são o terceiro suspeito do caso. E desta vez é como se o nevoeiro de Lérida tivesse desaparecido com o primeiro raio de sol da manhã e lhe oferecesse um caminho para percorrer e seguir em direção à cabana salpicada de sangue, à bolsa abandonada e aos sinais inconfundíveis da violência.

Eles investigaram o casal Zuloaga, mas, para ser sincero, não muito.

Eles eram o fim da estrada que Bárbara nunca alcançou. O motivo da fuga era óbvio, vindo de trás, de Barcelona, dos pais, do namorado, da professora, das amigas. E então, você recupera o fôlego, porque pela primeira vez em anos você pode pensar em uma nova direção e ver as coisas de uma nova perspectiva. Exatamente de um novo ângulo.

Qual era sua relação com seus parentes em Bilbao? O que representava para ela a família com quem ela passava os verões quando criança? Por que Pepe Molina brigou com Elisabeth Solís? E com Iñaki Zuloaga? Por que Bárbara Molina deixou de sair de férias com os tios depois dos treze anos? Ele está animado, está em um momento doce, conhece esses momentos maravilhosos, que são como se um jato de óleo tivesse caído no chão

Machine Translated by Google

mesa e milagrosamente as peças enferrujadas do quebra-cabeça se encaixaram. Ele sabe que se for paciente e gentilmente empurrar aqui e ali, tudo fará sentido e se tornará inteligível. Ele sente que está mais perto da verdade do que há algumas horas. Ele pega o celular e descaradamente confia a última tarefa a Lladó. Lladó?, com licença, rapaz, uma última verificação. Quero saber se os Zuloagas entraram e saíram do porto de Bilbau nos dias que declararam, se existe alguma forma de verificar a sua rota de navegação e um registo das chamadas recebidas nos seus telemóveis de terça a sexta-feira para detectar se há algum chamadas repetidas, insistentes ou sem nome. Lladó fica em silêncio do outro lado do celular enquanto mira. Mais alguma coisa, chefe? Lozano está inspirado. Sim.

Entre em contato com o veterinário Molina e pergunte sobre o cachorro de Barbara. Quantos anos ele tem, que raça, se tinha chip, a relação com a menina, tudo que você sabe sobre o cachorro. Llado dá um assobio. Dá muito trabalho patrão, e o curtinho. Não sei se conseguirei terminar antes do meio-dia. Lozano já sabe. Não importa, me ligue quando tiver e eu direi a Sureda. Ok, bem, agora vou continuar, conclui um animado Lladó.

Lozano fica com o celular pensando que é bem difícil justificar logicamente uma intuição absurda. O cão é um elemento novo, mas é um elo com o Zuloaga. Ele não sabe por que quer puxar a corda do cachorro. Às vezes, as maiores estupidez o levaram à verdade.

Você sabe, é um gato velho.

E de repente, ao sair para a rua, pisar no asfalto e receber no rosto uma baforada de fumaça preta do escapamento de um ônibus que está dando a partida, ele murcha. O tempo. Você está ficando sem tempo. Já não tem tempo e Sureda não vai dar atenção ao cão nem aos Zuloagas.

Ele está condenado a viver o resto de sua vida com dúvidas permanentes.

Machine Translated by Google

17. Núria Solis

Nuria Solís passou muito tempo conversando ao telefone com sua irmã, Elisabeth. Ele liga para ela todos os dias. Tornou-se um hábito que ele costumava compartilhar com sua mãe. Ele não aceitou totalmente a morte dela, de câncer, sete anos atrás, mas o conforta pensar que foi poupado da provação do desaparecimento de Bárbara. Em um tempo não muito distante, ela foi mãe de Bárbara e filha de Teresa ao mesmo tempo. Agora ela é órfã de mãe e filha e não fala mais, apenas ouve Elisabeth, sua irmãzinha, que lhe dá conselhos e lições e conta sobre sua vida cheia de amizades, desafios, amor e futuro. Nuria cala-se e escuta, escuta sempre porque a voz de Elisabeth é uma colher de doce de calda, com sabor de infância, um eco dos verões em que subiam aos picos de Montseny e comiam melancia debaixo das vinhas da quinta enquanto o sol aquecia as azinheiras, desde quando ouviam os grilos cantar e o avô tocava canções de Nat King Cole. Um pouquinho, um pouquinho, meu pouquinho. A voz de Elisabeth aquece-lhe a alma, ainda que na terra onde vive não se veja muito sol. Acredite, é do que mais sinto falta, confessa-lhe. Elisabeth é habilidosa e consegue arrancar as breves respostas uma a uma, como fazia antes com os pelos das sobrancelhas de Bárbara. Só esse, esse e pronto, Barbi, e ela ia tirando com artimanhas e artimanhas porque eles se juntavam no meio da testa e a deixavam feia. Nuria por vezes resigna-se aos caprichosos interrogatórios de Elisabeth. O que comeu hoje? Você ainda toma Diazepan? Você dormiu as seis horas que eu te disse? Já experimentou a máscara? Mas às vezes ele se cansa e a manda fritar aspargos. Como hoje, quem não teve paciência. Você não se ama, Núria, a irmã a repreende. Você tem que se olhar no espelho, você tem que ter uma vida própria. Pense em algo que te emocione, uma viagem com os gêmeos, uma peça de teatro, sei lá, algo que te motive. Quando Elisabeth entra no território dos slogans e conselhos de manuais de autoajuda, ela procura uma desculpa para desligar e se salvar da briga. Elisabeth é assim, simples e cartesiana, diz a si mesma para se desculpar, acredita que as fórmulas para viver são infalíveis e que tudo se resolve com projetos de trabalho, viagens exóticas e jantares pela madrugada. Ele a perdoa porque ela é jovem, ingênua e inocente e na realidade, embora ela acredite o contrário, ela não

Machine Translated by Google

cama. Ele não sobreviveu à devastação da quimioterapia, à perda da sanidade, ao medo em seus olhos diante da iminência da morte. Elisabeth chegou em coma, ela chorou e disse que não aguentava. E carregou nos ombros a morte da mãe e o sofrimento da irmã. Isso se chama transferência. Elisabeth transferiu sua dor para ela e ela aceitou e carregou nas costas. Talvez a dor acumulada pese e acabe esmagando a resistência de qualquer um. Por isso ela se apega à terra e chora e afunda enquanto Elisabeth flutua voando entre as nuvens, e a terra, de longe, lhe parece um brinquedo. Elisabeth se poupa da dor e vive em permanente assepsia de eterna juventude. Sem filhos, sem pais, sem responsabilidades. Brinque de namorada querida, garota de gangue, tia fofa, estudante travessa, aventureira de verão. E está indo bem. Por isso não mede as palavras e de vez em quando passa na língua e deixa cair palavras envenenadas que correm nas veias, como um câncer maligno, até atingirem o coração e o matarem. Como quando ele contou a ela sobre Barbara.

Palavras afiadas como facas que a machucaram tanto que ela passou dois meses chorando, se recusando a falar com ela, sem atender o telefone, sem explicar a ninguém. Até que Elisabeth apareceu em sua casa arrependida por ter falado, pediu seu perdão e implorou para que o esquecessem. Ele a perdoou no meio do caminho e não esqueceu. Foi uma pílula amarga que aconteceu sozinha, como sempre.

Núria entra no duche. Ele precisa de água para se refrescar e acordar do entorpecimento dos comprimidos. Ela tem que fazer o jantar para os gêmeos, pensa enquanto se despe. Pepe não está, por isso vai aproveitar para cozinhar uma batata com legumes, vagens e ervilhas na panela de pressão e uns peitos de frango empanados que descongelou na noite anterior. Ela não cozinha mais, só cozinha coisas fáceis e rápidas. Os três vão jantar com a TV ligada, na cozinha, para que o silêncio não seja tão pesado. E então ele vai pegar o paletó e a bolsa como todas as noites e vai trabalhar na Clínica e durante as dez horas de plantão tudo ficará em *stand-by.*

Enquanto ela fica no chuveiro e deixa a água escorrer pelo corpo e lavar a tristeza, parece-lhe que o telefone está tocando. Mas ele não vacila. É igual. Mais tarde ela saberá quem ligou, agora que está no banho e lavando os cabelos com um xampu com cheiro de maçã fresca, ela se sente limpa, revigorada. Bárbara também entrou na banheira quando disseram que ela estava mal. Achei que ficaria bom. Eles sempre disseram a ela que ela era má e isso ficou com ela como um rótulo desde muito jovem. não sei quem

Machine Translated by Google

começou ou como, mas Bárbara nunca foi inocente e ingênua como Elisabeth, que quando criança engolia tudo. Ela era doida e foda, falava com segundas palavras, batizava todo mundo com apelidos e trapaceava nas cartas. Isso é sujo, disse-lhe Pepe, sempre tão rigoroso. Você é má. E Bárbara entrava na banheira e implorava para ele ensaboar a cabeça dela para não sujar. Ele ainda não distinguia entre ser e estar. Tudo estava no mesmo pacote. Lady Macbeth, como Eva a apelidou, mais intelectual, quando ficou obcecada por tomar banho. Quando adolescente, era uma loucura. No ano passado, antes de desaparecer, ele passou horas debaixo d'água e trocou de roupa até três vezes ao dia. Um semestre eles pagaram uma conta astronômica e Pepe enlouqueceu. Bárbara, sai do duche, não estás suja!, gritava-lhe Núria quando Pepe não estava, da porta da casa de banho. E o que você sabe?, Bárbara respondia sarcasticamente. Você não sabe nada. Bárbara era má e não tinha autorização.

Os únicos que negaram essa versão foram sua irmã e seu cunhado, talvez por isso ela os preferisse. Sim, ele admite. Por um tempo ele teve ciúmes de Elisabeth e Iñaki. Ela estava magoada com a irmã. Quando os gêmeos nasceram, num abafado mês de junho, levaram Bárbara de férias para lhe fazer um favor, ela tinha apenas quatro anos. Ela voltou apaixonada pelos tios e os verões no norte se tornaram um hábito. Bárbara passou o mês de julho com Elisabeth e Iñaki. Não tinham filhos, eram mais novos e estavam de férias escolares. Tinham todo o tempo do mundo para Bárbara e iriam velejar com o veleiro. Iñaki ensinou-a a nadar, a pescar e a boiar, e Bárbara aprendeu os segredos do mar. No fundo do mar existem montanhas e penhascos muito, muito profundos, explicou-lhes ao regressar. Você sabia que se você pegar uma água-viva com a mão, ela não vai picar você? Núria ouviu-a boquiaberta. Sempre viveu de costas para o mar. Ela era uma mulher da montanha que havia escalado o Puigmal, o Pica d'Estats e o Aneto. Ele sabia como colocar crampons, enfiar um machado de gelo, amarrar-se e descer uma parede de rapel . Mas o mar o aterrorizava.

Ela sentiu que era muito grande e estava preocupada em nadar em mar aberto, temendo que algum inseto desconhecido se enroscasse em suas pernas ou a atacasse. Bárbara era muito mais corajosa que a mãe e tinha um pé em cada mundo. Subia as rochas em agosto e em julho mergulhava nas profundezas do mar com os olhos bem abertos e a curiosidade que Iñaki conseguia transmitir-lhe. No dia em que ela pegou uma moreia com um arpão e a tirou da água sozinha, ela ligou para eles animada e os manteve no telefone por uma hora dando-lhes

Machine Translated by Google

algumas explicações que fariam qualquer documentário de La 2 sobre a vida das morenas empalidecer de inveja. Nuria poderia ter escrito uma tese de doutorado. Iñaki vibrava de entusiasmo. Essa garota é um diamante bruto! Raramente se viam, mas se amavam. Era óbvio. As comparações eram odiosas e Bárbara frequentemente os comparava aos tios e isso, aos poucos, foi minando o relacionamento porque, sem admitir totalmente, Núria sentia ciúmes por não ser tão fresca, legal e jovem quanto a irmã e por temer que Bárbara fosse uma. dia logo escolheria Elisabeth como confidente enquanto ela permaneceria à margem, transformada em uma mãe severa e chata. Pepe, claro, nunca se divertiu nem um pouco com aquelas férias no mar e contou uma a uma os perigos de ter Bárbara longe de casa por um mês. Sua irmã e seu cunhado não podem colocar um maiô nela?, gritou a princípio, irritado com o bronzeado da menina. Você tem que mostrar sua bunda ao redor do mundo? Mas o maiô que ela discretamente pediu a Elisabeth para vestir não ajudou em nada. Esta rapariga volta selvagem, dizia Bárbara quando voltava do norte, mais desbocada, mais rebelde, mais espontânea, como se o espírito da França revolucionária que muitas vezes visitavam no veleiro a tivesse contagiado. A tempestade, no entanto, terminou com a puberdade. Aos doze anos, Bárbara já tinha a mesma altura que ela e, apesar da magreza, os seios pequenos e redondos começavam a se destacar e sombrear o púbis. Nem ela nem Pepe estavam preparados para essa mudança repentina e precoce. A explosão hormonal de Bárbara precipitou tudo, e o que até então Pepe consentira por ser uma menina transformou-se numa catástrofe que caiu sobre ele como uma bomba. Acabou-se. Nunca mais, ouviu bem!, gritou Pepe no verão em que Bárbara, de doze anos, voltou de Bilbao. Não quero que minha filha participe de orgias. Nuria pensou que não o tinha ouvido bem. Orgias?, repetiu ela, incrédula. De que orgias você está falando? E Pepe, apocalíptico, levantou-se e acusou-a com o dedo indicador. Sua irmã e o marido a levam para ficar bêbada e nua na praia na companhia de uma gangue de degenerados! Nuria lembra-se bem daquela frase rebuscada e expressamente demagógica. Ele se lembra porque ficou com ele. Mas ela não lembra pelo valor da frase em si, o que a surpreendeu é que o homem com quem ela se casou soube elaborá-la, acreditar nela e dizê-la. Ele tentou se acalmar e colocar as coisas em seus devidos lugares. Não podia deixar que Pep

Machine Translated by Google

As palavras acabam dando sentido ao que não tem. Degenerados são seus amigos, colegas de faculdade, famílias com filhos, homens e mulheres adultos, professores. Não andam nus, andam nus porque são praias de nudismo, praticam naturismo, todos menos a Bárbara porque tu proibiste. E eles bebem cerveja como você e eu porque levam sanduíches para a praia e comem juntos. Que mais? Ele a soltou como uma metralhadora. Ah sim! As drogas. Talvez alguém, ao entardecer, fume um baseado. Iñaki faz isso, não nego, também fiz uma vez quando era jovem, mesmo que incomode, acrescentou. Pepe contra-atacou, cego de raiva.

Eu não dou a mínima para o trabalho que eles têm e o dinheiro que eles ganham, eles não têm moral, eles não têm ética e Bárbara é mulher mesmo que ela não saiba e você não queira ver. Você não tem olhos no rosto? Eles fazem, e bem, eles examinam de cima a baixo e talvez tirem fotos e tudo mais. Não quero que minha filha vá para uma praia cheia de gente safada que ensina tudo ou veleje sozinha com um homem pelado que usa drogas e olha demais para ela. Eu não confio! Nuria Solís teve de se sentar e abanar-se com a vergonha que lhe surgiu no rosto. Ela era forte demais para suportar a chuva de acusações que caíam sobre ela, porque o homem degenerado e antiético, Iñaki, era seu cunhado, e Elisabeth, a mulher desagradável que ensinava tudo, sua irmã. Quase os únicos parentes que tinham, já que Pepe não falava com seus pais ou com seu irmão há anos. Eles o trataram muito mal, disse ele, e ele decidiu cortar suas perdas e ficar longe deles. E agora ele pretendia fazer o mesmo com sua família? Não isso, ela exigiu de repente encorajada.

Peça desculpas por dizer essas bobagens sobre Iñaki. eu não vou, ele ficou teimoso Pepe. Iñaki não é quem você pensa, eu vi como ele olha para minha filha e posso garantir que ele não a vê como uma menina. Nuria Solís acabara de enterrar a mãe há apenas quatro meses, mas a situação daquela noite era muito pior. Era o primeiro relâmpago anunciando uma longa tempestade, a adolescência de Bárbara e as profundas divergências com o marido. O escândalo teve um final muito desagradável. Bárbara!, gritou Pepe.

Venha aqui imediatamente!

Bárbara, assustada com o tom de voz autoritário do pai, apresentou-se sem questionar. E então Pepe fez algo que ela sempre lembrará. Agarrou a camisola de Bárbara e rasgou-a violentamente de alto a baixo, expondo os seios pequenos e morenos e o púbis sombreado. Toda ela bronzeada de cima a baixo, nem uma única marca de maiô em qualquer lugar.

Machine Translated by Google

Dê uma boa olhada nela! Você a vê agora? Você se dá conta? Bárbara se cobriu de vergonha e começou a chorar, não foi muito difícil para ela. Todo mundo estava nu, só eu tinha que usar maiô e isso me dava raiva, ela choramingou. Quantas vezes você foi velejar sozinha com Iñaki?, Pepe a questionou amargamente. Não sei, não me lembro, Bárbara gemia sem saber para onde iam os tiros ou qual era o crime de que era acusada. Veste o pijama e vai para a cama!, ordenou Pepe, depois da sua exibição estelar e tremenda.

Naquela noite, Nuria jogou a toalha e admitiu que não via bem. Ele havia borrado as coisas e talvez Pepe, muito mais paranóico, fosse o contraponto de sua cegueira. Ela nunca acreditou que as viagens de barco com Iñaki tivessem um quê de morbidez, mas ver Bárbara nua no meio da sala de jantar, com aquela camisa branca rasgada e a estranheza de seus olhos cor de mel, permitiu-lhe visualizar um quadro de erotismo infantil que seduz aos pervertidos Uma mulher tão terna, tão bonita, tão ingênua sem querer.

Ela chorou sozinha, no sofá. Ela dormia sozinha, no sofá. E na manhã seguinte, com os olhos vermelhos e a decisão tomada, disse a Pepe que Bárbara não iria mais para o norte em nenhum verão, mas que não romperiam relações com a irmã e o cunhado em hipótese alguma. Ela inventaria uma desculpa que soaria natural. Era a única família que tinha e não queria perdê-la. O que veio a seguir, no entanto, foi muito pior. Era a confirmação de que as coisas com Bárbara estavam dando errado e que ela não tinha coragem de resolvê-las.

Aconteceu na primavera seguinte, quando ele decidiu contar a Elisabeth que Bárbara não passaria as férias com eles. Ele estava atrasando o momento para não ter que mentir. Ela não sabia como seria aceita a versão que inventara sobre a necessidade de Bárbara de estar com seus pais e irmãos. Ele evitou entrar em detalhes grosseiros. De fato, Elisabeth, ao saber que eles tinham outros planos para Bárbara, levou a sério e ficou presa em uma frase enigmática. Se você diz isso por causa do que aconteceu, já esquecemos. O que aconteceu?, perguntou Nuria, subitamente curiosa.
Vamos, mulher, nos conhecemos, respondeu Elisabeth picada. Você sabe exatamente do que estou falando. Não, não sei do que estás a falar, a Núria deixou bem claro. Bárbara te contou, certo? Bárbara não nos contou nada, disse Núria, definitivamente intrigada. E por que você mudou de ideia?, Elisabeth deixou escapar. Núria ficou nervosa. Não sei do que você está falando Elisabeth, por favor seja mais clara. você realmente não

Machine Translated by Google

disse alguma coisa Bárbara? De verdade. Bem, então não preciso falar com você sobre isso. E então foi Nuria quem explodiu. Por favor, diga-me imediatamente o que aconteceu! Está tudo bem, a irmã concordou resignada, como se o obrigasse a dizer coisas que não queria ouvir. Mas isso foi há muito tempo e talvez não devêssemos deixar as coisas fora de controle.

Elisabeth, vomite já e não se desculpe mais! E Elisabeth falou com uma vozinha recatada e medrosa. Certa noite, há quatro anos, quando Bárbara tinha nove anos, voltamos muito cansados de velejar. Iñaki tomou banho antes de mim e foi para a cama; Eu, acreditando que Bárbara já estava dormindo, lavei a cabeça com calma. Saindo do chuveiro, eu congelei.

A Bárbara deitara-se na nossa cama e estava, estava... Estava o quê?, interrompeu-a Nuria Solís, angustiada. Ele estava fazendo coisas estranhas, Elisabeth disse suavemente, percebendo de repente que não sabia como explicar o que via. Que coisas estranhas? Fala claro, Elisabeth, se não falares claro não nos entendemos, exigiu Núria. Lembre-se de que Elisabeth teve dificuldade em dizê-lo porque não conseguia encontrar as palavras, mas ela as encontrou. Eu estava seduzindo Iñaki.

O quê?, ele gritou. Como uma menina de nove anos pode seduzir um homem adulto? Você ficou louco? Elisabeth do outro lado pediu para ele se acalmar. Por favor acalme-se. Você me perguntou e eu tentei responder, mas não é fácil. O que exatamente ele estava fazendo?, perguntou.

Nuria Solís está prestes a se afogar. Que dizia? A voz de Elisabeth falhou.

Ele disse que o amava muito e o tocou. As pernas de Nuria Solís tremeram naquele dia. Ele teve que se sentar. Vejamos, você está me dizendo que uma garota que abraça o tio e diz que o ama muito o está seduzindo?

Sim, Elisabeth afirmou categoricamente. Você não a viu, acrescentou, deixando claro que não ia dar mais detalhes, mas que o que seus olhos viam era intraduzível em palavras. Nuria engoliu em seco e ousou perguntar: E Iñaki? Iñaki pegou sua mão e disse que não, isso não foi feito. Nuria Solís ficou estupefata, sem saber o que pensar, em quem acreditar, o que imaginar. Ele imaginou muitas cenas sórdidas e instantaneamente as apagou de sua cabeça. Não é verdade!, disse de repente. Não é verdade o que você me diz. Elisabeth a defendeu. Ele nunca mais fez isso, eu juro, eu teria visto em um filme, ele deve ter entendido errado como amar alguém, sabe, sexo por amor, uma confusão. Nós não nos importamos, realmente. E por que você não me contou? E por que ela não me contou? Por isso, ele se defendeu

Elisabeth, para não dar mais importância, para não fazermos um problema bobo.

Bobagem?, explodiu Nuria Solís. Em que

Machine Translated by Google

vamos ficar? Elisabeth, contra as cordas, terminou de cantar. Estávamos pensando se era necessário explicar e levá-la a um psicólogo, mas julgamos que não, não queríamos preocupá-la ou criar culpa nela. Era uma menina. Núria lembra que dias depois olhou para Bárbara com olhos temerosos porque as palavras de Elisabeth envenenavam seus pensamentos e a faziam descobrir uma mulher sob a pele de sua filha.

Uma mulher estranha, distante, sensual que escondia coisas dela, que tinha segredos que ela desconhecia. Ele ficou obcecado a ponto de ter medo de perder o oremus e enlouquecer. Em vez de Barbara, ele viu um monstro.
Até que ela disse chega e se convenceu de que não era verdade e que Elisabeth havia inventado isso como vingança. Ela mentalizou que nunca tinha ouvido as palavras de Elisabeth e que a história sombria que sua irmã meio lhe contou e que ela não tinha visto não aconteceu. Ficou feliz com a sábia decisão de Pepe de cortar relações de Bárbara com os Zuloaga e nunca discutiu isso com ninguém, nem mesmo com o subinspetor Lozano. No entanto, neste ponto, ele ainda não foi capaz de assimilá-lo.

Como tantas coisas.

Nuria Solís enxuga o corpo com a toalha até a pele ficar vermelha.
Quando ele se lembra desses episódios do passado, fica tão irritado que quer se machucar. Uma vez, por puro desespero, ele bateu a cabeça contra a parede.
Ela teria continuado se não fosse por Pepe impedi-la. Você está louca?
Você quer se matar?

A morte deve ser doce, ele às vezes pensa.

Machine Translated by Google

18. Bárbara Molina

O celular queima em minhas mãos. Não sei o que fazer.

Apaguei a ligação da Eva, não existe mais, e quando ela chegar eu falo aqui, você esqueceu o celular, mas não se preocupe, não consegui ligar porque não tem cobertura. Experimente você mesmo, se quiser. Não vale a pena, penso seguinte, não vale a pena contar mentiras. Não sei o que está acontecendo lá fora, não sei com quem ele está falando, o que está no controle e o que não está. Só sei que estou nas mãos dele e que quando ele voltar vai adivinhar tudo e me matar.

Não estou mais com fome, engasgo e meu estômago revira só de pensar no que vai cair sobre mim. Eu sei que é o medo de morrer. E também sei que a única forma de superá-lo é olhá-lo no rosto e levantar a cabeça, como os condenados à guilhotina que subiram no cadafalso em pé e antes de perder a cabeça gritaram "Vive la France" . Jesus disse que às vezes as cabeças rolavam em direção ao cesto enquanto falavam e que isso acontecia porque o sangue ainda circulava e permitia que as ordens que o cérebro havia dado fossem executadas. A guilhotina sempre me aterrorizou, embora digam que é uma invenção moderna, muito humana, porque proporciona uma morte doce e rápida. Isto, claro, é uma afirmação teórica, é comentada por quem não morreu e dizem por ouvir dizer, sem nunca terem pedido a opinião de um cadáver dilacerado. Que tal a morte? Tem sido rápido? Você tem sofrido muito? Quem sabe se os olhos continuam a ver e o cérebro continua a pensar e se não dói como dizem os espertos ou dói morrer. Eu tenho um resfriado. Aqui não há machados nem guilhotinas que possam separar minha cabeça do tronco. Melhorar. Ele vai me matar com a arma como matou Bruc na minha frente. Agora você vai ver o que pode acontecer com você se você se preparar... E pelo seu tom de voz eu sabia que ele estava falando sério. Não pude abraçar Bruc uma última vez. Ele também não sentiu o cheiro do que estava esperando por ele alguns segundos depois, embora eu me lembre dele lambendo a mão e abanando o rabo. Ouvi o tiro de olhos fechados e não chorei, mas pedi para ele tirar, porque não queria vê-lo morto. Limpei seu sangue do chão, guardando sua última imagem para mim, e me despedindo em silêncio, sem alarde. Ele fez isso para me mostrar que poderia me matar como um cachorro se fosse necessário, que sabia atirar e que o revólver, um Smith & Wesson .38, era real. Talvez as balas me machuquem mais, mas não

Machine Translated by Google

eles vão repelir Presidiários corajosos também olham para as armas apontadas e alguns até pedem para remover a venda e gritar algo bom antes de morrer. Não terei uma morte como as que Goya imortalizou. Não morrerei pela Independência, nem pela República, nem pela Liberdade. A minha será uma morte inútil.

Pois bem, digo a mim mesma, se fizer o que faço vou morrer, vou me vingar dele primeiro. E sinto como as cólicas estomacais relaxam e param de me atormentar. Tive uma boa ideia. Eu vou jogar com ele. Ele também tem medo, às vezes leio em seus olhos. Eu olho para o meu telefone, de repente animado. Vou esconder o celular dele e fazê-lo sofrer até encontrá-lo. Frio, congelado, frio, quente, opa, frio de novo. Quente. O que você queima? Se eu penso. Vê-lo de quatro fazendo papel de bobo e tateando com a mão suja debaixo da cama será minha vingança. Então vou rir um pouco antes de ir para o outro bairro. E de repente uma ideia melhor me ocorre. Já o tenho!
Vou blefar e dizer que chamei a polícia, expliquei tudo a eles e eles chegarão a qualquer minuto. E a todo momento vou fingir ouvir barulhos e sussurrar: Que pena, já é tarde, você foi pego, agora você se enganou. Depois de me matar, você terá que atirar em si mesmo. Isso funciona, sempre funcionou para mim. Olhe-o nos olhos e diga-lhe: não tenho medo de morrer. Mas isso não importa. Suspirar. Ele encontrará uma maneira de irritar meus últimos momentos e tornar minha morte amarga. É aquele porco. Sempre foi.

Deixo o telefone na cama, decepcionada. tenho desinflado.
Não vale a pena comer o pote. Estou em suas mãos e não tenho escapatória. Por isso não abri a boca, porque ele é um farsante disfarçado de boa pessoa e sabe de tudo. Mamãe não teria acreditado em uma palavra minha e decidi que não valia a pena explicar a ela porque isso pioraria tudo. Antes, porém, coloquei à prova. Eu o deixei descobrir as coisas e, assim como eu esperava, ele se fez de bobo e desviou o olhar. Ela era uma covarde e eu não podia confiar nela. Ele me encontrou as pílulas. Ele era estúpido o suficiente para acreditar que eles estavam ali por acaso? Não. Eu estava colocando em uma bandeja de prata para que ele notasse. Mas quem não quer ver não olha.
Ela não olhou muito para mim no dia em que viu meu corpo cheio de hematomas e as feridas em meus braços que eu me infligi para apaziguar a dor que sentia. Naquela tarde deixei a porta do banheiro aberta incentivando ela a entrar, coloquei no ovo. Mas mamãe se assustou e não foi até o fim. Ele fez parecer que estava engolindo a primeira coisa que soltei, que ele

Machine Translated by Google

ele havia caído de uma motocicleta e não insistiu muito, embora a bola fosse tão grande que nem os gêmeos acreditariam. fui covarde. Ele não me apoiou nem quis perceber o que aconteceu naquele verão. E eu, empoeirado. Por causa do meu sigilo, por causa da minha perplexidade e pela indiferença das pessoas ao meu redor.

Eu nunca soube que esse tipo de carícia que Ele me deu não era correto. Eles eram tão naturais para mim quanto um abraço, um beijo ou um aperto de mão. Eu era uma menina e ele era um adulto. Os adultos por natureza sabiam o que estavam fazendo e ensinavam a nós, meninos e meninas, o que era certo e o que era errado. Disse-me que eram um sinal do seu amor por mim, uma brincadeira nossa, um momento que só eu e ele partilhávamos em segredo. Era nosso segredo e eu não podia falar sobre isso com ninguém. Às vezes eu não gostava do que ele fazia comigo e então fechava os olhos e pensava em outras coisas. Achei que estava brincando com Eva ou entrando em um sonho. Até que na escola nos falavam de sexo e os meninos começaram a contar piadas e os amigos me faziam confidências e as revistas e as fotos corriam de mão em mão. Foi aí que comecei a entender que aquilo não estava certo e comecei a me sentir mal e a evitar quando chegava perto de mim. Ele me trancou no chuveiro, colocou uma cadeira no quarto, e quando me chamava para o seu lado ou queria ficar a sós comigo, arrumava uma desculpa para mim. Brincávamos de gato e rato e às vezes eu tinha que fingir para ele não ficar bravo. Mas ou ele pressentiu que eu estava em apuros ou ele mesmo ficou surpreso ao descobrir de um ano para o outro que eu não era mais uma menina. E vamos embora. Ele parou de se interessar por mim e apesar de tudo isso me machucou porque significava que ele não me amava mais como antes.

Já não sorria quando me olhava, já não queria estar comigo, já não me bajulava, já não me comprava gelado nem me contava piadas nem dizia que eu era inteligente e bonita. Deixei de ser a menina dos olhos dele, a garota dele.

A primeira vez que ele usou a força, ele me pegou desprevenido. Eu não esperava. Foi tão repentino que foi difícil para mim entender o que havia acontecido, as consequências e o que viria a seguir. Era o verão em que eu tinha quatorze anos. Um verão longo e chato com muitas horas para preencher. Meus amigos estavam fora, Eva tinha ido para o acampamento e eles não me deixaram. Portanto, a proposta da viagem foi uma lufada de ar fresco. Nós dois sozinhos, por alguns dias, de carro. Mamãe me contou e eu não acreditei. Tem certeza que foi ideia do papai? Mamãe ficou muito feliz com aquela proposta inesperada. Ela estava tão animada quanto eu porque gostava de ver

Machine Translated by Google

a família unida. Eu o faria como assistente, co-piloto ou quem sabe.
Ele tinha um compromisso de trabalho no sul e eu não tinha aulas nem obrigações, então saía de Barcelona e quebrava a rotina de brigar com os gêmeos e assistir TV. Seguimos pela costa do Levante, em direção a Granada, nós dois sozinhos. Parece que me lembro que à noite o ar cheirava a jasmim e o vento queimava. Tivemos boas energias, comemos gaspacho e peixe frito num bar de praia em Almeria e ele levou-me a uma praia linda, uma praia nudista de areia branca em Cabo de Gata. Tomamos banho juntos no mar e ele tirou fotos minhas. Naquela noite ele me prometeu que no dia seguinte estaríamos em Granada e iríamos ver a Alhambra e os jardins do Generalife.
No hotel eles nos deram o quarto que havíamos reservado para nós dois e eu peguei a recepcionista piscando para o cara com as malas. Talvez eles tivessem pensado que eu era a namorada dele. E eu ri da confusão. O resto dos detalhes não me lembro bem. Não sabia dizer se a sala era grande ou pequena, se era branca ou tinha papel de parede florido, se tinha mesa ou sofá.
Talvez eu a tenha apagado da memória porque foram tantas noites que já não sei qual foi a primeira. Eu estava dormindo e de repente senti um peso na cama, ao meu lado, e suas mãos em mim, me acariciando. Não diga nada, eu te amo muito. Mas fiquei com medo e então suas mãos se contraíram e me agarraram com violência. Eu sei que enrijeci, sei que choraminguei porque não queria. Não chore, é muito bonito, você vai ver. Ele me machucou e a cama estava manchada de sangue. No dia seguinte não ousei olhar para ele e não sabia se tinha tido um pesadelo ou se eu o tinha inventado, mas quando levantou o lençol e viu a mancha de sangue também empalideceu. Digamos que você tenha menstruado, ele ordenou secamente, como se nada tivesse acontecido.

Entrei no chuveiro e passei horas sob a corrente de água. Eu me sentia suja, muito suja e quanto mais eu lavava mais suja eu me sentia. Eu tinha certeza que todos iriam notar, que estava escrito na minha cara, que quando eu saísse da sala eles apontariam o dedo pra mim e falariam mal, mal. Mas ninguém percebeu nada e ele me fez jurar que nunca explicaria porque ninguém acreditaria em mim. E não falei nada porque pensei que não ia acontecer de novo e porque queria esquecer. Eu gostaria de ter falado, eu gostaria de ter resmungado aos quatro ventos. Agora não estaria aqui à espera da bala que ponha fim ao que começou uma noite em Almeria.

Nunca vi o Alhambra e morrerei sem vê-lo. Eu suo.

Machine Translated by Google

19. Eva Carrasco

Eva corre pela rua Muntaner. Ela não sabe bem para onde está indo, mas está ficando cada vez mais irritada, mais inquieta. Incomoda-o ver à sua frente um buldogue que se agacha no meio da calçada e faz suas necessidades. É usado pela corrente por uma mulher elegante de casaco creme que finge desviar o olhar. Depois que o cachorro termina, a mulher não se agacha com a sacola e continua a passear com o buldogue, impassível. Ele passa por eles para perdê-los de vista e olha para longe, para o mar invisível que se sente no fundo da névoa barcelonesa, e se pergunta o que o pai de Bárbara está fazendo. Ele teme ter feito algo tolo. Mas ele não sofre apenas pelo que pode acontecer com Martín Borrás. Na realidade, ele não se conforma em ficar de fora. Bárbara ligou para ela, ela a escolheu e não pode decepcioná-la novamente. Não basta avisar Pepe Molina para não se apressar e esquecer as informações erradas. Eva quer estar presente quando encontrarem sua amiga, porque ela precisa fazer algo para se livrar do mau pressentimento que carrega há quatro anos e porque Bárbara claramente pediu a ela que "me ajudasse".

Ela se acalma um pouco, para e tira o celular da bolsa, mas não gosta de fazer ligações da rua. Ele entra em um bar, pede um cortado e se senta a uma mesa de mármore perto da janela. Ela disca com cuidado, aos poucos, número por número para não errar, nisso ela é muito cuidadosa, sempre tem medo de se confundir e não suporta ter que se desculpar. Pelo menos os gêmeos deveriam estar em casa, ela diz a si mesma para se encorajar ao ouvir o primeiro toque da campainha. A segunda campainha toca, a terceira, ele desanima e sabe que a secretária eletrônica vai atender de novo, mas não.
dizer? É a voz de Nuria Solís, mãe de Bárbara. Parece um pouco mais fresco, como se tivesse sido lavado. Oi, eu sou a Eva. Alguns momentos de surpresa e a voz responde. Olá, Eva, esqueceu-se de algo? Eva gagueja e fica tentada a dizer-lhe que sim, esqueceu-se de explicar que a filha está viva.
Mas ele se cala e, em vez de lhe dar a notícia, pergunta pelo pai. O Pepe está aí?
A voz parece desapontada ao descobrir que não conta, assumindo ser apenas uma formalidade, uma ponte entre o pai e o amigo. Não, ele saiu para trabalhar, responde a mãe. Eva tenta tornar tudo natural. Poderia me

Machine Translated by Google

dar o seu celular? Tenho negócios inacabados com ele. Parece horrível. Até parece feio. Eu deveria ter pensado em alguma desculpa.

No entanto, Nuria Solís não pergunta. Ela já está acostumada a perceber mistérios e silêncios ao seu redor e a se sentar no canto de mesas para as quais não foi convidada. Espere, com licença, eu só não sei de cor, ele diz se desculpando. E Eva rapidamente abre a bolsa e encontra uma caneta, mas não tem papel, só o diário, e não quer sujá-lo. Um rapaz com a cara cheia de espinhas serve-lhe o cortado, é bem preto, com muito café, e ela gesticula para ele com a caneta pedindo um pedaço de papel para escrever. O menino não a entende. Parece estúpido. Um pedaço de papel, preciso de um pedaço de papel, ele diz a ela explicitamente. Do telefone, a voz da mãe de Bárbara fala com ela. Eu já tenho, você toma nota? Espere um minuto, implora Eva Busy. Ela se levantou e pegou um guardanapo da mesa ao lado. Ele se senta rapidamente. Sim diz-me. E a voz da mãe de Bárbara lhe conta um número devagar, como se ela tivesse dificuldade para ler, como se não estivesse acostumada. Enquanto Eva o anota, ela suspeita que lhe pareça familiar, que talvez ela já tenha esse número. Você pode repetir?, ele pergunta para ter certeza. E na segunda vez que Nuria Solís canta o número, Eva percebe como sua cabeça está girando, até que de repente ela grita, abre sua bolsa desajeitadamente e deixa cair seu celular no chão. Ela abre sua agenda e procura ansiosamente a página para onde apontava o celular de onde Bárbara ligou para ela. Não pode ser, diz-se comparando um número com o outro.

Eu cometi um erro. Não pode ser. É impossível. Mas os números correspondem. Véspera! Véspera! Você está bem?, a voz de Nuria Solís pode ser ouvida de longe, que se assustou ao ouvir seu grito e o golpe do celular quicando no chão, e talvez ela acredite que estava descendo a rua e sofreu um acidente . Eva se abaixa, pega o celular debaixo da cadeira e implora com a voz embargada: Me diga de novo o celular de Pepe, por favor. Ao verificar um a um se os números são realmente os mesmos, ele percebe como o sangue escorre até seus pés e seu rosto fica pálido. Ele tem uma tontura e está prestes a desmaiar. Agora não, agora não posso perder a consciência, repete. E ele percebe que o sangue volta a correr aos poucos e se recupera a tempo de exclamar impetuosamente: Bárbara me ligou deste número hoje de manhã!

A frase saiu sozinha. Não consegui segurar. Ele não conseguiu mais ficar quieto. Ele é forte demais para guardar para si mesmo. E de imediato, imaginando o estupor de Nuria Solís, acrescenta: Não te mexas, vou já! Sobre

Machine Translated by Google

tudo não mexe!, insiste. Ele se levanta e sai sem provar o corte. Na porta, ela se vira por um momento, tira um euro da bolsa, joga no menino atordoado e sai correndo como uma louca. Ela não tem olhos na nuca, mas tem certeza que a criança não pegou a moeda, ela não tem reflexos suficientes.

Machine Translated by Google

PARTE TRÊS O MAL DE MOLIÈRE

Machine Translated by Google

20. Núria Solis

Nuria Solís ressoa em sua cabeça com a frase que se repete continuamente. Bárbara está viva, Bárbara está viva, Bárbara está viva. E ela quer gritar e quer pular e quer rir e quer ligar para Pepe para explicar que sua filha está viva, até que ela para e repete incrédula a segunda parte da mensagem de Eva. Bárbara ligou do celular de Pepe. E a princípio ele não entende. Você não consegue entender, não consegue compreender a complexidade da interpretação dessas palavras aparentemente simples. Você não tem as chaves para descriptografar essas informações mais recentes. Do celular de Pepe?

Como o celular de Pepe foi parar nas mãos de Bárbara?, ela se pergunta, intrigada. Onde está Bárbara? Onde está Pepe? Que fio os une?

É uma piada? Pepe encontrou Bárbara e não lhe contou nada? E por que Bárbara ligou para Eva em vez de ligar para ela? Como você come isso? Não consegue ligar os pontos e por alguns momentos está a ponto de enlouquecer, até que de repente, como se tivesse sido eletrocutado por um raio, tem uma iluminação trágica. Pepe, Pepe, Pepe! Ele agarra a cabeça com as duas mãos e a sacode desesperadamente. Ele gostaria de arrancar sua cabeça, seus olhos, suas orelhas. Sua vida inteira desmoronou em um segundo.

De repente, tudo mudou. Ele não consegue respirar, está se afogando, o ar não chega ao peito, ele leva a mão ao pescoço e sente a veia pulsar descontroladamente. Não pode ser, não pode ser, ela repete incrédula. Mas é.

E de repente tudo faz sentido e pouco a pouco a luz das lembranças vai acendendo e iluminando os cantos escuros. Ela era cega e surda e não queria ver o que estava à sua frente. Um Tranximezin, eu preciso de um Tranximezin, ela diz a si mesma trêmula, correndo para o banheiro, tropeçando na parede e mexendo no armário de remédios. O espelho devolve a imagem de uma mulher assustada que precisa de um comprimido para assumir que foi covarde e que não sabe aceitar a verdade. Ela cai no vaso sanitário, abatida e chora. Recorda a tristeza de Bárbara nesse verão, quando voltou com ele da viagem a Granada, o seu silêncio, o seu silêncio, os anticoncepcionais deixados debaixo do seu nariz, a sua mania de lavar-se, as portas fechadas e as explosões, o "não pode entenda, mamãe" e seus ferimentos nos braços, e os hematomas por todo o corpo, e suas anotações. E ela arranca um punhado de cabelos sacudidos pelo choro.

Machine Translated by Google

Lembre-se do ciúme de Pepe e de sua obsessão pelo corpo de Bárbara, pela alma de Bárbara, por Bárbara. Eles olham, tocam, querem, querem, vão tirar de mim, é meu! Sinta-se impotente. Então ele vê algumas tesourinhas em cima da prateleira e tem o instinto de enfiá-las para aliviar a dor que sente por dentro. Assim como Bárbara. Bárbara! Bárbara está viva e ele precisa dela, sua consciência sussurra para ele. Mas não posso ajudá-la, desabafa Nuria, afugentando-a como faz com os pesadelos. É muito tarde. É um desperdício e não serve mais para nada. Sempre falhou com você. Ela o perdeu quando criança, quando os gêmeos nasceram. Vou me casar com o papai quando for mais velha, disse Barbara, e deu uma risadinha. Quero que papai tome banho, Bárbara exigia à noite. Papai e eu temos muitos segredos que nunca vou te contar, Bárbara largaria quando criança. Suas unhas cravam em sua carne enquanto ela se lembra e se lembra. Ela se lembra de voltar do turno da noite, cansada, e encontrá-la na cama, dormindo ao lado dela. Você estava com medo?

Assustado, mais do que assustado. Ela jogou estupidamente. Deixe-me! Você não se importa comigo em tudo! Não importa o que você sente!, ele o repreendeu anos depois antes de fugir. E ela não entendeu. Ele nunca entendeu isso. Ela era uma idiota complacente, uma idiota covarde, uma idiota anulada por ele. Por que ele foi embora?, repetiu-se mil vezes. O que eu fiz com ele? O que tem faltado?
O que não pude dar a ele?, ele se perguntou ao longo desses quatro anos.
E agora, de repente, a questão é ainda mais assustadora. Por que não a protegi?

Desde quando, Bárbara? Por que você não me contou, minha garota? Por que você não me pediu ajuda? Cala a boca, Núria. Vá embora, Núria. Fique fora, Núria. Não sejas ridícula, Núria. Tu não sabes de nada, Núria. Você é um desastre, Núria. Tenho pena de ti, Núria. Já te viste, Núria? Você é patética, Núria. Deixe-a, Núria. Sente-se, Núria. Dorme, Núria. Vá embora, Núria. Você me dá nojo, Núria. Você está doente, Núria. Você está histérica, Núria. Você é uma idiota, Núria.

Bárbara, me desculpe! Ela geme silenciosamente, afundada, incapaz de reagir, de se levantar, de pensar. Ele só sabe que precisa tomar um comprimido e pega um frasco ao acaso, sem nem olhar o rótulo, pra quê? A dor que ele sente é tão profunda que ele precisa de tudo. Ele vai levar todos, até parar de sofrer. E a proximidade da paz a tranquiliza. Ela impacientemente descobre o frasco, leva-o à boca, joga a cabeça para trás, enche a boca de comprimidos e sabe que em alguns momentos a angústia desaparecerá para sempre. Mas sua garganta está seca e ele não consegue engoli-los. Ele engasga, engasga, tem espasmos e amordaça sua garganta e

Machine Translated by Google

Vômitos. A imagem que o espelho lhe devolve é a de uma mulher de rosto azul, encharcado de suor, os cabelos colados à testa, os lábios secos e as órbitas enegrecidas. E ela estremece enquanto levanta a cabeça lentamente, maravilhada. Quem é esta mulher olhando para mim?, ela se pergunta de repente. Quem sou eu? Como me chamo? | Onde está Núria Solís? Onde está a menina sorridente, a mulher empreendedora, a mãe sonhadora? Onde está?

Passam-se segundos, ou minutos, ou horas. O tempo passa, inexorável, enquanto ela permanece silenciosa e imóvel, radiografando o reflexo daquela estranha mulher à sua frente e perscrutando os olhos vazios que a olham sem vê-la. Ele não a reconhece. Ele não sabe quem ele é. Até que sua visão fica turva e ele parece ver os olhos de Bárbara, o nariz de Bárbara, a boca de Bárbara. Bárbara! Ele grita descontroladamente, batendo no espelho com tanta força que ele quebra. Os cacos se espalham pela pia, pelos ladrilhos do banheiro, e sua fisionomia se desfaz e desaparece. Não vá, Bárbara! Volta! Ele grita fora de sua mente.

Mãe! Mãe! O que aconteceu? Nuria Solís continua paralisada.
Mãe, você se machucou? Ele os reconhece. Reconhecer as vozes. São os gêmeos, que se assustaram ao ouvir o estrondo e seus gritos. Núria fica tensa, de repente à espreita, como um gato antes de saltar.
Respire agitado, sem reagir. Mãe! Mãe! Núria os ouve e percebe que a chamam do mundo real. E suas vozes a arrastam.
Mãe! Vamos avisar um médico?

Núria, tonta, levanta-se com dificuldade e descobre que o espelho quebrou, que ela está no banheiro, que estava prestes a cometer um delito e que os filhos estão com medo. Não é nada! O espelho quebrou, mas não me machuquei, ela responde com uma voz que a surpreende.
É a voz dele e ele acha estranha. Quando ela ouve isso, ela fica maravilhada. Controle sua voz e as coisas que você diz. Ela sabe que tem que preservá-los, que eles não podem vê-la nesse estado porque são frágeis. E aos poucos ele começa a perceber que existe. Vou sair imediatamente, não se preocupe, acrescenta. Bárbara também está viva, como os gêmeos. Pensar. Ela está viva, repete-se incrédula. Ao vivo. Bárbara está viva e precisa de uma mãe viva.

Nuria Solís chegou ao fundo e quer sair da escuridão. Ela poderia ter ficado encolhida no fundo do poço, imóvel, mas se obriga a mexer os dedos, as pálpebras, os braços, as pernas. Ela não sabe como, mas encontrou a vontade que quando era jovem a levava a escalar montanhas e

Machine Translated by Google

escalar rochas A vontade que Elisabeth o invejava. A vontade pela qual Pepe se apaixonou quando se conheceram e que pensou ter perdido. Agora vou me levantar, diz a si mesmo com vontade, vou lavar o rosto, acalmar os gêmeos, me vestir e ir procurar Bárbara. E sua vontade enferrujada é acionada como uma engrenagem velha e fora de uso. Levanta-se devagar e lava o rosto com água fria, muito fria, enxugando cuidadosamente as gotas que lhe escorrem pelo pescoço. Ele respira uma vez, duas vezes, e então pega a caixa de Diazepan, Tranximezin, Valium e antidepressivos e toda a porcaria que tomou durante esses quatro anos e os esvazia escrupulosamente no vaso sanitário. As cápsulas coloridas ficam flutuando, empilhadas umas sobre as outras, grudadas. E quando ela puxa a corrente e a água os arrasta pelo cano, é como se puxasse a corrente da sua vida e começasse a se libertar Dele. Toma os comprimidos, são para o teu bem. Ele a queria assim, inútil, submissa e acabada. Ele cortou suas asas, pulverizou sua auto-estima, roeu-a até destruir sua alma. Ela não tem mais alma, é uma mulher vazia, um envelope oco, um fantasma. Suas forças lhe faltam e ele não ousa girar a maçaneta da porta para enfrentar o olhar de seus filhos. Vamos, é dito. Agora é sua vez de pensar, decidir, agir.

Nuria Solís redescobriu sua vontade, mas percebe que é uma vontade enfraquecida, doente, porque ele a manipulou excessivamente. Não se diz.
Não, não sei, não consigo, já não me lembro o que significa ter desejos, sonhos, desafios, compromissos. E ela procura desesperadamente dentro de si o motor que a fará funcionar sem falhar. Ele quer se livrar dele, de seus maus tratos, de suas negações, de suas manipulações grosseiras. Ela precisa desesperadamente de um motivo para recuperar sua fé em si mesma. Ela tem pouco tempo e precisa acordar do pesadelo, voltar à vida, caminhar sozinha e enfrentá-lo sem medo. E encontra. Ele se agarra firmemente à sua linha de vida.

Bárbara está viva, ela de repente diz a si mesma, sua filha está viva e ela precisa dela.

Machine Translated by Google

21. Bárbara Molina

Dizem que Marie Antoinette, a rainha da França que foi morta pelos *enfants de la Patrie,* seu cabelo ficou branco em uma única noite. Eles também dizem que no momento da morte, a vida passa diante de seus olhos, como um filme em movimento rápido. Não vejo meu cabelo, não tenho espelhos, mas é possível que esteja branco há muito tempo. E vejo também o trailer do filme da minha vida que censurei mesmo sem querer. Será que o
a morte se aproxima.

Naquele Natal aconteceu de novo. Em plenas férias, com a família por perto, com a árvore cheia de luzinhas e pacotinhos embrulhados em papel colorido. Na comida que ele bebia, notei. Comia pouco e bebia muito. E ele olhava para mim e para o tio Iñaki, ora para um, ora para o outro, e dizia: A Bárbara não é linda? E Iñaki respondeu que sim, que ela já era mulher. Ele tinha bebido muito e seu hálito fedia. E quando todos foram embora e mamãe se despediu porque tinha que trabalhar, tive um pressentimento. Você tem que ir trabalhar hoje também? Sim, linda, que remédio, se você soubesse como tenho pouca vontade... Foi um mau presságio. Ele me pegou no corredor, antes que eu pudesse entrar no quarto e me trancar. Ele me arrastou para seu quarto, que era mais isolado e longe de onde os gêmeos dormiam. O que você fez com Martín Borrás?, ele soltou, me empurrando contra a parede. O que você se permitiu fazer?
Não sei como ele sabia o nome dela ou como sabia que eu gostava dele e que nos víamos, mas ele sabia de tudo. E com Jesus Lopez? Você acha que eu chupei meu dedo? Você quer que eu diga o que você é? Você quer que eu te diga? Porque eu tenho olhos no rosto e tenho observado você flertar com Iñaki. Você também transou com Iñaki? Ele correu para mim e quando eu recusei e disse a ele que não queria e implorei para ele me deixar, ele me bateu, me bateu com tanta força que perdi a consciência e acordei dolorido e grogue na minha cama. Seu corpo estava cheio de hematomas. No entanto, ele já havia me lavado, me iodado, me coberto com o corpo de Tantum e me acordado com uma infusão. Ele estava choroso e desesperado e sua embriaguez havia evaporado. Sinto muito, ele me disse, sinto muito, linda, não queria te machucar, mas perdi a cabeça. Se mamãe soubesse, ela me denunciaria e me colocaria na cadeia e ela nunca te perdoaria. Você

Machine Translated by Google

você não quer machucar a família. Você realmente não quer isso? E ele se desfez, arrependido, tão acabado que tive pena dele e fiquei calado, atordoado, confuso.

Um mês depois, quando eu estava na metade e confiante, ela esperou que mamãe fosse embora e os gêmeos fossem para a cama e pôs os pés na minha porta antes que eu pudesse fechá-la. Fiquei horrorizado. Bárbara, linda, não quero portas fechadas nesta casa. Não vê que ainda quero entrar? Você brinca comigo né, sabe que eu te amo muito, que você me faz perder a cabeça. Eu só quero te preservar e que nada te aconteça. Você é ingênuo e não controla porque gosta dessas coisas. E enquanto ele falava comigo, ele me encurralou contra a cama.

Fiquei paralisado de medo e ele me sussurrou que se mamãe descobrisse, ele contaria a verdade, que eu o havia encorajado, que no fundo eu o queria, que desde muito pequeno o procurava porque foi mal. E aquela mãe morreria de nojo. Você não queria matá-la, queria?

E esse foi o começo do fim. Vivia com a alma no limite, fechando portas atrás de mim, inventando mentiras, saindo de casa sempre que podia. Procurei me salvar nos braços de Martín Borrás ou nos museus com Jesús López. Incapaz de estudar, com vergonha de mim mesma, sem amigos e sem ninguém para explicar. Foi por isso que bani Eva e a tirei de mim, porque ela era cúmplice de meu pai. Eva o adorava e admirava, ele já havia se encarregado de comer o pote e predispor ela contra mim. Ele nunca teria acreditado em mim. Tentei ser honesta com Jesús e falhei, tentei fazer amor com Martín Borrás e não consegui. Eu me sentia cada vez mais suja e mais isolada. Vais acabar mal, estás perdido, estás no caminho errado, disse-me Ele, messiânico, profético, com os olhos a disparar fogo. Aguentei e aguentei sem decidir dar nenhum passo, bagunçando cada vez mais as coisas, correndo para o desastre. Até aquela noite de sábado.

No exato momento em que Martín Borrás jogou minhas roupas na minha cara e me expulsou de sua casa, senti que havia perdido a última chance de encontrar uma saída. Ainda estava tonto com o que havia bebido, não sei o que havia colocado no copo, mas tudo estava fora de foco e eu tinha uma consciência difusa do meu corpo. Eu estava ouvindo a música do Maroon 5 *Ela será amada.* E eu queria chorar porque a vida era uma grande mentira. A rua estava escura e eu não sabia para onde ir, quando passei por um bar entrei e sentei no bar, sozinho. Logo alguns meninos se aproximaram. Eu sei que aceitei seus convites, que bebi com eles, que bebi coisas, que saímos juntos daquela espelunca e que a noite foi longa, louca, que eu ri de tudo e não

Machine Translated by Google

não controlava nada. Não sei bem o que aconteceu, mas sei que acabei sujo, com a roupa rasgada e olhos vagos numa esquina da Ronda de San Antonio. Caminhei horas e horas cambaleando, perdido, enquanto os caminhões da prefeitura regavam a cidade adormecida e o sol começava a nascer timidamente. Eu me sentia um estranho na minha cidade, um estranho na minha vida, e não sabia para onde ir para casa, porque não queria voltar para casa. Eu estava com medo de mim mesmo e da minha incapacidade de controlar. Em uma única noite, ele rolou pela encosta e caiu bem abaixo. Fedia como lixeiras de mercado cheias de peixe e carne podres. Eu sentia nojo de mim mesma, tinha vergonha de minhas ações e precisava de alguém que colocasse limites e me dissesse o que era certo e errado. Ele havia me avisado e estava absolutamente certo. Foi ruim.

E então decidi fugir. Ela fugiria sem dizer nada a ninguém e iria para a casa de Elisabeth e Iñaki, os únicos que estavam longe o suficiente e que não acreditariam em papai. Os caras me ouviriam. Mamãe não era capaz, não confiava mais nela, era anulada demais, ele a dominava. Preparei tudo, dei-lhes as notas, aguentei o aguaceiro e na manhã seguinte deixei algumas linhas e apanhei o autocarro para Bilbau. Ela não queria ligar para os caras antes para que Ele não interferisse. Essas coisas não podiam ser ditas por telefone. E eu fui burra, porque quando cheguei na casa deles eles não estavam e não atenderam o celular. Voltei várias vezes e passei dois dias em Bilbao, perdido e desanimado, até que na terceira noite ele me encontrou saindo da porta dos tios. Ele me pegou e naqueles momentos baixos eu pensei que era inevitável, que era o meu destino. Você está louca? A polícia está procurando por você. Você sabe qual esfoliação você organizou? Como isso aconteceu com você?

Ele me colocou no carro muito a sério. Isso acabou, Bárbara, ele me disse. Eu não abri minha boca. Ele também não acrescentou mais nada e dirigiu em silêncio. Seu silêncio era muito mais ameaçador do que todos os gritos e pancadas. Passando por Lérida, ele me perguntou se eu estava com fome e eu disse que sim. E foi nesse momento de descuido dela, quando ela percebeu que havia esquecido a carteira no carro, que corri e chamei mamãe de uma cabine. Mas a moeda emperrou e ele ficou bravo e quebrou meu nariz e me fez sangrar. Voltando à estrada novamente, sem minha bolsa, enxugando o sangue com um lenço, perguntei-lhe em voz baixa: O que você vai fazer agora? Você pediu por isso. Você não pode andar pelo mundo pisando nos outros porque você não tem medida, você não tem controle. Não te

Machine Translated by Google

Nós te educamos bem, Bárbara, sua mãe não soube te educar, ela deixou você cumprir sua vontade e o que você precisava era de uma mão forte, disse ele. Quero ir para casa, perguntei a ele. Não pode ser, você mesmo fechou essa porta. A polícia fará perguntas, você falará e tudo será conhecido. Naquele momento vi claramente que era ele quem havia cometido um crime e não eu. Então?, acrescentei.
Não sei, ele me cortou abruptamente. Mas um pensamento sombrio estava fervendo em sua mente. Vi-o nas pupilas, na forma como agarrava o volante, no gesto duro de cerrar os dentes. Jurei que não, que não ia abrir a boca, que ninguém ia saber. Mas ele não acreditou em mim e me repreendeu por ter entregado meu nariz, meu sangue, a bolsa abandonada. Você estragou minha vida e reputação.
Você queria me denunciar, hein? Eu não menti. Você não me deixou escolha, ele murmurou com os olhos nublados. Percebi que ele estava falando sério sobre morrer. Certamente, eu também não via outra saída possível, mas não sei como, dentro do carro, encontrei forças para implorar pela minha vida. Foi um impulso desesperado que veio de dentro. E ele repensou. Há uma solução..., disse ele enigmaticamente. Talvez, talvez seja o caminho para se tornar uma pessoa, para se reeducar, para trazer à tona a besta que você tem dentro. Eu não sabia então qual era a ideia e, do meu ponto de vista, talvez tivesse sido melhor se ele tivesse me matado.

Ouço o barulho do motor do Passat. É o. Já está aqui. Desta vez, ele não terá piedade. Tenho medo. Muito medo. Mas serei corajoso e encararei a morte de frente.

Machine Translated by Google

22. Salvador Lozano See More

O casal Zuloaga teve uma longa conversa com Nuria Solís na sexta-feira, 25 de março de 2005, às 10h12 da manhã, informou Lladó rotineiramente ao ainda subinspetor Lozano. Então foi ela quem finalmente os localizou e os notificou sobre o desaparecimento de Bárbara. Previsível. No entanto, a informação sobre o cachorro Molina o surpreende. Bruc, um fazendeiro que agora teria nove anos, está morto há três anos e meio. Foi o que o veterinário disse a Lladó. O veterinário não veio ver o cadáver.

Pepe Molina disse-lhe que foi atropelado pouco depois de o levar para Montseny e que ele próprio se desfez do corpo. É estranho, porque Nuria Solís lhe disse mais de uma vez e duas vezes que Pepe Molina estava na fazenda alimentando o cachorro. Por que Nuria Solís não sabe da morte do cachorro? Para não afetá-la? E por que Pepe Molina mente dizendo que lhe traz comida se na verdade não tem nada para fazer na casa de Montseny? Vai para lá ou vai para outro lugar? Ele tem uma amante, um negócio sujo, um segredo? Salvador Lozano pensa rapidamente enquanto finge gratidão e emoção. Ele gostaria de estar em sua mesa, com a pasta de Bárbara aberta, o computador conectado e o telefone à mão.

Mas ele está no restaurante para seu jantar de despedida, superaquecido, e está procurando algum ponto de fuga da sala de jantar lotada para descansar os olhos e escapar visualmente da multidão. Na extrema direita há uma janela, mas ela está trancada e a sensação de claustrofobia é tão intensa que ele afrouxa o colarinho da camisa, desabotoando o botão de cima para não se afogar. Suas roupas o puxam e o suor escorre por sua testa.
Ele é muito gordo, ele pensa. Ele se enxuga discretamente com um guardanapo de papel e responde à saudação de um agente recém-chegado. Você nem o conhece pelo nome. Acostumado a comer sozinho ou acompanhado tranquilamente da mulher, não costuma dividir a mesa com outras trinta pessoas. E ele à frente, com a cabeça borbulhando de ideias novas, de possíveis novos caminhos para a investigação do caso Bárbara Molina, mas ao mesmo tempo sendo o destinatário de todos os olhares e oferecendo sorrisos a torto e a direito. como o dia de

Machine Translated by Google

casamento do filho, embora ele não fosse o protagonista absoluto na época e estivesse acompanhado de sua esposa.

Não tirou o casaco porque está à frente de todos e seria fatal se ele, o convidado de honra, perdesse a compostura e a elegância que o caracterizam precisamente no último dia, poucas horas depois de se deitar.

Ele deixará sua memória formal para a posteridade nas fotografias que todos provavelmente perderão ou esquecerão dentro da câmera, mas que serão tiradas para ficarem bem. Outros não dão a mínima para a formalidade. Muitos jovens têm ido jantar vestindo suéteres e jeans porque vão para o trabalho todos os dias, provavelmente nem trocados. Claro que sim.

Sureda se vestiu como uma futura subinspetora e está vestindo uma jaqueta de cor clara sobre uma camiseta preta e Levi's. *Veja* Joan Manuel Serrat.

Moderno, casual, elegante, como diria sua esposa. Ele apareceu para jantar com a matemática. Não é grande coisa. Loira, baixinha e pizpireta, um pouco magra para o seu gosto, mas no momento conquistou um lugar para si entre tantos estranhos e agora se fala como se fossem íntimos. Uma garota inteligente, que se sentou ao lado dele, deu-lhe um sorriso doce e travesso e perguntou sobre sua esposa. Ele a desculpou dizendo que não estava se sentindo bem. Há pouco serviram-te um prato com puré de laranja guarnecido com um raminho de folhas verdes. É como um restaurante holandês cafona. Ver a cor da garrafa de butano deu vontade de pedir para trocar o prato. Mas a matemática pega uma pitada com a ponta da colher, como se estivesse fazendo uma travessura, e com ar de *gourmet* saboreia, exageradamente, e comenta que é uma deliciosa sopa de abóbora. Sopa de abóbora! Quem pensaria? Quem já escolheu o cardápio? Ele quer estrangular Dolores Estrada. Ela deve ter feito isso para irritá-lo porque ele negou a ele uma permissão de dois dias para assistir ao show de Bruce Springsteen em Madri naquele verão. De repente sente uma vibração no bolso e mete a mão, incomodado, pensando que será a sua mulher e que terá de se explicar.

Acima de tudo, incomoda-o não ter espaço privado suficiente para ter uma conversa privada. O matemático ouvirá tudo e mais tarde, à noite, aconchegada a Sureda, ela lhe sussurrará que o ex-subinspetor é um mentiroso porque não teve a doente. Mas acontece que é Eva Carrasco. E de repente ele sabe que é uma ligação importante.

Machine Translated by Google

Ele se levanta e sai silenciosamente da sala. E vai bem porque Eva Carrasco, com efeito, tem algo muito importante para lhe dizer. Tão importante que você tem que encostar na parede para não cair. Bárbara me ligou esta manhã, mas foi cortado imediatamente e não foi possível ligar novamente. O que você diz?, ele exclama atordoado, sem conseguir acreditar. A que horas? Cerca de dois. E por que você não me contou antes? Liguei para ele primeiro, mas ele tinha saído para comer e depois fui para a casa de Barbara, e Pepe Molina me garantiu que resolveria e não falaria com ninguém, que cuidaria de tudo e que entraria em contato A polícia metralhou a garota muito nervosa sem deixá-lo dizer uma palavra e continuou sem respirar. Mas há pouco descobri que o celular de onde Bárbara me ligou é de Pepe Molina. Lozano a interrompe, chateado, prestes a ter um ataque cardíaco. O celular de Pepe Molina?

Tem certeza? Com certeza, responde com uma voz baixa Eva. E quem mais sabe?, pergunta Lozano rapidamente, assumindo a virada radical do caso em questão de segundos como só bons policiais e bons roteiristas sabem fazer. Nuria Solís, agora estou na casa dela, descobri a coincidência do número quando ela me ditou. Onde está Pepe Molina agora?, pergunta o subinspetor Lozano, pensando na velocidade da luz. Não sei. É indetectável. Seu celular não atende e ele disse para não esperar por ele esta noite, que ele tinha trabalho. Núria não sabe de mais nada.

O subinspetor Lozano enxuga o suor que, agora, escorre pelo pescoço e encharca a camisa. E quando ele se afasta para os garçons entrarem na cabine carregados de tigelas e tigelas de sopa de abóbora, ele toma uma decisão. Fique com Nuria Solís em casa. Se Pepe Molina voltar, diga-lhe que não sabe de nada, arranja qualquer desculpa, esconde-a, desce à rua e liga-me imediatamente, estás a entender? Sim, eu entendi, a garota responde. Eva, diz Lozano com voz rouca, a vida de Bárbara está em jogo. Ele ouve como Eva, do outro lado, suspira. Esta é a segunda vez que eles dizem isso para mim hoje. Pepe Molina já me disse a mesma coisa antes. Com mais razão, Lozano responde inquieto. E agora, acima de tudo, controlar Nuria Solís, para que ela não faça nada estúpido. Como vai?, acrescenta curioso. muito sereno Mais sereno do que eu imaginava, acredite. Lozano respira aliviado. Estamos em contato.

O subinspetor Lozano não tem tempo para ficar estupefato. Tinha no bolso um papel amassado, preparado para o discurso, onde tinha anotadas quatro frases protocolares que não pronunciará mais. Introduzir o

Machine Translated by Google

sair e dizer olá a todos. Sua súbita irrupção causa silêncio. Melhor, para não precisar pedir a palavra, você já tem. Senhoras e senhores, sua presença aqui esta noite é uma grande honra, mas lamento informar que força maior me obriga a sair. Ele fica em silêncio por alguns momentos porque é impossível ser ouvido por causa da comoção que surgiu na sala. Aguarde alguns segundos e continue. Este é um caso muito delicado que requer intervenção imediata. O futuro subinspetor Sureda se levanta imediatamente. Eu cuido disso, decide impetuosamente, mas um NÃO enfático, pronunciado com autoridade, o silencia. Se eu precisar eu te ligo, Lozano acaba indo até a porta. De repente, colocando a mão de volta no bolso, ele encontra o papel, repensa e dá para Sureda. Aqui, se você quiser me fazer um favor, leia este discurso de despedida em meu nome. Ele entrega em mãos e na frente de todos, não deixando escolha. Rejeitá-lo seria torná-lo feio. Lozano levanta o braço e faz a saudação de cabeça erguida. Foi um prazer trabalhar com vocês todos esses anos. E vai-se.

Depois de passar pela porta, ele tira o paletó, a gravata e desabotoa o próximo botão da camisa. É isso, eles dizem para si mesmos, está feito.
Eu já estraguei tudo. Estou até o pescoço na merda. O mundo inteiro testemunhou que tomei uma decisão imprudente, que agi com ganância e que não entreguei ao meu sucessor. Mas ele não o fez apenas por orgulho, sim, ele o fez e não tem vergonha de admitir que nos últimos dias foi escaldado. Não, não era para isso. Ele conhece perfeitamente os atores dessa tragédia e é preciso trabalhar com rapidez, discrição e precisão. Ele é o único capaz de fazê-lo, embora a lei não o permita mais. Irá acima da lei. A vida de uma menina é mais importante. É um caso delicado demais para colocar toda uma operação em funcionamento. É uma questão de vida ou morte e você tem apenas duas horas para ligar os pontos. Depois eu faço a transferência, diz para si mesmo enquanto sai na rua, chama um táxi e dá o endereço da delegacia.

Abrigado no escuro e o anonimato do táxi é assegurado.
Felizmente, o taxista é um homem discreto, que não tem rádio ligado e não reclama da Câmara Municipal de Barcelona. Isso permite que você pense. E pense, pense aos trancos e barrancos. *Crime e Castigo* vem à mente . Maldito Molina. O mesmo jogo de Raskolnikov.
Rindo dele em sua própria barba por quatro anos. Ele estava muito mais perto do que pensava, mas em nenhum momento considerou a possibilidade de Bárbara estar viva. Lozano se irrita consigo mesmo por não ter

Machine Translated by Google

investigou minuciosamente a que horas Pepe Molina deixou Bilbao. Foram momentos de confusão e muitas linhas de investigação abertas.
Sim, ele pediu confirmação e a Ertzaintza respondeu vagamente. Eles o viram rondando a área e questionando as pessoas nos bares, mas ninguém conseguiu identificar a hora exata de sua partida. Se Pepe Molina saiu de Bilbao por volta das duas da manhã e não às sete como declarou, o resto é fácil. Tudo se encaixa. Enquanto Eva falava, ela visualizou perfeitamente a sequência dos acontecimentos e rapidamente entendeu que bastava mudar o nome de Jesús López para o de Pepe Molina para que tudo ficasse claro e compreensível. Abusos. E comece a reorganizar as peças do quebra-cabeça impossível. Lembre-se da maneira como Pepe Molina falava com Nuria Solís, seus olhares fulminantes, sua negação constante, seu autoritarismo intransigente. E ela, com os olhos baixos e vagos, os comprimidos e a culpa permanente. Lembre-se dos golpes no corpo da menina, das feridas escondidas em seus braços. Sim.
Tudo está claro, tão claro que estremece por não ter podido ver antes. E que suas investigações sobre o cachorro podem tê-lo levado à mesma conclusão. Faltou tempo, lamenta.

Pepe Molina os enganou. Ele desempenhou seu papel de maneira admirável. Eu tive muito fácil. Havia dois suspeitos de que ele mesmo estava encarregado de servir em uma bandeja de prata e para si mesmo reservou o papel de pai justo. Foi uma atuação magnífica: luz e estenógrafos, o pai arrasado, o pai indignado, o pai exaltado. Ele liderou manifestações, pediu leis mais duras, participou de programas de televisão, atacou Jesus. Que falso! Que filho da puta! Não era necessário que ele modificasse seu perfil de pai autoritário, pois era bastante plausível. Está muito claro onde ele teve Barbara durante todo esse tempo. Mas como ele manteve isso em segredo?, ele se pergunta. Lembre-se de suas preocupações com a logística da família, suas viagens para cima e para baixo. Empalidece. E seu revólver! Ele lembrou que tem porte de arma para trabalhar como representante de joias e que ele mesmo retirou a licença de sua Smith & Wesson 38 por causa do incidente com Jesus. No entanto, após um tempo razoável e em vista de seu bom comportamento, ele o devolveu. Anote mentalmente os dados e adicione-os a todo o resto. Ele deve andar com cuidado porque é um homem perigoso, extremamente perigoso. Um cara inteligente e sádico. E lembre-se de seu controle de ferro sobre sua esposa, sua arrogância e, acima de tudo, sua estratégia de alimentar constantemente a cortina de fogo.

Machine Translated by Google

fumaça que ele mesmo levantou. Durante quatro anos estiveram no encalço de dois falsos suspeitos porque este insistia ao ponto da teimosia. Ele pediu repetidas vezes que não removessem a vigilância, que ficassem por cima.
Possivelmente ele acreditava, e acreditava bem, que se eles baixassem a guarda, talvez contemplassem outras linhas de investigação. Que idiota!, exclama Lozano novamente. A desculpa do cachorro era boa e a casa da fazenda Montseny era um lugar suficientemente isolado e solitário para que os vizinhos não cheirassem nada. Uma casa de Nuria Solís onde a família passava o verão antes do desaparecimento de Bárbara. Eles já estão em frente à delegacia.

Ele paga com uma conta grande, diz ao taxista contratado para ficar com a gorjeta e sobe para seu escritório bufando. A quinta, a quinta, repete-se. Certa vez, ele veio com uma unidade e ordenou que procurassem discretamente no jardim para ver se a terra havia sido revirada recentemente.
Ela estava envergonhada que os Molinas soubessem, mas era sua obrigação. Talvez Barbara já estivesse lá? Onde? A casa certamente parecia abandonada. Parecia empoeirado. Pepe Molina ensinou-lhe com muita atenção. As camas não tinham lençóis e a cozinha estava quase vazia. O cachorro. Ao subir quatro degraus de cada vez, lembra-se que Nuria Solís lhe disse mais tarde que sentia muito pelo pobre animal, que o guardavam no porão do porão para que não escapasse. Um armazém habilitado!

Uma vez no escritório, ele abre a pasta e procura ansiosamente o endereço da casa, anota, pega sua Glock 9mm, carrega e pede a Mariona Estévez, que está de plantão, que encontre um carro para ele imediatamente e programe o GPS com o endereço da fazenda. Pede também que prepare uma unidade operacional de três agentes para que partam para Sant Celoni e, uma vez lá, aguardem suas ordens.

Lozano olha para o relógio. 22:18. Ele não tem muito tempo. Mas Bárbara, infelizmente, tem ainda menos.

Machine Translated by Google

23. Bárbara Molina

Eva gostou de ler as tragédias de Shakespeare por um tempo e me disse que no terceiro ato os protagonistas caem em uma ladeira fatal que os lança para a destruição. Não há saídas. Eles se fecham.
Como eu. Agora estou no último ato da tragédia da minha vida. Eu tenho isso muito claro. Tudo aconteceu exatamente como eu imaginei. Ele entrou com o revólver na mão, bem à vista, como no dia em que matou o Bruc na minha frente, e apontou para mim. O tempo todo, enquanto ele falava asperamente comigo, ele não parava de apontar para mim. E eu o ouvia, lúcido como nunca, enquanto contemplava o buraco negro do cânion, imaginando que fosse a objetiva de uma máquina fotográfica, familiarizando-me com ela, tornando-me amigo. Eva me disse que você ligou para ela, ela me soltou de repente, como um tapa seco, para que fique claro que ela controla tudo, que nada escapa dela, que fora destas quatro paredes eu também sou seu prisioneiro e que O mundo que acredito ser livre é uma teia de aranha que aprisiona meus prantos. Tenho me abrigado em silêncio. Sem esperança, perdi o medo. É uma grande vantagem. Você não fala nada?, ele gritou ao ver minha atitude provocativa. Eu continuei em silêncio. Deixe-o sair de suas caixas, deixe-o passar mal. Você percebe que estragou tudo de novo?

Fico em silêncio novamente e olho para ele desafiadoramente com o queixo para a frente, pronto para receber um golpe que juro que não trará lágrimas aos meus olhos. Não vamos mais poder fugir juntos!, desaba ele com uma ponta de sincero desespero.
O que ele diz agora?, eu penso. De que fuga você está falando?

Ele detecta que minha curiosidade foi despertada e continua. Eu tinha planos para nós dois. Isso me deixa perplexo. Não quero ouvir, disse a mim mesmo, mas escuto. Que planos?, pensei com raiva por não conseguir desligar. Ele havia preparado tudo, estava economizando, sabia que poderia fabricar uma identidade falsa, estava fazendo contatos no Brasil. Você sabia que o Brasil é um dos países onde o FBI não tem acesso? No Brasil tem praia, tem mar e podíamos ser felizes. Isso me desconcertou, ele e eu no Brasil? Viver em liberdade? Frente ao mar? Ele estava brincando comigo? Esperava que o subinspetor Lozano se aposentasse para começar a organizar tudo, continuou. Seu sucessor desistiria do caso, deixaria passar e não se importaria se eu batesse o carro. eu não daria

Machine Translated by Google

nenhuma importância. Eu tenho estado realmente assustado. Então você está falando sério. Ele abaixa a voz, confidencialmente, como se alguém pudesse nos ouvir. Era o que eu planejava fazer, simular um acidente fatal com uma pilha de cinzas e limpar completamente meu rastro. Feche o caso e tenha um amanhã limpo pela frente. Você e eu.

Eu abri muito meus olhos e talvez você tenha interpretado mal. Talvez ele pensasse que eu estava entusiasmado com sua ideia de futuro. O cinismo de não esperar outra coisa senão a morte me permitiu vê-la com outros olhos e de repente a vejo cretino e iludido. Mas ele assumiu que eu havia me emocionado e continuou a desabafar. Hoje o subinspetor Lozano me telefonou para me dizer que se aposentará amanhã. Eu tinha calculado mal, pensei que ainda faltava um ano. E talvez seja por isso que fiquei sobrecarregado e não fui cuidadoso o suficiente e depois da ligação saí correndo para começar a fazer os preparativos, mas... Aqui ele para e de repente fica sério, grave. Esqueci meu celular, diz ele enquanto olha para ele com tristeza, em cima da mesa, bem à vista, onde o deixei. Agora não temos mais futuro, conclui. É isso, digo a mim mesma com satisfação. Eu estraguei seus planos e ele está mais desesperado do que eu. E sinto uma alegria infantil por saber que ele também não tem esperança.

Mas, em vez de atirar em mim, ele baixou os braços e sentou-se na cama ao meu lado, abatido. Por que você fez isso comigo, menina?, exclama, falando para si mesmo, já que não estou respondendo e não vou responder. Agora eles vão nos encontrar. A você e a mim. Talvez em algumas horas, talvez em alguns dias, talvez em um mês. Mas eles vão nos encontrar mais cedo ou mais tarde.
Eu fico quieta e olho para ele sem vergonha. Não olhe para mim desse jeito!, ele grita. Você percebe o que estou dizendo? Você percebe que estou falando que temos que morrer? Eu sorrio. Isso me fez rir. Ele vem me ameaçando de morte há quatro anos, já vi a morte milhões de vezes e agora ele, tendo ela perto pela primeira vez, está com medo. Eu quis rir, mas não consegui porque ele me bateu com a coronha do revólver.
Basta!, ele gritou, Basta!

E eu entendo que o que o deixa louco é que eu estou calma.
Eu preferiria que eu implorasse a ele, que ele me arrastasse, que ele pedisse a ele para, por favor, salvar minha vida. Eu não vou dar a ele esse gosto. Primeiro eu vou te matar, ele diz devagar com uma fanfarronice fingida que me faz suar. E aí eu vou me matar, enfatiza. Eu não pisco e finalmente abro minha boca. O que você está esperando, então?, eu o repreendo. É difícil para mim falar porque me atingiu

Machine Translated by Google

o osso da mandíbula e minha gengiva sangra. Mas estou acostumado com dor, sangue, morte. Ele nao. Ele se levanta com as mãos trêmulas e aponta para mim. Eu fiz tudo porque te amo demais.
Você é má, Bárbara, muito má. Eu sei, mate-me de uma vez por todas, eu te desafio, cada vez mais arrogante, cada vez mais insensível, cada vez mais perto do final do terceiro ato. Estou farto, penso, pensando nisso. A morte não me assusta mais, já a assumi há muito tempo e quero acabar com ela de uma vez por todas e parar de sofrer. Só me angustia a desagradável logística de deixar de existir. O processo, como diria. No entanto, ele não atira.
Em vez de atirar, ele anda para cima e para baixo, como eu fiz algumas horas atrás, como um leão enjaulado. Estou à frente dele, já percorri esse caminho antes dele e cheguei ao fim. Agora estou em paz. E sua mãe?, ela exclama de repente. Você não pensou em sua mãe quando pegou o telefone e ligou para Eva? Você não tem coração? Você não tem sentimentos? O que sua mãe fará quando nos encontrarem mortos, nós dois, e a vergonha recair sobre ela? Você não pensou nisso, claro, você não pensa nas consequências de seus atos, você age e pronto. Você é egoísta, mesquinho e mesquinho e sempre será!

Eu o ouvi como um ruído de fundo, como alguém ouvindo a canção de uma novela de rádio barata. Agora ele está planejando uma saída inesperada.
O conheço. Ele está morrendo de medo e tenta trapacear. Você está enganando a si mesmo. E tenho vontade de rir ao vê-lo tão intimidado. E se eles nunca nos encontrarem?, penso de repente enquanto ele fala e gesticula como um ator em uma tragédia de Shakespeare. Porque talvez ninguém pensasse em descer ao porão do porão da casa. Nesse caso, a posteridade estará errada. A data da minha morte, aquela que apareceu nos obituários dos jornais, não será a verdadeira e ninguém chorará por mim porque eu já havia morrido antes. Isso realmente me irrita. Todos têm o direito de ser lamentados em funerais. Vamos, me mate agora!, grito, levantando-me teatralmente e oferecendo-lhe meu peito. Estou farto de tanta comédia, de tanta procrastinação. Mas ele abaixa o revólver visivelmente nervoso. Não é tão fácil, Bárbara, não posso te matar porque te amo. Mentiroso, digo a mim mesmo, mentiroso, mais do que mentiroso. Talvez se você colaborar ainda tenhamos uma saída. Covarde, mais que covarde, digo a mim mesmo. Ainda há uma saída.

Cerro os punhos e calo a boca. Você não pode fazer isso comigo agora, você não tem o direito de me fazer sofrer mais. Eu estava pronto.

Machine Translated by Google

Eu quero acabar com toda essa merda. Agora! Eu quero morrer de uma vez. Bárbara, escute. Eu cubro meus ouvidos porque não quero ouvir. Bárbara, ouça bem o que vou te dizer, linda.

E comecei a chorar de puro desespero.

Machine Translated by Google

24. Eva Carrasco

Há alguns minutos, Eva não reconheceu a mulher que saiu do escritório com algumas chaves na mão, vestida com uma calça de lã bege e uma camisa marrom. Não reconheceu sua maneira de andar ou seus gestos precisos ao discar um número de telefone e esperar de cabeça erguida e com certa impaciência que alguém atendesse do outro lado da linha. Era Nuria Solís, mas ela também não identificou seu tom de voz ao falar pelo cabo. Elisabete, preciso de você. Pegue o carro e venha imediatamente. Deixo os gêmeos na casa de Lourdes, a vizinha do segundo andar, com uma muda de roupa. Quando você chegar, leve-os para Bilbao com você. Eu quero que você fique longe por alguns dias. Eu vou explicar. E sem nem esperar que Elisabeth saísse de seu estupor, ela já havia desligado o telefone e ido direto para o banheiro dos meninos. Ele saiu alguns minutos depois com as abotoaduras e uma bolsa esportiva no ombro e desapareceu do apartamento por alguns instantes. Depois de um tempo ele voltou e fez outra ligação. Desta vez mais ambíguo, mais conciso. Boa noite, sou Nuria Solís, da enfermaria de ginecologia. Por favor, deixe-me saber que não irei trabalhar. Se Depois de desligar, respirou fundo, vestiu um casaco marrom três quartos, pendurou a bolsa no ombro, depois de verificar se as chaves que havia colocado alguns minutos antes estavam lá , e ela disse: Venha comigo. O queixo de Eva caiu. Essa mulher não pode ser Nuria Solís, pensou imediatamente. Não pode ser a mesma mulher que abriu a porta para ele esta manhã com os olhos baixos e a voz quebrada. Agora ela parece mais alta, mais forte, ainda mais jovem. Sinto muito, mas não podemos sair, ele se desculpou rapidamente. O subinspetor Lozano me mandou esperar aqui sem fazer nada.

A nova Nuria Solís olhou para ela apenas uma vez. Como quiser, se não quiser me acompanhar, pedirei um táxi. E saiu sem esperar por ela, da mesma forma que não esperou a resposta da irmã ou da telefonista do Hospital das Clínicas que a atendeu.

Eva desconfia que Nuria Solís mudou sua fisiologia. Ela não é mais uma mulher de carne e osso. Ela é uma morta-viva, um zumbi que ressurgiu de suas cinzas, um ser feito da matéria dos deuses, imune à dor, à empatia, aos obstáculos. Uma espécie de fantasma. engolir

Machine Translated by Google

saliva. E os fantasmas, conclui, não podem ser detidos porque atravessam as paredes e vão até onde querem. Nesse caso, ele preferiu ficar do lado dela e a seguiu como um cachorrinho. Você tem uma carteira de motorista e um carro, certo? Sim, Eva respondeu imediatamente. Bem, eu preciso que você me leve onde eu vou te dizer. Eu vou te mostrar.

Eva está dirigindo há quase uma hora e não cometeu nenhum erro. Nuria Solís tem dado a ele todas as ordens precisas sem hesitar por um momento. À direita. Percorrer. No próximo semáforo vire à esquerda.
Eles deixaram a autoestrada de Girona na saída Sant Celoni e entraram em estradas rurais conhecidas como a palma da mão. Eva não perguntou, mas ela sabe que eles estão indo para a fazenda. Foi lá que Bárbara passou o verão de agosto e para onde ela a convidou mais de uma vez. Uma quinta do século XIX em plena serra, rodeada por uma eira, um pomar que já não se cultiva, e campos abandonados com quatro amendoeiras dispersas e algumas oliveiras centenárias.

Engolir. Deve ser onde Bárbara esteve trancada esse tempo todo, ela pensa. Vamos para a casa da fazenda, certo? Nuria Solís fala como um autômato, sem olhar para ela. Venho verificando os pedágios das rodovias e quase todos os dias, há anos, Pepe faz esse percurso, diz sem emoção. Eva acelera e fica arrependida porque deveria ter falado com o subinspetor Lozano há um tempo.

Devíamos chamar a polícia, propõe em voz alta, mas Nuria Solís não lhe dá ouvidos. Você sabe por que não posso dirigir?, soltou do nada. Disse-me que tomar os comprimidos seria perigoso e que não valia a pena renovar o cartão. Ela não queria mais que ele colocasse os pés em casa, ela deixa escapar com raiva repentina. Isso trará de volta muitas lembranças, o primeiro verão me sugeriu. O melhor seria vendê-lo, comentou sem ênfases indevidas. Ele disse isso sabendo que eu nunca venderia esta casa.

Eva fica em silêncio e escuta, e deixa Nuria Solís desabafar. Necessita-o.
Ele permaneceu em silêncio por muitos anos e, uma vez que começou a falar, é como uma garrafa de refrigerante agitada, efervescente e raivosa. Ele me obrigou a tomar os comprimidos e, naturalmente, acompanhou-me ao psiquiatra e deu-lhe um diagnóstico detalhado do meu caso. Segundo Pepe, ele sofria de depressão profunda e tinha tendências paranoicas. Dei pouco trabalho ao psiquiatra. Ele já trouxe o dever de casa feito. Ele respira fundo, inspira profundamente porque dói. E eu acreditei. Suspiros. Todo esse tempo eu acreditei nele pelo valor de face. E eu estava grato a ele porque ele assumiu o comando do

Machine Translated by Google

compras, o cachorro, a casa, minha saúde... e o caso da Bárbara. E quando ela diz Bárbara, Eva percebe como seu tom aumenta, para dizer seu nome bem alto e se convencer de que está viva. Você sabe a diferença entre um viciado e um doente?, pergunta com um tom diferente na voz.
Aguarde alguns instantes que se tornam eternos. Que o viciado pode deixar de ser viciado a qualquer momento e o doente não. É tão simples quanto estalar os dedos e dizer basta. Acabou-se. Então parei de fumar. Dito isto, eu já era um ex-fumante. E aí tudo que estava fora de foco voltou a ser focado, tudo que eu achava que estava fazendo porque queria era consequência do vício. Nuria Solís interrompe seu discurso para orientá-la. Vire à direita, aqui, tudo bem, continue em frente. Eva a observa retesar as pernas e arquear as costas, como um gato antes de pular.

Já estão perto de casa e Núria baixa o vidro do carro apesar do frio e deixa o vento emaranhar-lhe os cabelos. Ela permanece em silêncio por um longo tempo até que o silêncio se quebre novamente. As revelações são instantâneas, ela continua devagar, como se falasse consigo mesma. Eles não precisam de interpretações. De repente você vê tudo que estava escuro, o que ficou na sombra, borrado, escondido, exatamente como um filme antigo que não significa nada até que as imagens sejam reveladas.
E onde parecia haver manchas, surgem as imagens, onde sempre estiveram, mas fora do alcance do olho humano. De um momento para o outro tudo se torna nítido, claro, reconhecível. Eva acena com a cabeça com os olhos grudados no para-brisa e as mãos no volante, sem se distrair da direção. Isso prova que ele está certo. Ela também finalmente conseguiu iluminar os cantos escuros do verão de Bárbara e fica abalada com a revelação. Ela admirava Pepe Molina, considerava-o um homem respeitável e sério. Se Bárbara tivesse contado, ela não teria acreditado, teria ficado do lado do pai e considerado a amiga uma mentirosa compulsiva. já pedi

Pepe Molina para colocá-lo em seu bolso. Pobre Bárbara, ele disse a ela. Minha filha não está bem da cabeça, ela inventa histórias. Tenho medo de sua saúde mental. Ela se preparou para uma possível confissão da amiga e agora entende que Bárbara terminou com ela por esse motivo. Tente imaginar quantas garotas como Bárbara devem viver no escuro e condenadas ao silêncio.
Nuria Solís levanta a mão. Pare, pare aqui! E Eva para. Ainda não chegaram ao portão, estão a cerca de duzentos metros da casa, caminhando por um caminho ladeado de azinheiras, mas é mais sensato estacionar o carro longe para que ele não os ouça. Nuria Solís abre a porta do carro e

Machine Translated by Google

sai. Você pode voltar agora, ele ordena. Eva abre os olhos em choque. Eu não vou deixar você ir sozinho. Nuria Solís não a espera e começa a caminhar em direção à fazenda, resoluta. Eva bufa atrás dele depois de trancar o carro e desligar as luzes. Espere! Espere! Nuria aponta para o portão de ferro à entrada, uma filigrana modernista cujo motivo é um dragão enrolado no corpo de uma jovem. trágica premonição. Foi forjada pelo bisavô, ele era ferreiro, diz com orgulho, empurrando com cuidado para não ranger. Agora caminhe com mais cautela. Eles estão cientes da situação e ao entrar na eira são recebidos pela silhueta do Passat recortada pela lua minguante. Até agora tudo era uma suposição, mas nesses momentos tornou-se uma certeza, diz Eva para si mesma tanto ou até mais

chocada que Nuria Solís. Ele está dentro da casa da fazenda, assim como Bárbara. E suas pernas tremem ao pensar nela. Nuria caminha desajeitada até o carro estacionado e se encosta nele, desmaiando. Eva a ajuda e pega sua mão, gelada, gelada, ambas chocadas com a revelação repentina. E ali, encostada no carro e olhando para o céu estrelado, Nuria murmura baixinho: Há demasiados anos que não ignoro as minhas intuições. Antes, eu me deixava guiar por eles. Senti que a felicidade era alcançada perseguindo sonhos. Sonhava em ser médica, sonhava em viajar, sonhava em ter uma filha livre, independente, orgulhosa de ser mulher. Suspiros. Já vivi o suficiente para confirmar que minhas intuições estavam corretas. E de repente ele se levanta e passa a mão nos olhos, talvez molhados, e morde os lábios. Embora ele os tenha matado, ele finalmente acrescenta. Então, ela abre a bolsa, pega as chaves e se vira para Eva. Vá embora, ele ordena. Eva hesita, mas a obedece. Você sentiu uma determinação que não vai parar em nenhum argumento. Você não pode fazer nada além de pedir ajuda.

Nuria Solís não se move um centímetro até que Eva dê meia-volta e se dirija ao carro. Eva vê como ela anda bem devagar e com mão firme enfia a chave na fechadura, delicadamente, sem medo. Afinal, é a sua casa. A casa que herdou dos pais, onde passou os verões da infância, a casa que conhece como a palma da mão e para onde nunca mais quis voltar porque lhe lembra muito Bárbara.

Eva pega o celular e disca o número de Salvador Lozano.

Machine Translated by Google

25. Salvador Lozano

Salvador Lozano se irritou com o GPS e deixou de obedecê-lo ao perceber que ele o mandava de volta à rodovia. Talvez o satélite não estivesse localizando a casa da fazenda corretamente. Maldito GPS do nariz, ele pensa.
Cale a boca agora!, ele vaia a voz metálica quando repete pelo tempo infinitesimal que na próxima oportunidade, mude de direção e volte para a rodovia.
Não vou voltar para a estrada, idiota!, responde. E então ele faz o que deveria ter feito antes: desliga o aparelho e para o carro. Ele se sente ridículo por brigar com um pedaço de lixo. E ele está chateado principalmente porque foi culpa dele. Ela lembra que aconteceu exatamente a mesma coisa com eles da outra vez e eles ficaram dando voltas e voltas até que ela decidiu ligar para Pepe Molina e ele disse a eles como chegar lá. Talvez por isso os esperasse com o palco todo pronto e o sorriso nos lábios, o miserável. Ele tem certeza de que a casa da fazenda está próxima, mas desta vez ela o surpreenderá. Tem a sensação de que está chegando, mas se pergunta: é possível se orientar à noite e sem mapa?

E em resposta à sua pergunta desesperada, seu celular toca e ela não consegue acreditar no que Eva Carrasco está explicando para ela. Como dizes? Que Nuria Solís entrou sozinha na quinta e ele está lá dentro? É uma loucura. Pegue o volante para pensar com clareza. E onde está você agora? Ao ouvir isso na estrada a cerca de duzentos metros de casa, ele tem uma ideia brilhante.

Ele acende as luzes do carro, ordena que ele saia do veículo e depois de um tempo estreitando os olhos e olhando para longe, ele os vê. Certo, grite no celular. Vire-se e volte pelo caminho.
Em muito pouco tempo nos cruzaremos. Não pendure. Se eu te perder, aviso e você para. De acordo? O subinspetor Lozano, ao percorrer com dificuldade os bosques de Montseny, toma o cuidado de consultar o relógio e verificar se continua cumprindo suas funções. São 23h24. Foda-se, Sureda!, ele sussurra.

Machine Translated by Google

26. Núria Solis

Nuria Solís tateia seu caminho. Ele não quis acender a luz e na verdade não precisa dela porque conhece a casa de cor. Quando criança, ela corria para cima e para baixo no escuro, fazendo barulho e esbarrando nas cadeiras, sem se importar se conseguia se ver ou não. Naquela época não havia luz elétrica, mas ela não tinha medo do escuro. Elisabeth o fez, e quando eram apenas os dois e o sol se punha no horizonte sem nenhum adulto por perto para acender as luzes a gás, ela se agarrava às pernas e choramingava. Nuria Solís afasta as lembranças balançando a cabeça, como se fossem moscas insolentes que a cercavam com seu zumbido irritante. Mas não o faz com força suficiente. De surpresa, voltam os velhos cheiros. O cheiro a pão com vinho e açúcar, a sopa de tomilho, a pêssego acabado de colher, a amêndoa torrada, a bolor. Os cheiros obscurecem seus sentidos e a levam de volta ao passado, um passado em que ela teve pais e abrigo, caminhou com passos seguros e sempre encontrou uma mão firme para se segurar. Foi então que ela começou a cambalear, a duvidar de seus instintos e a temer o escuro. Não tem sido útil para seus filhos. Bárbara também procurou a mão que sempre teve ao alcance e não a encontrou. Em vez de uma mãe corajosa, ela teve a sorte de ter uma mãe medrosa que escondeu a mão e a deixou órfã. Culpa de novo, a maldita culpa que volta me incomodando. Arrependimentos. E ele sabe que se culpar não o levará a lugar nenhum. Essa culpa paralisa e justifica, que é o antídoto para a ação. Procure pensar positivo e expulsar a culpa que Ele tem administrado a você dia a dia, como um veneno lento e mortal diluído em suas palavras. Não estou doente, não sou culpada, ela diz a si mesma. Ela quer pensar em outra coisa e procura desesperadamente algo em que se agarrar, e imagina como será Bárbara quatro anos depois, se ela terá crescido, se sua fisionomia terá mudado, se ela ainda terá a covinha na bochecha quando ela ri, se ela ainda tiver cílios macios e sombras que emolduram seus olhos cor de mel, grandes, abertos, olhando o mundo com curiosidade. A alma encolhe-se ao pensar que viram apenas quatro paredes nuas e a mesma fisionomia. Ela vai conhecer uma mulher e pode não estar pronta, reflete com um toque de preocupação. Mas é Bárbara, ainda é Bárbara, a namorada dele. Ele sente como suas vértebras rangem só de pensar no sofri

Machine Translated by Google

e ele sabe que, por mais que tente, nunca será capaz de compartilhar um pingo da dor de Bárbara.

Ele caminha até o cano atrás da despensa da cozinha.
Ele sabe que desce ao porão e se comunica com o porão. Ele para e escuta, encostando o rosto no chumbo, que é frio e gela seu coração. Sim.
Ele ouve vozes vindo do porão. Ele tira os sapatos e os deixa no mármore porque teme que talvez o leve som que faz ao caminhar os alerte.
Ela ouvia tudo quando criança. Distinguiu os passos do avô, o coxear da avó, as rodas da carroça e o bater alegre dos calcanhares da mãe. Ele se esforça para ouvir até que suas pernas cedam quando ele distingue uma voz esganiçada, de menina ou de mulher. Bárbara talvez? Claro. Não pode ser mais ninguém, diz a si mesmo. E o sangue corre mais rápido porque é verdade que está vivo.
Ela não sonhou, sua filha ainda está viva e apenas alguns metros os separam. Ao ouvir sua voz, seus braços queriam envolvê-la completamente e segurá-la com força.

Aos poucos, os olhos vão se acostumando com a pequena fresta de luz que entra pela janela. Já percebe as silhuetas dos armários, os objetos deixados sobre o mármore, as seis cadeiras de carvalho, a mesa com a toalha quadriculada. Passe a mão e acaricie os objetos familiares. A jarra de vidro, as colheres de pau. Objetos que compartilharam a solidão com sua filha, mas que nunca poderão voltar esses quatro anos sem ela. Os longos e intermináveis anos roubados, uma vida dentro de outra vida, sem tocá-la, sem vê-la, sem ouvir sua voz ou cheirar sua pele. Pense nas mentiras, no engano, no fingimento e na hipocrisia que viveram sob seu teto todo esse tempo. E a raiva a inunda. Por que nem ela nem ninguém percebeu a máscara atrás da qual Pepe se escondia?

Quantos homens como ele escondem vidas condenáveis por trás de máscaras respeitáveis? Ela abre a gaveta de talheres e tateia em busca de uma faca.
É uma grande faca de cozinha, daquelas de cortar frango. Ele está indo bem.
Bárbara está viva, ela se repete, ainda está viva. e com esse sentimento
Ele abre a porta da cozinha e começa a descer as escadas.

Machine Translated by Google

27. Bárbara Molina

Em poucos minutos minha vida virou como uma meia. Estou fazendo minha mala. Vou sair daqui e voltar a ser uma pessoa normal.
Andarei pelas ruas de uma cidade desconhecida, sentirei o ar e o sol na pele, ouvirei o barulho de vozes, verei outros rostos, mas ninguém apontará o dedo para mim porque não me conheça. Vou parar em frente às vitrines, vou folhear as roupas da estação e vou escolher a mais berrante, a mais chamativa, a que tem as cores mais estridentes. Vou experimentar vestidos, calças, camisetas e sapatos, muitos sapatos, para caminhar, correr, pular. E quando me cansar de passear pela minha nova cidade, sento-me na esplanada de um café, a uma mesa redonda salpicada de luz, sombreada por umas bananas, e peço um gelado de baunilha e chocolate. Vou lambê-lo aos poucos, com voracidade, fechando os olhos e sentindo como se derrete suavemente na minha boca, e vou sujar o nariz sem querer, como sempre me acontece. E eu vou rir. Voltarei a rir, irei ao cinema, tocarei nos livros da livraria, pegarei um ônibus, lerei as manchetes de um jornal, prepararei um ovo frito na cozinha de janela aberta com vista para uma rua cheia de carros. música a todo vapor. Vou engolir todas as novas séries de televisão que foram lançadas durante esses anos. Vou subir ao topo de uma montanha para ver o sol nascer e esperar até que o horizonte fique vermelho, como uma queima de fogos. À noite contarei as estrelas que pendem do céu e me banharei ao luar.

E eu vou ver o mar.

Ele me prometeu que iremos para uma cidade à beira-mar, com praia.
Não me importa que mar seja. O Mediterrâneo, o Atlântico, o Pacífico.
Vou viver de frente para o mar e o azul intenso da água será a primeira coisa que verei ao me levantar. Vou comprar um biquíni novo, o mais lindo, e de madrugada, quando ainda estiver fresco, coloco uma camiseta e vou para a praia me cobrir de areia branquinha, até o sol esquentar. Então vou pular e correr para a água e mergulhar conforme a onda se aproxima, crista de espuma branca no alto, desaparecendo sob a água com os olhos bem abertos, cercado por peixes, algas marinhas. Aos domingos alugaremos um veleiro e navegaremos pelo mar

Machine Translated by Google

dentro. Eu vou assumir o leme. E ninguém vai me conhecer. Ele me prometeu que nunca mais me machucaria e que não colocaria as mãos em mim. Ele me jurou que terei meu quarto, minha chave, minha liberdade. Ele chorou e me pediu perdão, está realmente arrependido e me ama. Você não quer me machucar. Ele quer que eu viva e seja feliz e é por isso que lhe dei uma chance.
A última.

Se eu for descoberto, vou traí-lo e condená-lo à prisão. E um inferno *de flashes* e constrangimento me espera . A reprovação permanente um do outro e o vazio da família. Não tenho mais nenhum lugar neste mundo que deixei para trás no dia em que decidi fugir. Por isso vamos procurar outro à nossa medida. Quero viver. Agora sim, quero viver uma nova vida, com uma nova identidade. Eu quero outra chance e ele vai me dar porque ele me deve, porque ele mudou, porque ele é outro, porque eu fui tão corajosa que ousei enfrentá-lo e ensiná-lo que a violência não resolve qualquer coisa. E ele tem entendido isso. Algo se quebrou dentro dele e ele chorou como uma criança, ajoelhado aos meus pés, com a cabeça no meu colo, encharcando meus sapatos de lágrimas e me implorando para perdoá-lo, para não abandoná-lo agora, quando ele mais precisa de mim. Sou a única pessoa no mundo que realmente se importa com ele e a única que pode ajudá-lo a sair do buraco. Você é forte, Bárbara, muito forte, e eu preciso de você.

Desta vez não estou errado. Pela primeira vez sei que posso encontrar uma fresta de luz e subir nela para me tirar daqui e da escuridão. Sinto que renasce a ilusão que pensei perdida. Sinto que finalmente encontrarei a paz. E pego apressadamente as poucas roupas que tenho e as coloco amassadas, de qualquer jeito, numa sacola, pego o frasco de xampu, a escova de dente, o pente, a chapinha, a espuma, o esmalte e o creme hidratante e guardo tudo dentro de mim enquanto penso que estou livre, vou para bem longe. E estou tão feliz que mal posso acreditar.

De repente a porta se abre e uma mulher entra. Ela tem cabelos brancos e é muito magra, tem sulcos ao redor dos olhos e tem uma faca de cozinha nas mãos. Ele me encara como se tivesse visto um fantasma e me chama de Bárbara. Continuo imóvel, sem reagir. É a mamãe, mas não a reconheço. Ela mudou tanto, suas bochechas estão encovadas e sua pele amarelada, mas apesar de tudo ela parece mais alta, mais forte, e nesse momento ela sorri e diz novamente Bárbara. E suas pernas tentam correr em minha direção enquanto seus braços se abrem querendo me abraçar. Mas não pode.
Ele está no meio de ambos e nem ela nem eu podemos nos tocar. eu vejo os braços

Machine Translated by Google

da mãe com quem sonhei tantas noites e quero correr para ela e enterrar a cabeça em seu peito para ouvir o tique-taque de seu coração e sentir a carícia de suas mãos alisando o cabelo de minha testa, quente, reconfortante, amorosa . Mas não consigo me mover porque minhas pernas não respondem a mim. Eu olho para ela horrorizada e procuro em seus olhos por desprezo, vergonha, rejeição. Eu não consigo encontrar. Debato por alguns segundos que parecem eternos entre o desejo e o medo. Até que a voz de El quebra o silêncio. O que faz aqui? Largue essa faca! Mas mamãe não o ouve, nem olha para ele quando ele fala. Ele apenas olha para mim e sua voz sobrepõe-se à sua voz, mais firme do que a sua voz. Bárbara, venha, diz ele.
Mas Sua voz se sobrepõe, com uma cantoria irônica. Você já estragou tudo. Agora já tínhamos resolvido, certo, Bárbara? E não sei qual ouvir. Ele insiste. Agora, por causa de sua mãe, não tenho escolha.

E o mundo cai sobre mim. Não poderemos mais ir a nenhuma praia, não verei mais o mar nem subirei ao alto de uma montanha para ver o sol nascer. Vamos, Bárbara, ela insiste, com uma firmeza inesperada. Para onde ele quer que a gente vá?, eu me pergunto. Eu não tenho para onde ir. Eu choro em silêncio. Ele não quer ir com você. Você não vê?, ele responde amargamente. E ele me pede para ratificá-lo. Diga a ele que você está aqui porque o queria. Meu estômago está embrulhado. Não sei o que fazer. Tudo oscila. Não sei onde me segurar e mamãe está longe, ela está fraca, e não consegue tirar minha mão desse buraco. Vá embora!, digo com relutância, como sempre fiz. Não vou embora, Bárbara, responde ele asperamente. Então eu fico com raiva. Onde você esteve todo esse tempo? Por que você não me levou para sair há quatro anos? Por que você deixou que Ele me batesse, me estuprasse, me deixasse passar fome, me humilhasse? E fico com a raiva que já tinha antes, quando a joguei fora ao perceber que ela estava olhando para o outro lado e não queria ver o que estava acontecendo. Deixe-me!, grito. Você não consegue entender isso! Saia de uma vez!

Mas mamãe não se encolhe, não baixa os olhos nem se vira quando vê que a rejeito. Em vez disso, ele dá um passo à frente e me oferece a mão. Sim, eu te entendo, eu te entendo muito bem. Claro, eu te entendo! Vem comigo. E ele quis dizer isso tão a sério que dei um passo inconsciente em direção a ela, mas esbarrei nele e em suas palavras desdenhosas e venenosas. Você é patética, Núria. Dá pena. Você já se olhou no espelho? Você é uma velha fracassada, uma mãe ruim, seus filhos não te respeitam. Você não pode ouvir sua filha pergun

Machine Translated by Google

que você vai? Não nos faças figura, dá-me a faca, sobe de novo e espera-me, ordena ele, seguro de si, da sua autoridade, da sua ascendência sobre a pobre mamã, que sempre lhe prestou atenção em tudo. Paro de respirar por um momento, angustiado, reconhecendo as palavras que já ouvi milhões de vezes. Palavras que anulam, que machucam, que marcaram a ela e a mim e aos poucos nos envenenaram. Mamãe sempre desistiu, aceitou a derrota e perdeu a batalha antes de começar. Eu a vi calar a boca muitas vezes, olhar para baixo, chorar docemente e se curvar aos insultos. Não, mamãe não vai conseguir com ele, ele é fraco. Afasta-te, Pepe, sai já da frente!, grita então a mamã, levantando a voz e dando um passo em frente, sem o ouvir, sem se intimidar, com a faca erguida e ameaçadora. Eu o sinto tremer, tão confuso quanto eu. Você está louca? Você me ameaça? Não me toque! Que pensas fazer? Enfiar a faca em mim, talvez? Mamãe não o escuta e me estende a mão esquerda sobre ele. Indiferente a ele. Vencedor absoluto deste duelo que tantas vezes presenciei. Vamos, Bárbara, diz ele calmamente. E eu instintivamente pego a mão dela e penso que acabou, que tudo acabou, que eu escolhi.

Porém, ele reage violentamente e sinto um puxão muito forte quando ele me agarra com as duas mãos e me joga contra a parede, com um empurrão. Sinto como meu corpo se espreme, range e cai. Fecho os olhos enquanto o grito de mamãe ecoa na escuridão. Golpeia, bate de novo, quer estourar e me esmagar como um rato, sinto suas botas batendo em minhas costelas, barriga, coxas. Tento me proteger com as mãos o melhor que posso, até que um chute mais forte que os outros me penetra no peito, rasgando minha carne como uma faca. E também ouço o grito da mãe correndo para ele e gritando para ele me deixar. E o choro de dor do pai, o choro de alguém muito ferido, e imagino que estão brigando e sorrio porque mamãe me defende. Não estou sozinho, digo a mim mesmo, há alguém que luta por mim, que não quer ser ferido. De repente, silêncio novamente.
Eu não gosto de silêncio. Ele não me bate mais, não ouço mais barulhos, mas me sinto muito fraca, e meu peito dói muito. Minha cabeça está nublada, tenho dificuldade para respirar e imagino que talvez esteja finalmente morrendo. e mamãe? Onde está a mamãe?, eu me pergunto. Então sinto uma mão que me segura forte e aquece meu coração. Faço um esforço e quando abro os olhos vejo mamãe agachada ao meu lado e sinto seus lábios beijando meu rosto, encharcando-o de lágrimas. Bárbara, Bárbara, não tenha medo, linda,

Machine Translated by Google

está tudo acabado E desta vez, sim, acredito nela de todo o coração porque sei que foi ela quem mudou e quem ganhou o jogo.

Pouco antes de perder a consciência, no entanto, vejo uma sombra surgir do chão atrás de mamãe e me lembro do revólver que ele havia deixado na cama. Quero avisar mamãe, tento avisar, me esforço para mexer os lábios. É inútil. Eu não posso mais falar.

Machine Translated by Google

28. Salvador Lozano

Salvador Lozano ouviu o primeiro tiro ao cruzar a porta que desce para o porão. Estou atrasado, ele se recrimina fatalisticamente enquanto amaldiçoa o GPS e saca sua arma de serviço. Ele desce os degraus de quatro em quatro, correndo o risco de capotar, mas, apesar da estreiteza da escada e dos cem quilos, consegue manter um equilíbrio precário e chegar no momento em que soa o segundo tiro. O silêncio é assustador e o faz temer que a vítima do tiroteio esteja morta. Bárbara? Núria Solis? Ele estremece com o espetáculo horrível que aparece diante dele quando ele chuta a porta do porão que foi usado como esconderijo. Ele assume o controle com um olhar sobre a situação. De pé, cambaleando ao lado de uma mesa de estudo encostada na parede, Pepe Molina se apoia com o revólver na mão direita enquanto com a esquerda luta para tirar uma faca de cozinha que está cravada em seu peito. No chão, protegendo com o corpo o da filha morta, Nuria Solís jaz banhada em sangue, alvejada. Pare!, grita Salvador Lozano com as pernas abertas e a pistola bem segura com as duas mãos, sabendo que Molina não vai parar, apesar de seu aviso. E atire simultaneamente nele antes que ele tenha tempo de puxar o gatilho novamente.

Boa pontaria, pensa quando Pepe Molina recebe o impacto de sua bala e grita de dor, virando-se para ele, mortalmente ferido ou gravemente ferido. Mas não presta atenção à direção da mão de Pepe Molina, que, antes de cair, consegue apontar para ele o cano do revólver e disparar, desta vez, a última bala.

Salvador Lozano sente uma pontada na barriga, leva a mão à barriga e percebe que a camisa amarela está manchada de sangue. O sangue jorra e encharca o chão. Ele estanca o sangramento como pode, tropeça na direção de Pepe Molina e com um chute certeiro consegue fazer a arma pular de sua mão. Então ele se inclina com uma careta e pega o revólver com cuidado. Molina parece morto, mas não confia nele nem um pouco. Lozano, afundado, continua a arrastar-se, pensando que me atrasei, me atrasei. E ele se agachou ao lado da mulher com o braço ensanguentado. Ao aproximar os dedos do pescoço para verificar o pulso, Nuria Solís levantou a cabeça para ele, abriu os olhos,

Machine Translated by Google

ele olha para ele e sorri. Bárbara está viva, diz ela sem reclamar dos ferimentos, indiferente à dor. Lozano respira aliviado e sua mão toca o rosto de Nuria Solís, parabenizando-a pela coragem. Ele é corajoso, tem sido muito corajoso e possivelmente evitou a tragédia. A faca que Molina carregava não se cravou. Salvador Lozano tira um peso dos ombros. Ambos estão vivos, repete-se. E faz as verificações in situ, embora comece a vacilar. Nuria Solís tem duas perfurações de bala no braço esquerdo e Bárbara tem o corpo escoriado e talvez uma costela quebrada que a fez desmaiar. Salvador Lozano arranca um pedaço da camisa e ajuda Nuria a colocar um torniquete no braço. E a mulher, pela segunda vez no mesmo dia, volta a dizer a palavra que nunca ouviu. Obrigado.

Você tem o suficiente. Ele se sente bem pago, embora o incomode por não ter podido chegar antes. Pelo menos ele conseguiu terminar o trabalho. Percebe que as pernas já não o sustentam e se joga ao lado de Nuria Solís e Bárbara, com a mão pressionada contra a barriga dela, agora vermelha de sangue. Num instante de lucidez ele percebe que é o fim. Sim. É uma perfuração estomacal fatal. Não tem remédio e vai sangrar até a morte sem solução. Ele deixou Eva do lado de fora, para alertar a patrulha de que está prestes a cair. Tudo correu muito bem, diz a si mesmo, e está feliz. Bárbara está viva, Nuria Solís está viva e ele encerrou o caso. Então ela sorri ao sentir como seu coração perde força e seus olhos se enchem de lembranças. E ele, eis que terá um bom fim, suspira, um fim heróico, embora nunca tenha sido herói. Pensando bem, ele saiu por cima, porque se salvou de comer a nojenta sopa de abóbora e não precisou fazer o pequeno discurso de noivado na frente de trinta idiotas bêbados que não querem ouvi-lo. Devem ter lembrado da mãe de Sureda, pensa divertido. Agora ele está respirando com dificuldade, mas não sente mais dor. Ele está indo embora, a vida está fluindo, mas ele já a viveu, plenamente, do jeito que queria e, além disso, diz a si mesmo para se consolar, também não estava com vontade de se aposentar e assim não vai. t tem que quebrar a cabeça procurando um hobby estúpido *para* matar as horas e ver o tempo passar. Sua esposa não vai sofrer vendo-o se enroscar em uma poltrona e murchar como um velho. E os filhos e netos ficarão orgulhosos do avô que morreu em um ato de serviço. E eles vão decorá-lo. Colocarão uma medalha em seu caixão e isso e a mesada de viúva e sua ficha limpa serão a lembrança que ela deixará para a família. O que mais eles podem pedir?

Nuria Solís percebeu que ela estava morrendo e se ajoelhou ao seu lado tentando estancar o sangramento. virá em breve

Machine Translated by Google

ambulância e ele vai ficar bem, ele mente misericordiosamente. Ele não a contradiz. Não importa, caso chegasse, ele já teria dado um tapinha. Não é tão difícil aceitar que se está deixando este mundo, pensa. Especialmente quando ele fez sua lição de casa e removeu o espinho de um arquivo não resolvido. Pede a Núria que o deixe ver Bárbara e Núria acena com a cabeça e levanta a cabeça da jovem, cheia de pancadas, mas serena. Ela é jovem, bonita e viva, dizem. Ela tem um futuro pela frente e, se for forte, vai superar e talvez esquecer tudo. Ele suspira e observa suas mãos tremerem e sua perna começar a convulsionar. Que horas são?, pergunta de repente a Nuria Solís, porque o seu braço já não responde e os seus olhos não conseguem ver os ponteiros do relógio. Faltam quatro para o meio-dia, responde Nuria Solís. Bingo!, ela canta baixinho, enquanto seu coração se abre de emoção. E ainda tem fôlego para sussurrar as últimas instruções a Nuria Solís. Acima de tudo, quando os fatos são reconstruídos, ele diz que entrei neste armazém antes do meio-dia. Ele vai se lembrar? É muito importante. Nuria Solís o tranquiliza e aperta sua mão, e Salvador Lozano acha bonito uma mulher segurar sua mão para sair do transe. Então você não se sente tão sozinho. Prefere a mão de Nuria Solís à mão de Sureda, admite. E ele o imagina pasmo, entrando pela porta e inaugurando sua primeira caixa com o cadáver de seu antecessor. Que sorte tem o podre, nasceu com uma estrela. A esperta matemática, de trinta e um anos, vai começar sua carreira entrevistada em todos os noticiários da televisão e encerrando um caso que há quatro anos coloca o país em xeque. Ele deixa o cargo em uma bandeja de prata, lamenta. E então ele tem um pequeno acesso de tosse, ou talvez uma risada. Mas a medalha vai para o cadáver dele, ele mexe, mesmo que os vermes o comam.

Foda-se, Sureda!, suspira zombeteiramente antes de dirigir o último pensamento à mulher, que o atura há tantos anos e que, como sempre, acaba se safando. Eu já disse a ele que a camisa amarela não era apropriada para aquela noite. Veja onde, ele vai morrer como Monsieur Molière, de amarelo e no palco.

Você sabe, as mulheres estão sempre certas.

Machine Translated by Google

OBRIGADO

A tarefa do escritor é escrever, mas em muitas ocasiões ele não poderia fazê-lo sem a ajuda inestimável de outras pessoas.

Aprofundar-se no campo das investigações policiais e dos abusos sexuais não teria sido possível sem a colaboração do Inspetor Jordi Doménech, chefe da Área de Investigação de Pessoas, da Divisão de Investigação Criminal de Mossos d'Esquadra; Pilar Polo, psicóloga especialista em abuso sexual e chefe de Treinamento da Fundação Vicki Beraadet; e o inspetor Xavier Hernández de Linares, chefe da Unidade Territorial da Polícia Científica dos Mossos d'Esquadra. Sua vasta experiência, suas lúcidas observações e seus bons conselhos me permitiram escrever o romance que você tem hoje em mãos. Obrigado a todos os três pelo seu tempo, gentileza e sabedoria.

Mil agradecimentos aos leitores que tiveram a paciência de ler os primeiros rascunhos, criticaram seus fracassos, me deram ideias brilhantes e me incentivaram a continuar tentando. Julia Prats, Maree Redondo, Marta Carranza e Mireia de Rosselló foram quem me ajudaram a delinear os personagens, corrigir os erros e alcançar a verossimilhança que eu buscava.

Agradeço a Anna Solé, minha agente literária, por sua energia e fé no projeto.

Obrigado também, sinceramente, aos membros do Júri de Premiação EDEBÉ de Literatura Juvenil, que optou por este romance arriscado.

E, por último, o meu agradecimento à editora Reina Duarte, que com o seu profissionalismo e entusiasmo irrepreensíveis contribuiu para melhorar o texto, a tradução e conseguir uma edição magnífica.

Fim